

ESTÂNCIAS TERMAIS CONTEMPORÂNEAS

Os casos de Vidago e Pedras Salgadas

Suse Margarida dos Reis Mariz

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura

Sob a orientação do Professor Doutor Joaquim de Almeida

Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra

Departamento de Arquitectura

Coimbra, Fevereiro de 2015



ESTÂNCIAS TERMAIS CONTEMPORÂNEAS

Os casos de Vidago e Pedras Salgadas

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Joaquim Almeida, pela orientação desta dissertação.

Aos meus pais, pelo incentivo e apoio incondicional.

Às minhas irmãs por estarem sempre perto mesmo quando mais distantes.

Ao Pedro, por ser o meu principal pilar, pela alegria, ajuda, motivação e apoio em todos os momentos, imprescindíveis à realização desta dissertação.

À Graça, um carinhoso obrigada pela leitura cuidada e sua preciosa participação na fase final desta dissertação.

À Marta e à Teresa por serem os meus raios de sol em dias mais cinzentos.

A todos os meus amigos que fazem parte da minha vida, pela amizade e apoio.

Resumo

Quem hoje ouve falar em estâncias termais não imagina edifícios com fachadas magníficas, galerias esbeltas, grandes salões de baile, salas de jantar e de piano, parques românticos e casinos. Mas esta descrição corresponde a um momento da história do termalismo em Portugal. É essa história que este trabalho visita, tendo como foco as respostas da arquitetura às mudanças culturais e económicas, à evolução tecnológica, às exigências de saúde pública e, mais recentemente, às ameaças que são o abandono, a degradação e o esquecimento. Num momento em que o país luta com a falta de meios e procura soluções adequadas à reabilitação de edifícios históricos, este trabalho centra-se nas intervenções de Álvaro Siza Vieira em Vidago e Pedras Salgadas que permitiram revitalizar estas duas estâncias termais. Ao analisar estes dois casos específicos é possível concluir que a arquitetura desempenha hoje um papel fundamental no poder de atração de turistas e na manutenção de uma memória histórica nacional. Esse objectivo é alcançado com intervenções que permitam modernizar os edifícios preservando o património e valorizando as pré-existências, que estabeleçam relações entre o antigo e o novo.

Palavras-chave: Reabilitação, Património, Estâncias Termais, Vidago, Pedras Salgadas, Álvaro Siza Vieira.

Abstract

Who today hear about thermal spas cannot imagine buildings with magnificent façades, slender galleries, large ballrooms, dining rooms and piano rooms, romantic parks and casinos. But this description refers to a time in the history of Hydrotherapy in Portugal. This is the history that this work treats, focusing on the architectonic answers to the cultural and economic changes, technological evolution, public health requirements and, more recently, the threats of abandonment, degradation and oblivion. At a time when the country struggles with the lack of resources and seeks appropriate solutions for the rehabilitation of historic buildings, this work focuses on Álvaro Siza Vieira's interventions in Vidago and Pedras Salgadas that allowed the revitalization of these two thermal spas. In analysing these two specific cases it is possible to conclude that architecture today plays a key role in tourist attraction and in maintaining a national historical memory. That purpose is achieved with interventions that allow the modernization of buildings preserving its heritage and valuing the preexistence, establishing relations between the old and the new.

Keywords Rehabilitation, Heritage, Thermal Spas, Vidago, Pedras Salgadas, Álvaro Siza Vieira.

Índice

Índice de Figuras	10
INTRODUÇÃO	28
PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: AS ESTÂNCIAS TERMAIS E AS ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO	32
1. A origem das estâncias termais	32
2. As estâncias termais em Portugal	36
3. Alterações programáticas nas estâncias termais	52
4. Abordagem arquitetónica das estâncias termais na contemporaneidade	70
5. A problemática da recuperação de estâncias termais obsoletas em Portugal	76
6. Reabilitação de edifícios	82
7. Estratégias projectuais de Álvaro Siza	86
PARTE II – OS CASOS DE ESTUDO: ESTÂNCIAS TERMAIS de Vidago e DE PEDRAS SALGADAS	96
1. História das estâncias termais de Vidago e Pedras Salgadas	96
1.1. História de Vidago	96
1.2. História de Pedras Salgadas	118
1.3. A História comum na recuperação de Vidago e Pedras Salgadas	128
2. Planos de intervenção em Vidago e Pedras Salgadas de Álvaro Siza	138
2.1. Caso de Vidago	142
2.1.1. Vidago Palace Hotel e Estabelecimento Termal	142
2.1.1.1. Memória	142
2.1.1.2. Forma/Função	146
2.1.1.3. Tectónica	160
2.1.2. House Club de Golf de Vidago	162
2.1.2.1. Memória	162
2.1.2.2. Forma/Função	162
2.1.2.3. Tectónica	164
2.2. O Caso de Pedras Salgadas	168
2.2.1. Balneário em Pedras Salgadas	168

2.2.1.1.	Memória	168
2.2.1.2.	Forma/Função	174
2.2.1.3.	Tectónica	176
2.2.2.	Piscina em Pedras Salgadas	184
2.2.2.1.	Forma/Função	184
2.2.2.2.	Tectónica	184
2.2.3.	Lago	192
CONSIDERAÇÕES FINAIS		194
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		206

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1 . Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p. 100
- Figuras 2 e 3. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p. 101
- Figura 4. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p. 49
- Figura 5. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.23
- Figura 6. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.38
- Figura 7. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.47
- Figura 8. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.39
- Figura 9. Carreiro, J. F. (2004). *Vidago: origens e instituições*. Vidago: Junta de Freguesia. p.61
- Figuras 10 e 11. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.270
- Figura 12. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.108
- Figura 13. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.121
- Figura 14. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.274 e 275
- Figura 15. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p. 299
- Figura 16. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.75
- Figura 17. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.29
- Figura 18. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.33

- Figuras 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.82
- Figura 26. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.81
- Figura 27. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.124
- Figura 28. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.119
- Figura 29. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.90
- Figura 30. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.36
- Figura 31. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.87
- Figura 32. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.86
- Figura 33. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.91
- Figura 34. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.48
- Figuras 35, 36 e 37. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.90
- Figuras 38, 39, 40, 41, 42 e 43. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.93
- Figuras 44 e 45. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.95
- Figura 46. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.94
- Figura 47. Siza, Á. (2009). *Uma questão de medida (entrevista com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin)*. Lisboa: Caleidoscópio. p. 278
- Figura 48. Siza, Á. (2009). *Uma questão de medida (entrevista com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin)*. Lisboa: Caleidoscópio. p. 246
- Figura 49. Siza, Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. p.102
- Figura 50. Siza, Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. p.126
- Figura 51. Siza, Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. p.110
- Figura 52. Siza, Á. (2009). *Uma questão de medida (entrevista com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin)*. Lisboa: Caleidoscópio. p. 197

- Figura 53. Siza Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. p.36
- Figura 54. Siza Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. p.38
- Figura 55. Siza Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. p.42
- Figura 56. Siza Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. p.46
- Figura 57. Siza Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70. p.96
- Figuras 58, 59 e 60. <https://maps.google.com/>
- Figura 61. Pereira, M. J. (1971). *Cem anos de história e progresso de um povo (Vidago)*. Lisboa: Oficinas de S. José. p.11
- Figura 62. Pereira, M. J. (1971). *Cem anos de história e progresso de um povo (Vidago)*. Lisboa: Oficinas de S. José. p.22
- Figura 63.
<http://www.delcampe.net/items?catLists%5B0%5D=18215&language=E&searchString=&page=1&useAsDefault=N&layoutForm%5Blistitemsperpage%5D=50>
- Figura 64. Carreiro, J. F. (2004). *Vidago: origens e instituições*. Vidago: Junta de Freguesia. p.32
- Figura 65. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.37
- Figuras 66, 67 e 68. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.196
- Figura 69. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.197
- Figura 70. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.64
- Figura 71. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.65
- Figura 72. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.196
- Figura 73. Arquivo pessoal da autora
- Figuras 74 e 75. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.200
- Figuras 76 e 78. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.201
- Figura 77. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.62

- Figura 79. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.63
- Figura 80. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.203
- Figura 81. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.204
- Figuras 82, 83, 84, 85, 86 e 87. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.205
- Figura 88. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.61
- Figura 89. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.76
- Figura 90. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.77
- Figura 91. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.78
- Figura 92. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.80
- Figura 93. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.79
- Figura 94. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.81
- Figura 95. <http://vidagoimagens.blogspot.pt/search?updated-min=2012-01-01T00:00:00Z&updated-max=2013-01-01T00:00:00Z&max-results=50>
- Figura 96. Carreiro, J. F. (2004). *Vidago: origens e instituições*. Vidago: Junta de Freguesia. p.99
- Figura 97. Carreiro, J. F. (2004). *Vidago: origens e instituições*. Vidago: Junta de Freguesia. p.61
- Figura 98. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.220
- Figuras 99 e 100. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.221
- Figura 101. *Vidago: origens e instituições*. Vidago: Junta de Freguesia. p.83
- Figura 102. *Vidago: origens e instituições*. Vidago: Junta de Freguesia. p.34

- Figura 103. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.73
- Figura 104. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.291
- Figura 105. <http://retratosdeportugal.blogspot.pt/2009/10/vidago-piscina-da-estancia.html>
- Figura 106. http://retratosdeportugal.blogspot.pt/2014_08_01_archive.html
- Figura 107. Arquivo pessoal da autora
- Figuras 108 e 109. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.296
- Figura 110. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.297
- Figura 111. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.100
- Figura 112. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.89
- Figuras 113, 114, 115, 116 e 117. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.117
- Figura 118. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.97
- Figura 119. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.93
- Figura 120. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.92
- Figura 121. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.96
- Figura 122. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.98
- Figura 123. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.99
- Figura 124. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.95
- Figura 125. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.94
- Figura 126. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.88

Figuras 127, 128, 129 e 130. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.173

Figura 131. Arquivo pessoal da autora

Figura 132. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.85

Figura 133. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.91

Figura 134. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.87

Figura 135. Arquivo pessoal da autora

Figura 136. Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim. p.101

Figura 137. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.291

Figura 138. <http://www.delcampe.net/page/item/id,96920958,var,Portugal-Cor-7392-%E2%80%93PEDRAS-SALGADAS--PISCINA-SWIMING-POOL-PISCINE,language,F.html>

Figura 139. Arquivo pessoal da autora

Figuras 140 e 141. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.331

Figuras 142 e 143. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.333

Figura 144. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.334

Figuras 145 a 154. Arquivo pessoal da autora

Figura 155. www.bing.com/maps/

Figura 156. <http://www.pedrassalgadapark.com/pt/parque-pedras-salgadas/planta-do-parque/>

Figuras 157, 158 e 163. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p. 181

Figura 159. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.180

Figura 160. <http://www.vidagopalace.com/pt/restaurantes-bares/o-salao-nobre/>

Figura 161. <http://www.vidagopalace.com/pt/hotel/o-hotel/>

- Figura 162. <http://www.vidagopalace.com/pt/restaurantes-bares/o-jardim-de-inverno/>
- Figura 164. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.190
- Figura 165. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.291
- Figuras 166, 167 e 168. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.186
- Figuras 169, 170, 171 e 172. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.188
- Figura 173. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.184
- Figura 174. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.335
- Figura 175. Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação. p.334
- Figura 176. <http://ultimasreportagens.com/638.php>.
- Figuras 177 e 178. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.183
- Figura 179. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.194
- Figura 180. <http://www.vidagopalace.com/pt/spa-termal/o-ginasio/>
- Figuras 181 e 182. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.192
- Figuras 183 e 184. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.182
- Figuras 185, 188 e 189. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.193
- Figura 186. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.199
- Figura 187. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.178
- Figuras 190 e 191. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.196
- Figura 192. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.194
- Figura 193. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.195

- Figuras 194 e 195. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.197
- Figura 196. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.228
- Figuras 197, 198, 199 e 203. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.230
- Figuras 200, 201 e 202. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.231
- Figura 204. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.232
- Figuras 205 e 206. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.233
- Figura 207. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.235
- Figuras 208, 209 e 210. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.314
- Figuras 211 e 228. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.315
- Figura 212. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.312
- Figuras 213, 214 e 215. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.323
- Figuras 216, 217 e 218. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.316
- Figuras 219 e 220. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.321
- Figuras 221 e 222. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.322
- Figuras 223 e 229. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.320
- Figura 224. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.313
- Figura 225. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.319
- Figuras 226 e 227. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.317
- Figura 230. Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.318
- Figuras 231 e 232. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.238
- Figuras 233 e 234. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.239
- Figuras 235, 236 e 237. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.240

Figuras 238 e 239. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.243

Figura 240. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.245

Figuras 241, 242 e 243. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.241

Figuras 244, 245, 246, 247 e 248. *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial. p.242

Figuras 249 e 250. Arquivo pessoal da autora

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo central fazer uma reflexão sobre os locais termais, em geral, e sobre as estâncias termais de Vidago e de Pedras Salgadas, em particular, na perspectiva da sua evolução, em Portugal e no mundo, ao longo de diferentes épocas históricas.

Devido às várias mudanças nas modas e no contexto dos banhos termais, à constante necessidade de adaptação e, acima de tudo, ao papel chave que a arquitetura desempenha no processo de reinvenção das estâncias, o tema é particularmente relevante. Numa época em que, em Portugal, se faz a discussão sobre a necessidade de reabilitação de edifícios um pouco por todo o país e dada a escassez de investigação e de produção bibliográfica neste domínio, a sua abordagem torna-se essencial.

Os casos de estudo escolhidos foram-no por terem em comum planos de intervenção e recuperação assinados pelo arquiteto nacional com maior projeção mundial: Álvaro Siza Vieira.

Neste trabalho será feita, numa primeira fase, uma contextualização teórica das estâncias termais, assim como o levantamento teórico de todos os temas essenciais para a melhor compreensão dos casos de estudo escolhidos.

Aqui seremos transportados numa viagem no tempo que vai desde a origem das termas até aos nossos dias, primeiro no contexto europeu e depois no nacional. Uma vez feito o contexto histórico, procederemos à análise das mudanças programáticas nas estâncias termais.

Aproximando-nos cada vez mais dos nossos dias, debruçar-nos-emos sobre a abordagem arquitetónica das estâncias termais na contemporaneidade. Isto levar-nos-á a fazer uma análise da problemática das estâncias termais obsoletas no nosso país e às especificidades e questões que levanta a temática da reabilitação de edifícios.

Finalmente, para terminar este enquadramento teórico que nos permita analisar os casos de Vidago e de Pedras Salgadas com conhecimento de causa, analisaremos as estratégias projetuais do arquiteto Álvaro Siza Vieira.

Entramos, então, na segunda parte do estudo, que diz respeito aos casos concretos das estâncias termais de Vidago e de Pedras Salgadas. Nesta fase,

enquadraremos historicamente ambos os casos para, de seguida, identificarmos os aspectos em que a história de um e de outro se cruzam.

Para terminar o nosso estudo, analisaremos as intervenções de Álvaro Siza Vieira nestas duas estâncias, procurando perceber como é que um dos mais renomados arquitetos portugueses conseguiu reinventar ambos os locais de modo a responderem às necessidades da atualidade.

Com base no estudo realizado, procuraremos responder às seguintes questões centrais: em que medida as intervenções arquitetónicas contemporâneas são uma evolução na promoção das termas em relação às anteriores? De que forma a arquitetura de Siza se manifesta nas suas intervenções nas estâncias termais de Vidago e Pedras Salgadas? Que semelhanças e diferenças é possível identificar nas intervenções de Álvaro Siza em Vidago e Pedras Salgadas?

Para dar resposta a estas questões foi necessário recorrer a um processo metodológico que se iniciou com a elaboração de um plano que o estruturasse, seguida de recolha de informação e de bibliografia que apoiasse o seu desenvolvimento. A revisão bibliográfica e reflexão crítica foram os métodos utilizados para a concretização deste trabalho. Foi ainda muito importante a visita aos locais propostos a caso de estudo, tomando contacto com o lugar, os materiais, os silêncios, os sons e os aromas que tornam estes espaços únicos.

O suporte bibliográfico sobre estâncias termais e o seu programa focalizou-se essencialmente em três obras *O Desenho das Termas*, *O Álbum das Termas* e *O que é uma Cidade Termal*, três das fontes principais de recolha de informação. *O Desenho das Termas* dos autores Helena Gonçalves Pinto e Jorge Mangorrinha foi uma referência bibliográfica fundamental, uma vez que apresenta um estudo sobre a cultura termal europeia, a evolução histórica das termas portuguesas e muitos outros temas relevantes para o estudo que se apresenta.

Também *O Álbum das Termas* dos autores Helena Gonçalves Pinto, Maria do Carmo Serén, Jorge Mangorrinha e Valter Vinagre e *O Que é uma Cidade Termal* de Jorge Mangorrinha, possuem uma contextualização evolutiva das termas desde o seu período histórico mais significativo, tendo complementado a investigação.

PARTE I – CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA: AS ESTÂNCIAS TERMAIS E AS ESTRATÉGIAS DE RECUPERAÇÃO

1. A ORIGEM DAS ESTÂNCIAS TERMAIS

Sendo as termas o objeto do nosso estudo importa fazer uma viagem no tempo que nos permita perceber melhor a sua origem e evolução até aos dias de hoje. Esta viagem leva-nos até antes mesmo da criação das termas.

Desde o início da civilização a água, principal elemento das estâncias termais que vamos estudar, é adorada pela humanidade devido às suas propriedades excepcionais. Essa admiração é expressa por Tales de Mileto no século VI a.C., que vê a água como a origem de tudo o que é real (Rodrigues, 2011).

É bem antes destas afirmações que, com a civilização minóica (cujo desenvolvimento se deu em Creta entre aproximadamente 3000 a.C. e 1450 a.C.), se inicia o culto do banho (Rodrigues, 2011). Este culto traz enormes benefícios a este povo e é depois transmitido à civilização romana (Rodrigues, 2011). São, de resto, os Romanos os primeiros a descobrir o prazer e bem-estar proporcionados pelos banhos, nomeadamente através da alternância entre os banhos quentes e as saunas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009) e as águas frias.

É no século XIX a.C. que surgem pela primeira vez referências aos banhos públicos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), as chamadas *thermae* em grego: uma “terminologia termal então usada para descrever os banhos quentes” (Rodrigues, 2011, p. 15). Estes tinham como objetivo principal a higiene pessoal que se efetuava antes do jantar, não obstante as propriedades curativas a nível físico que lhe eram reconhecidas. Durante estes banhos públicos eram comuns as discussões entre os banhistas relativamente à cidade em que viviam (Rodrigues, 2011).

Na Europa é precisamente com o Império Romano que o termalismo atinge o seu máximo esplendor, tendo-se desenvolvido e expandido a sua prática por todo o Império (Rodrigues, 2011). É por esta altura que surgem as *balnae*, termas curativas que eram instaladas perto de nascentes termais (Rodrigues, 2011). Estas incluíam funções higiénicas, estéticas e curativas (Rodrigues, 2011). Em Roma, as termas eram então frequentadas por

todas as classes sociais e incluíam o acesso a bibliotecas, estabelecimentos comerciais, salas de conferências, jardins, entre outros equipamentos (Rodrigues, 2011).

Aquela concepção entra em decadência após a queda do Império Romano (séc. V d.C.), uma vez que a atividade termal não era do interesse dos povos invasores e que a Igreja considerava o termalismo um ato pagão. Os banhos começam, então, a ser praticados apenas com o desígnio terapêutico (Rodrigues, 2011).

A partir do século XIII muitas termas são reerguidas, numa tendência provocada pelo crescente interesse na hidroterapia, pelas alterações na economia e pelo retorno dos cruzados vindos do Oriente. Estes três fatores vieram reforçar o desejo pelo cuidado com o corpo e beneficiar a atividade termal (Rodrigues, 2011).

Durante o Renascimento são introduzidas novas terapias para além do banho, nomeadamente as terapias inalatória, sudatória e o uso de lamas. Nesta altura, e com o renascer da vida urbana, os balneários propagam-se pelos territórios (Rodrigues, 2011).

A aposta na vertente turística do termalismo começa no séc. XVIII e cerca de um século mais tarde são feitos inúmeros estudos científicos que certificam e reconhecem as ações benéficas das águas, o que confere uma importância considerável às termas europeias (Rodrigues, 2011). Constroem-se então edifícios com “uma lógica funcional e diversidade estética”, a que se dá o nome de “termalismo de Corte” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 19). É por esta altura que as estâncias termais britânicas, italianas e centro-europeias mais se desenvolvem (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. 2009). Esta tendência europeia tem reflexos também em Portugal, conforme veremos no capítulo seguinte.

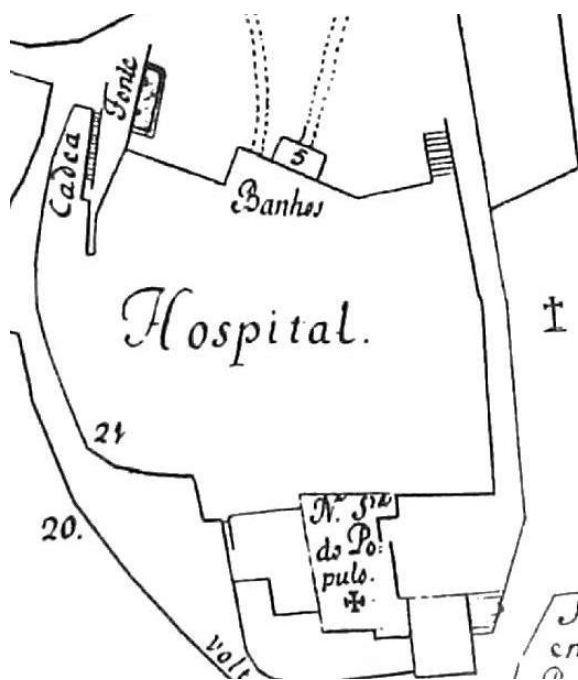


Figura 1. Caldas da Rainha, pormenor do Plano da Vila com a localização do Hospital Termal, 1742



Figura 2. Caldas da Rainha, gravura presuntiva do Primeiro Hospital Termal, 1747



Figura 3. Caldas da Rainha, Henry L'Évêque, piscina no Hospital Termal, 1841

2. AS ESTÂNCIAS TERMAIS EM PORTUGAL

Se nos focarmos na história das termas em Portugal, podemos identificar diversos pontos em comum com a história global destes estabelecimentos. O uso das águas minerais no nosso país, por exemplo, começou precisamente com a ocupação Romana da Península Ibérica (Rodrigues, 2011). Ainda hoje é possível visitar ruínas desse período em Vidago, Chaves, São Pedro do Sul, Briteiros, entre outros locais (Rodrigues, 2011). As invasões bárbaras resultaram na destruição de grande parte das termas existentes, mas os visigodos vieram mais tarde a reconstruí-las (Rodrigues, 2011).

A Idade Média marcou uma nova fase de decadência do termalismo em Portugal, uma vez que os conhecimentos científicos se perderam e “as águas” começaram a ser “associadas a poderes sagrados” (Rodrigues, 2011, p. 19).

Na altura da fundação da nacionalidade já poucas termas restavam em Portugal. As únicas em funcionamento eram as de Alafões, em São Pedro do Sul (Rodrigues, 2011). Posteriormente, houve outras a ressurgir, como o estabelecimento termal em Taipas ou o Hospital Termal das Caldas da Rainha (Rodrigues, 2011), como se pode ver na figura 1.

A História da arquitetura termal portuguesa começa habitualmente, aliás, a contar-se precisamente no século XV, período no qual o termalismo científico foi posto em prática no país. Foi em 1488, nas Caldas da Rainha, que surgiu o primeiro hospital termal português com consultas e apoio médico. Aquele é descrito como o “primeiro hospital moderno do mundo com recurso às águas termais por ação mecânica e visão estratégica política por parte da Casa Real portuguesa” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 18). O arquiteto responsável foi Mateus Fernandes e foram incumbidos da sua reconstrução, no século XVIII, os arquitetos “Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Rodrigo Franco, dentro dos maiores que o Reino conheceu” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 12) como mostra a figura 2.

Apesar desta referência, foi apenas no século XIX que se notou o desenvolvimento arquitetónico e medicinal do termalismo em Portugal. Com a arquitetura a representar a procura do Homem pelo meio ideal, garante da regeneração da saúde e propício à vida e com a tendência da indicação médica da cura pelas águas e pelo clima, a procura pelas termas portuguesas aumentou consideravelmente. Foram então criadas as



Figura 4. Caldas de Vizela



Figura 5. Caldas do Gerês

hoje denominadas estâncias termais oitocentistas.

Com a procura a aumentar – e com ela o interesse de investidores e do Estado no sector –, as estâncias termais portuguesas viveram o seu período de maior desenvolvimento entre 1890 e 1920. A este desenvolvimento não foi alheia a lei do termalismo de 1892, que trouxe novos requisitos na área da arquitetura e na necessidade de se fixarem vários edifícios com diferentes programas pela estância. Surgiram, então, os relatórios de reconhecimento das nascentes e projetos dos balneários, hotéis e, posteriormente, dos casinos.

Neste contexto, o Estado e os promotores privados despertam a sua atenção para a evolução europeia e procuram acompanhá-la, dotando o país de novas redes viárias e de uma organização dos espaços urbanos.

Surgiram, assim, diversas edificações que foram dando forma à grande maioria das estâncias termais portuguesas. Estas eram verdadeiros microcosmos termais formados por parques, hotéis, clubes, capelas, pavilhões de nascente e de engarrafamento. Mais do que simples locais de tratamento, tornaram-se também “lugares de encontro da sociedade mais cosmopolita, em torno de cenários arquitetónicos sublimes e inconfundíveis” (Pinto, Serén, Mangorrinha, & Vinagre, 2003, p. 167), caracterizados “por acontecimentos sociais onde muitas vezes o «tomar as águas» ” surgia como “um pretexto” (Mangorrinha, 2012, p. 11), como ilustra a figura 4, que mostra alguns senhores a conversar, nas Termas das Caldas de Vizela.

Naquele período, as principais terapias das estâncias incluíam não apenas banho, duche, ingestão, pulverização, inalação e injeção mas também convívio, distração e passeio (Mangorrinha, 2012), retratado na figura 5, nas Termas das Caldas do Gerês.

Os passeios ao ar livre tornaram-se então parte importante da estadia neste tipo de estância. O médico Pedro Chernovitz (*apud* Pinto et al., 2003, p. 175) sublinhou este fato ao falar dos “efeitos revitalizantes do contacto com a natureza próxima ao estabelecimento termal”, em passeios sempre “moderados e nunca excessivos”. Defendeu também que os aqúistas deveriam “conservar tanto quanto possível a tranquilidade da alma”, esquecendo “os negócios e os estudos (...) para passar a vida tranquila, neste mundo novo a que são transportados”.

Para além dos passeios, era comum os aqúistas terem ao seu dispor outras distrações: natação, passeios de barco, regata, lanches, excursões e visitas a localidades



Figura 6. Termas de Caldelas, Grande Hotel da Bela Vista, recinto de jogos



Figura 7. Caldas de Vizela



Figura 8. Termas de Caldelas, Grande Hotel da Bela Vista, sala de jogos

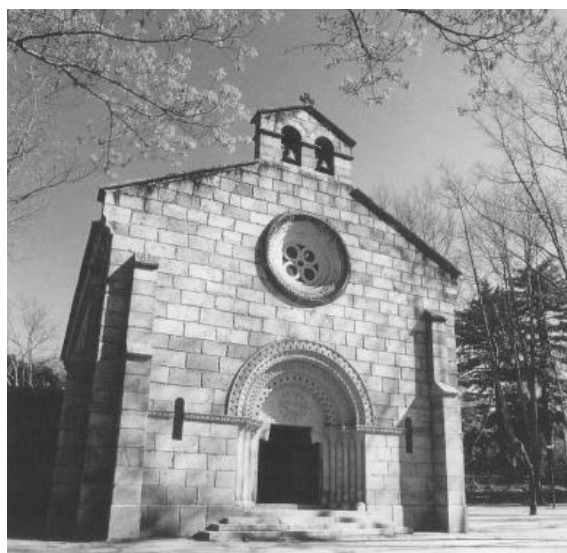


Figura 9. Igreja de N.ª S.ª da Conceição, Vidago



Figuras 10 e 11. Caldas de Monchique, Guilherme Rebelo de Andrade, desenhos aguarelados de capela, [1940]

vizinhas (Mangorrinha, 2012).

O ambiente vivido nas estâncias termais oitocentistas foi descrito pelo médico Alfredo Luís Lopes (*apud* Mangorrinha, 2012, p. 37), em 1893, quando referiu, sobre a vivência na “estação *hydro-mineral* de Vidago”, o seguinte:

longe de ser monótona e tristonha, presta-se maravilhosamente à vida simples, *distrahida e hygienica*, em que o espírito *quasi* fatigado da agitação dos grandes centros se conforta e restaura. Não lhe faltam os gozos que a natureza faculta, nem tão pouco os que a medicina permite e recomenda. Ao ar livre há sempre animação e concorrência no jogo de croquet, [...] no *lawn-tennis*, no *gymnasio*, na carreira de tiro, na pitoresca alameda dos *trapesios* e baloiços.

Este ambiente, retratado nas figuras 6 e 7 no Grande Hotel da Bela Vista nas Termas de Caldelas e nas Termas das Caldas de Vizela, respectivamente, mantinha-se durante as noites, normalmente preenchidas com atividades como bailes e jogos em clubes e casinos ou em salas para jogos (ver figura 8), leitura ou convívio disponibilizadas por certos hotéis e estabelecimentos termais (Mangorrinha, 2012).

A experiência das termas oitocentistas era completa. De tal forma que incluía também a possibilidade de manter a prática do culto religioso nas mesmas, tendo para isso sido construídas algumas capelas em parques termais por todo o país, como a capela no parque de Entre-os-Rios, a capela do Vidago (ver figura 9), situada entre a população próxima do parque termal e a capela das Caldas de Monchique (figuras 10 e 11) (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Isto permitia aos aquistas a “continuidade do culto durante o período de tratamento” ou de descanso, conciliando assim o culto espiritual com a “purificação física por via dos tratamentos” (Pinto et al., 2003, p. 175).

O início do século XX trouxe às principais termas portuguesas um novo conceito que aliava a cura à arte, à música, à literatura e à moda, à semelhança do que se verificava em algumas estâncias termais europeias. Assistiu-se ainda ao desenvolvimento de mais espaços verdes, à diferenciação dos espaços por função inseridos num parque, à concepção de novas áreas, como a de ventilação, sempre em consonância com as exigências higiénicas da lei de 1892 (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Durante este período de desenvolvimento acentuado das estâncias termais, com o prazer e o repouso associados à cura, os seus promotores procuravam atrair portugueses e estrangeiros que nelas desejavam encontrar o paraíso (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).



Figura 12. Caldas da Felgueira, parque do Grande Hotel



Figura 13. Termas da Curia, esplanada do Palace Hotel

Até ao final da década de 1910, a grande maioria das estâncias termais manteve a sua consolidação e evolução constantes, sempre tendo como charneira o seu balneário – também ele em constante renovação.

Com a época de otimismo no turismo nacional, institucionalizado a partir de 1911, houve a necessidade de promover o país e, com ele, um reforço do investimento. Por esta altura havia aqúistas provenientes do Brasil e de África a frequentar as nossas termas. Elas ofereciam mais conforto e distrações, à semelhança do que já se fazia no estrangeiro, e eram mais procuradas do que aquelas que só ofereciam os recursos mínimos da cura pela água.

Isto levava a uma cada vez maior necessidade de investimento na construção de hotéis, parques, jardins, casinos e salas de teatro. A 8 de Agosto de 1914 foi elaborado um decreto-lei cujo objetivo foi o de incentivar a construção hoteleira – uma forma de suprir o défice neste sector longe dos principais aglomerados urbanos, onde muitos dos balneários se situavam (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

No início da década de 1920, havia uma preocupação estética da estância e era cada vez mais necessário promovê-la. Foram então organizadas em todas as estâncias Comissões de Iniciativa para divulgação do seu crescimento (Pinto et al., 2003).

Durante esta época houve muitos projetos que não chegaram a ser concretizados em obra, devido aos avultados investimentos que lhes estavam associados, mas que têm considerável importância, por se tratarem de projetos de obras magníficas que marcaram o fim de uma época originariamente oitocentista. Uma época em que eram usadas técnicas tradicionais, com utilização de produtos naturais (pedra, areia, madeira, palha e argila) e não muito transformados (elementos metálicos, tijolos, telhas e cal) (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Até ao final da 1.^a República (1926), o termalismo desenvolveu-se e aumentou a sua popularidade, com a criação de importantes equipamentos técnicos e artísticos essenciais à atividade termal e com a elevação das primeiras termas em Portugal a centros de lazer e turismo, algumas delas elitistas, que eram mais procuradas para socialização do que para terapia, como se pode ver na figura 12 (Pinto et al., 2003). Como veremos mais à frente, Pedras Salgadas e Vidago faziam parte deste conjunto de estâncias termais, sendo que nesta altura já tinham o prestígio do uso das águas e das infraestruturas de lazer que lhe estão associadas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Foi no final da década de 1920 que o engarrafamento das águas levou a terapia a casa dos doentes, o que provocou um acentuado despovoamento das estâncias termais. Por essa altura foi a classe média que retomou “o hábito salutar da frequência das termas” bem ilustrado pela figura 13 (Pinto et al., 2003, p. 7).

Nos anos 30 sentiu-se a influência do Modernismo português nas termas. O estilo, que já vinha deixando marcas na Europa e em Portugal em obras públicas e privadas, permitiu às estâncias de então manter as mesmas funções alterando o seu estilo. Foi introduzido o betão, estruturalmente ou combinado com a parede de alvenaria, o reboco e a cobertura plana (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O Modernismo exprime-se pela simplicidade e pureza racional na forma dos volumes, com um espírito modernizador consequente dos progressos técnicos daquela fase. Esta modernidade e funcionalismo também estiveram presentes no desenho de mobiliário, artefactos e objetos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A queda a nível de procura das termas fez com que, apesar de ainda haver défice de unidades hoteleiras, os investimentos neste sector se tornassem raros. Isto levou a que a influência do Modernismo não se sentisse durante muito tempo (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Nas décadas de 1930 e 1940 houve investimentos esporádicos na melhoria das condições de algumas estâncias termais, mas tornou-se evidente que o seu período dourado tinha terminado.

Um dos problemas identificados nesta primeira metade do século XX foi que, apesar de os hotéis terem um papel fundamental na qualidade das estâncias termais em Portugal, alguns ainda apresentarem falhas no conforto, no serviço, na higiene e no requinte. No entanto, havia exceções, como o Hotel Palácio do Estoril, o Palace do Buçaco, o Grande Hotel do Luso, o Grande Hotel da Curia ou o Palace do Vidago (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Essa preocupação encontrava-se bem patente na recomendação do médico Armando Narciso (*apud* Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009):

Teremos de tornar as nossas termas higiénicas e alegres, teremos de as apetrechar com estabelecimentos termais mais amplos e completos, teremos de construir mais hotéis, limpos e confortáveis. (...) Sem isso, não será possível aproveitar bem todas as águas medicinais. Por isso, é preciso aproveitar as melhores..., e as melhores não serão somente as de maior eficácia terapêutica, serão também as que brotarem em local de melhor clima e de mais fácil acesso.

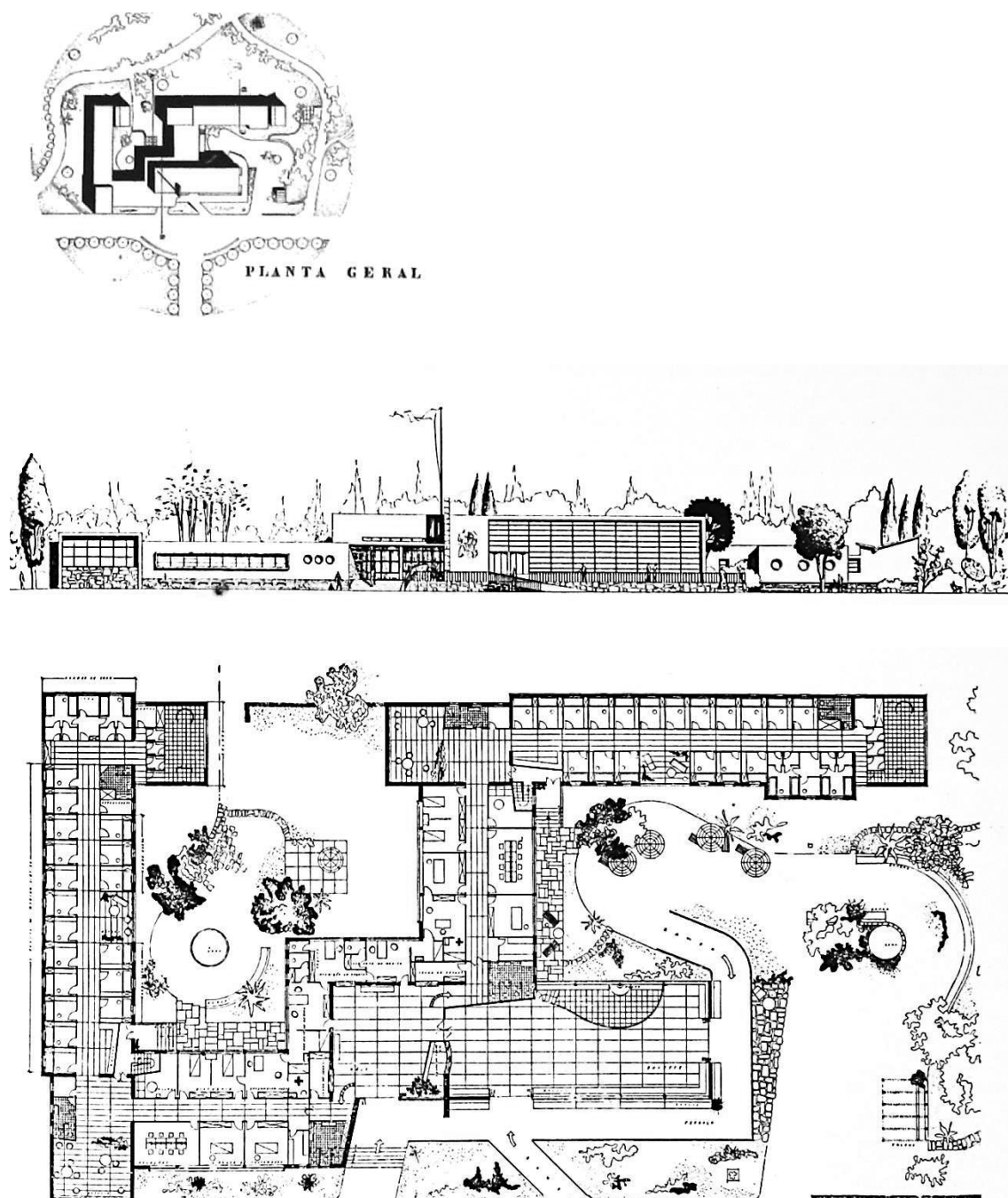


Figura 14. Bento de Almeida, plantas e alçado do projecto de um balneário, 1947

As grandes nações termais têm nas suas águas uma das suas maiores riquezas, como a Alemanha e a França. Portugal, pela abundância e valor destas águas, pode vir a ser uma das grandes nações termais da Europa, se quiser aproveitar esta prodigiosa riqueza que, adicionada à do seu clima, faz do nosso país um dos de melhor futuro turístico, nesta nova época de paz que todos esperamos com alvoroço (p. 272).

Apesar deste contexto, que fazia antever uma crise nas estâncias termais em Portugal, os progressos científicos e tecnológicos não pararam e isso teve impacto nas exigências arquitetónicas das estâncias termais neste período. O balneário deveria então cumprir determinados critérios a nível funcional, qualitativo e de resistência de materiais em quatro zonas diferentes: zona de receção, zona húmida, zona seca e zona de abastecimento. Deveria ainda existir uma ligação direta entre o balneário e o estabelecimento hoteleiro (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Em 1947, foi divulgado um projeto de balneário inovador, na edição de Julho-Agosto da revista “Arquitectura”, pelo arquiteto Bento de Almeida, como se pode ver na figura 14. A proposta, sem localização, possuía dois corpos perpendiculares, um para homens e outro para mulheres. Na ligação destes dois corpos encontrava-se o *hall* de entrada, onde estavam os serviços administrativos e clínicos e a zona de *buvette*. Os seus elementos mais fortes eram a sua forma, os grandes envidraçados, os diferentes acessos para clientes e empregados e o tratamento do espaço envolvente exterior, que auxiliava no descanso dos aquistas: pequenas zonas com árvores, relva, calçadas e bancos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O declínio anunciado acentuou-se a partir da segunda metade do século XX. Por essa altura, as condições político-económicas do país eram desfavoráveis, com a instabilidade causada pela II Guerra Mundial a fazer com que muitos hotéis termais fossem ocupados por refugiados da guerra – o que alterou significativamente o cenário de vivência das termas (Pinto et al., 2003).

Nos anos 60 e 70 as termas portuguesas obtiveram pouco investimento na sua promoção. A procura continuou a diminuir e, com o avanço da medicina, os rituais a elas associados e os tratamentos termais ficaram praticamente descredibilizados (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), passando a haver uma predominância dos fármacos na terapia (Pinto et al., 2003).

Nesta fase, muitas estâncias foram encerradas. As que perduraram passaram a

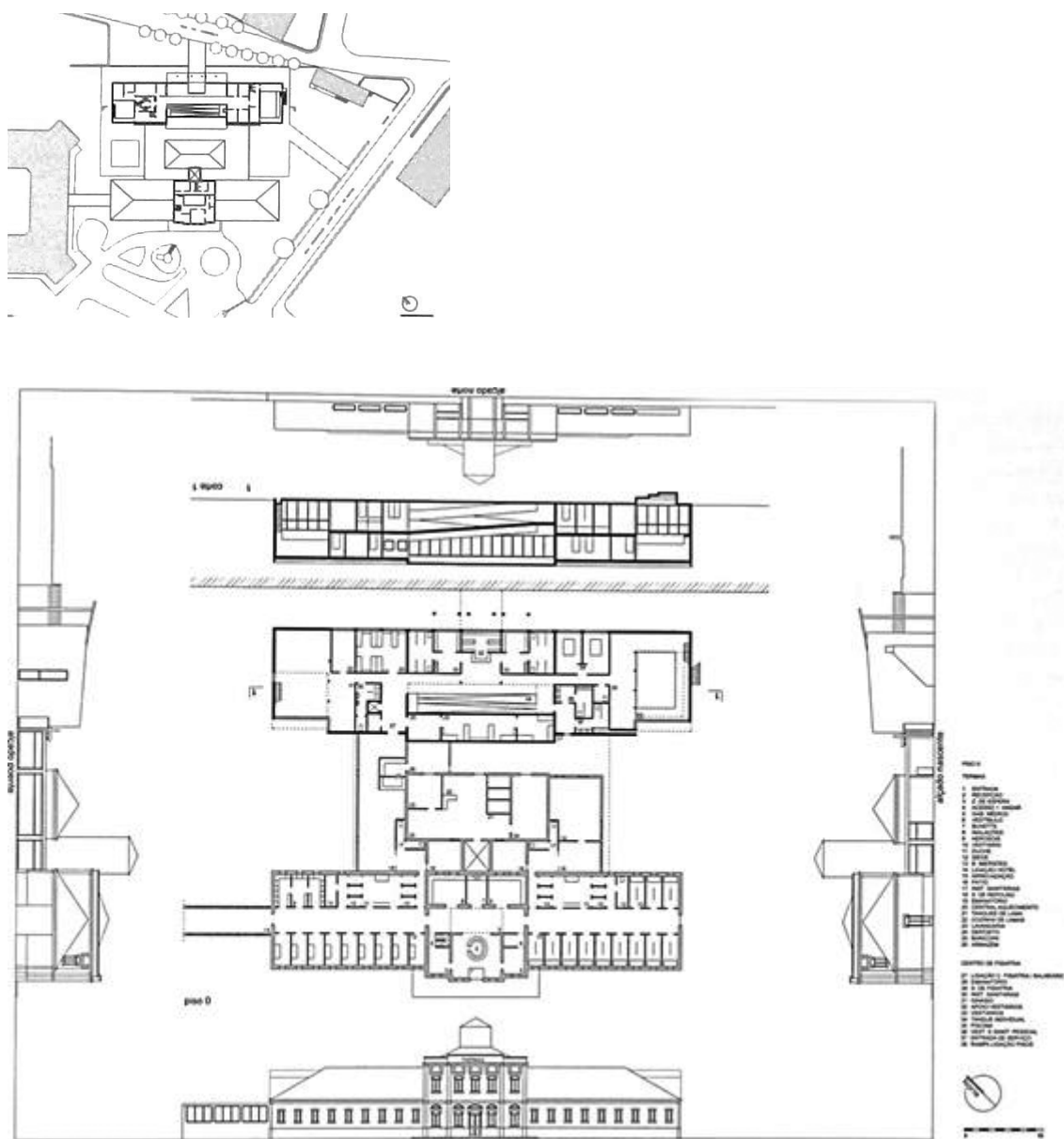


Figura 15. Caldas das Taipas, Graça Nieto Guimarães e Pedro Gadanho (colab.), plantas, alçados e corte do projecto de ampliação do balneário para a instalação de um centro de fisioterapia e recuperação funcional, 1989

ser utilizadas para fins terapêuticos pelas classes mais baixas e para divertimento pelas classes mais altas (Pinto et al., 2003).

Durante este período surgiu ainda uma cultura de férias e outras opções de ocupação dos tempos livres em que as praias passaram a ser a preferência. Numa altura em que o turismo de sol e praia beneficiava de mais apoios do que as termas, as praias eram procuradas até por estrangeiros; as termas, pelo contrário, eram frequentadas quase sempre só por portugueses (Pinto et al., 2003). Nobres, burgueses e pobres de todas as faixas etárias procuravam o culto do sol, pelo que o significado de «ir a banhos» mudou, nesta altura, de sentido – e de destino (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Neste contexto negro, apesar de ter havido alguns projetos de desenvolvimento das estâncias, eles não chegaram a ser executados devido à falta de apoios económicos. Foram tempos com poucos investimentos, em que as estâncias estavam cada vez mais despovoadas e as suas infraestruturas foram entrando em declínio (Pinto et al., 2003).

Durante a década de 1980 começou a haver uma procura pela modernização, garantindo a preservação do património e a qualidade dos projetos. Vários projetos surgiram, alguns deles intervindo em edifícios já existentes, refuncionalizando-os. Um exemplo é a separação de sexos por pisos, fazendo dos corredores de acesso às cabinas zonas de circulação (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Nesta altura surgiram bastantes intervenções que apostavam na reabilitação e ampliação de edifícios degradados, respeitando a sua volumetria e o seu património, como, por exemplo, a ampliação do balneário das Termas das Caldas das Taipas para a instalação de um centro de fisioterapia e recuperação funcional, cujo projecto se pode observar na figura 15. Também surgiram construções novas, devido à carência de balneários ou a uma maior disposição financeira, sendo que nestes casos a principal dificuldade dizia respeito à integração destes novos edifícios na paisagem pré-existente (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Desde o final dos anos 80 até à atualidade assistimos a um período de recuperação, no qual se desenvolveram propostas de planos globais de reabilitação das estâncias termais. Estes planos consistiram maioritariamente na reabilitação do balneário, na consolidação da vertente hoteleira e no arranjo dos espaços exteriores. Os investimentos deviam ser críticos em relação à estância na sua globalidade, passando depois para os projetos dos edifícios em particular (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Vários projetos não passaram do papel para a obra, não sendo contudo de menosprezar a sua importância, na medida em que revelavam a leitura dos espaços em que se inseriam e uma visão relativamente à estância termal ideal (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Estes novos projetos conciliavam os programas terapêuticos termais com atividades de bem-estar e beleza corporal, restabelecimento físico e psíquico, resultando em novos programas arquitetónicos. Faziam-se tratamentos de prevenção ou regeneração e promoção da saúde e qualidade de vida, mais do que tratamentos curativos, multiplicando as ofertas e diversificando os clientes (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). “São novos desafios para a arquitetura e para estas estâncias de saúde e lazer” (Mangorrinha, 2012, p. 38).

Hoje, podemos dizer que as termas se reinventaram devido às últimas reconversões em Spa que ocorreram na grande maioria dos locais termais. Ainda que a complexidade dos programas tenha aumentado, a sua estrutura mantém-se praticamente igual (Providência, 2007). A aplicação das águas minerais naturais continua a fazer-se praticamente da mesma forma e para os mesmos fins terapêuticos, com a certificação médica do termalismo convencional que se adaptou e aliou às novas ofertas, tendo como função a promoção da saúde de lazer e bem-estar (Mangorrinha, 2012).

A conduta de evasão do quotidiano foi preservada até aos dias de hoje, através das características que definem as estâncias termais, nas quais “o utente é um turista na verdadeira acepção da palavra, porque é consumidor da oferta cultural e lúdica” (Mangorrinha, 2012, p. 39).

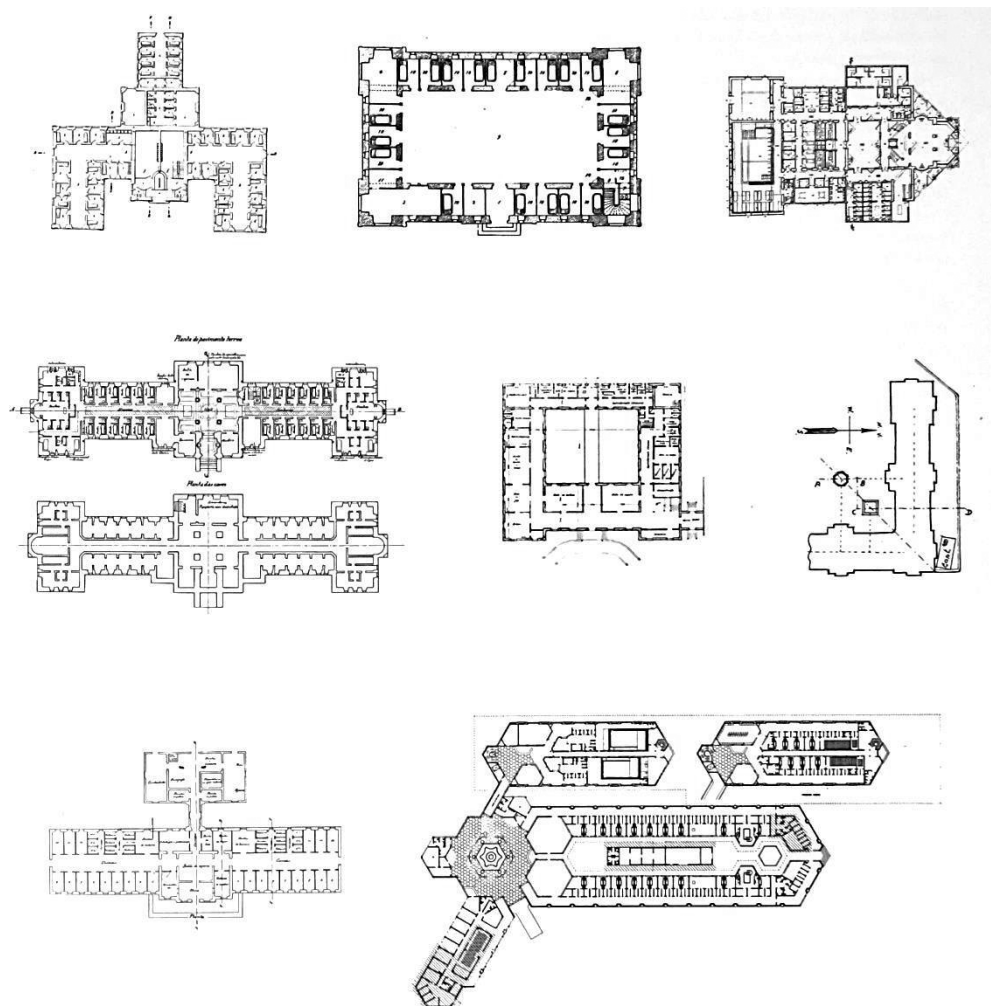


Figura 16. Plantas dos balneários das Caldas da Felgueira, Banhos da Poça, Caldas da Saúde, Termas do Vidago, Caldas do Gerês, Caldas do Cró, Caldas das Taipas, Caldas de Chaves

3. ALTERAÇÕES PROGRAMÁTICAS NAS ESTÂNCIAS TERMAIS

Uma vez feito o contexto histórico, importa agora que nos debrucemos sobre as alterações no programa das termas ao longo dos séculos XIX e XX e até aos dias de hoje.

Nas termas oitocentistas o balneário era o principal elemento da estância termal. Era neste edifício que as diversas terapias com as águas da nascente tinham lugar e era a partir dele que se desenvolvia o microcosmo termal que compunha as estâncias de então. Elas eram invariavelmente feitas com a preocupação de integrar os seus vários elementos com o meio e de se adaptarem à topografia local. A grande maioria das estâncias encontrava-se sobreposta em construções romanas ou em locais virgens, onde anteriormente apenas a natureza existia (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A arquitetura dos balneários era tradicional, simples e de baixo custo, feita pelo e para um povo sem formação académica. Eram então aplicadas técnicas e materiais de construção locais, por operários da região.

O balneário era normalmente composto por uma casa com planta quadrada ou retangular com um corredor (que funcionava como espaço de espera dos aquistas) a dividir os quartos de duche e dos banhos; uma sala de receção; latrinas (distanciadas da entrada); e, nos balneários mais organizados, uma sala de descanso e outra do médico. A iluminação e a ventilação dos quartos de banho eram asseguradas pelas janelas que comunicavam com estes diretamente. As janelas e as portas possuíam a cantaria esculpida e adornada, dando um toque mais requintado ao local (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Mais tarde surgiram novas técnicas e os programas termais tornaram-se mais complexos. A arquitetura acompanhou esta evolução com regra e disciplina.

Os balneários passaram a apresentar planimetricamente organizações diferenciadas: a planta simétrica com entrada central; a planta linear com corredor central (que fazia a distribuição das várias zonas funcionais); a planta com corredor lateral, com apenas uma ala de quartos; a planta com dois ou mais corredores laterais e quartos no centro; a planta com pátio central; a planta quadrangular com pátio central, com dois ou mais pisos; a planta com eixo central e entrada numa extremidade (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), como é ilustrado pela figura 16.

O desenho do balneário passou a estar de acordo com as suas funções, sendo

estas distribuídas pelas diferentes salas de tratamento. “A sua imagem exterior” continha “influências classicistas, mouriscas, ecléticas ou exóticas, consoante a época e o autor”. Já “a arquitetura rústica, pitoresca e fantasiosa dos primeiros anos” era “aplicada a quiosques, *buvettes* e chalés” (Pinto et al., 2003, p. 171).

Já se faziam análises físico-químicas às águas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009) e surgiram novos equipamentos de banho e de duches, vapor e sauna, pulverização e inalação (Pinto et al., 2003), que foram aplicados nas estâncias de todo o país.

Começou a ter-se em conta a localização na construção dos balneários, para “as captações de água e a integração com a paisagem, beneficiando da orientação da luz e do arejamento” (Pinto et al., 2003, p. 171). Se antes os balneários tinham de estar localizados junto das nascentes para conservarem as características terapêuticas da água, quando surgiram as redes de adução estes passaram a situar-se um pouco mais distantes das nascentes – o que permitia outras opções de localização (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). O balneário de então devia “assentar sobre estruturas de esgoto e água canalizada, possuir áreas para reservatórios, caldeiras e bombas para distribuição de água termal” (Pinto et al., 2003, p. 171).

A topografia dos locais oferecia muitas vezes dificuldades, com cursos de água de ribeiros e rios a exigirem alguns desvios. Por esta razão, a arquitetura termal foi desde sempre um desafio para os projetistas. Como vemos, desde muito cedo ela exigiu conhecimentos de diferentes áreas, como a mineralização, a arte de minas, a terapêutica, a geologia e a arquitetura. Arquitetos e engenheiros têm reagido aos problemas cada vez mais científica e tecnologicamente (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Durante o período de maior evolução em termos de técnicas e tecnologia termal em Portugal, muito balneários já estavam edificadas ou encontravam-se em construção (Pinto et al., 2003).

Os regulamentos e princípios higienistas postos em prática no balneário oitocentista obrigaram a um desenvolvimento gradual da arquitetura. Notaram-se alterações na dimensão e, principalmente, no conforto: passou a haver uma iluminação natural oriunda das janelas e das claraboias, uma ventilação controlada através de ventiladores bem executados e incorporados nos pavimentos e tetos de modo natural, com bandeiras de vidro nas portas interiores e nas janelas, controlando vapores e balanços térmicos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Houve também avanços na terapêutica, nomeadamente na construção de equipamentos de hidroterapia já conhecidos nas termas europeias (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), que “proporcionaram a execução de práticas na reabilitação e regeneração dos utentes” (Pinto et al., 2003, p. 171).

Estes progressos na terapia foram acompanhados pelos desenvolvimentos no balneário. A dimensão dos compartimentos de duche, banho e inalações foi repensada (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), passando estes a ocupar áreas amplas de tratamento e de circulação (Pinto et al., 2003) onde equipamentos e mobiliário passaram a definir o espaço, distinguindo zonas diferentes. Homens e mulheres foram separados em alas diferentes, as classes sociais em edifícios e salas de tratamentos distintas e passaram a ser utilizadas diversas matérias-primas para distinguir os espaços comuns dos privados dentro dos balneários. O número de cabinas de banho privadas foi aumentando, sendo o espaço definido pela banheira (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Alguns destes balneários com distinção de classes sociais possuíam um piso destinado ao alojamento, ainda que a grande maioria não incluísse esta vertente hoteleira (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). “O átrio de entrada” passou “a ser um espaço amplo, emblemático e decorativo, onde se” situava “a receção e se” fazia “a distribuição dos aquistas para as galerias de circulação de banho” (Pinto et al., 2003, p. 171) – com homens de um lado e mulheres do outro.

Os espaços de uso da água tornaram-se mais complexos nos aspetos científico, técnico, funcional e estético. Antes do século XIX, a água era usada unicamente para imersão, ablução e ingestão, mas com o desenvolvimento da medicina e a consequente especialização de tratamentos surgiram novas práticas termais como os duches, os banhos de imersão e localizados, as pulverizações, as inalações, as massagens, as saunas e as piscinas de natação.

Os banhos passaram a ser tomados em compartimentos individuais (banheiras) juntamente com uma fonte onde se podia beber água; os compartimentos de inalações eram individuais ou comuns com barreiras que impediam o contacto visual dos aquistas; as piscinas, as salas de mecanoterapia e os ginásios eram espaços complementares para atividade física. A individualização do banho decorreu de uma maior sensibilidade ao pudor e ao receio de contágio (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O quarto de banho era o espaço mais importante do edifício termal, onde o



Figura 17. Caldas do Gerês, buvette



Figura 18. Termas de Caldelas, buvette

aquista recebia a cura e a regeneração pelas águas e foi ficando cada vez maior. No seu interior havia uma campainha que soava quando os banhos terminavam, informando os banhistas. Os pisos tinham uma pequena inclinação para escoamento de águas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Especialmente nos quartos de banhos de 1.^a classe, as pinturas das paredes e os pavimentos em mosaico foram substituídos por revestimentos cerâmicos, por uma questão de higiene e durabilidade (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

À medida que foram sendo conhecidas novas técnicas de hidroterapia, foram também acrescentadas novas salas de tratamento no balneário. Principalmente nos balneários de menores dimensões, os quartos de banho foram adaptados e passaram a integrar vários elementos de tratamento, duches circulares, duches de massagem, duches de chuva e agulhetas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Surgiram nesta altura “salas comuns para duches locais (pedilúvios, manilúvios) e salas privadas para banhos de assento e enteróclises” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 74). Nas salas de duche os revestimentos e o sistema de ventilação eram essenciais para que não houvesse humidade.

A piscina era outro espaço importante no balneário e tinha grande destaque na planta do edifício. Muitas vezes rodeada pelas alas de banho, a piscina, por ser um espaço coletivo e de fácil contaminação, necessitava de maiores cuidados relativamente ao seu licenciamento (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O balneário de 1.^a classe, para além desta vertente sanitária, obrigava a um cuidado estético que era sobrevalorizado em relação à cura das doenças. Era um espaço mais focado no prazer e na satisfação pessoal, ao contrário dos balneários de classes mais baixas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Inicialmente um edifício autónomo e autossuficiente, o balneário começou progressivamente a aglutinar outras funções no interior e exterior, formando o microcosmo termal, apresentando diversas arquiteturas que realizavam essa expressão espacial (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Isto levou à fixação de elementos artificiais no meio natural, um local anti urbano, com uma atmosfera e feições rurais que atingiu o seu auge com a «cidade termal». Esta cidade termal era composta por balneário, parques, hotéis, clubes de recreio, capelas, pavilhões de nascente e de engarrafamento, que presenteavam os seus clientes com uma

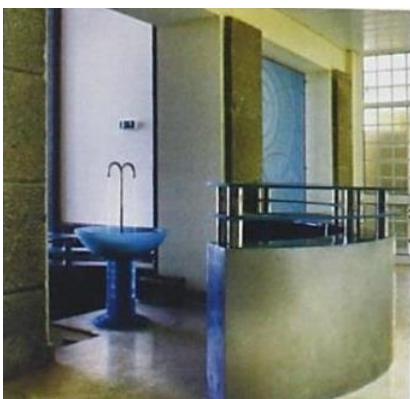


Figura 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25. Buvettes de interior nas Caldas da Rainha, Termas dos Cucos, Caldas de S. Jorge, Fradagosa de Nisa, Caldas de Aregos, Termas de Monfortinho e Caldas de Manteigas, 1990-2007

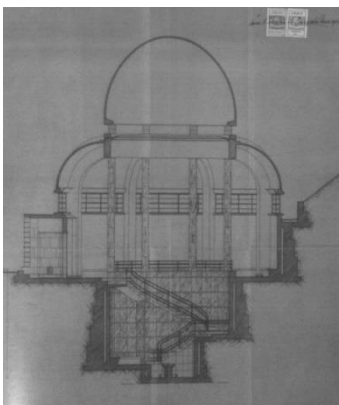


Figura 26. Termas do Estoril, Vasco Marques, corte do projecto de buvette



Figura 27. Termas do Luso, buvette

quantidade de serviços que satisfazia as suas necessidades. Disponibilizavam-se, então atividades complementares lúdicas para ocupação do tempo: terapêuticas, refeições, diversão e repouso, que decretavam espaços públicos e privados, desde edifícios a paisagens (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A arquitetura termal foi concebida por médicos e engenheiros que designaram cada edifício para uma função (Pinto et al., 2003). Cada um deles tinha a sua expressão e dava origem a tipologias arquitetónicas diferentes subtilmente colocadas em lugares naturais magníficos. Havia uma preocupação em articular cada uma destas tipologias com harmonia entre as partes constituintes. Por exemplo, com o microcosmo criado, o balneário ficou destinado às áreas de tratamento, as *buvettes* à ingestão de água (ver figura 17 e 18) e engarrafamento, o clube ao salão de festas, jogos e leitura, e os hotéis e moradias ao alojamento. Estes edifícios ficavam encerrados em parques arbóreos, lugares íntimos e fascinantes, para repouso, passeio, jogos, convívio e leitura (Pinto et al., 2003).

As *buvettes* e os pavilhões de nascente eram como que monumentos mágicos, lugares sagrados e emblemáticos onde acontecia o ritual e onde se concretizavam os poderes da água (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Estes elementos eram construídos no interior do balneário (figuras 19 a 25), na zona central, ou no exterior pelo parque, como mostra a figura 26 (Pinto et al., 2003), integrando um todo organizando ou um espaço independente. Era o espaço de uso de água menos privado da estância termal, já que a ingestão das águas era um ato médico mas também social, onde as classes e pessoas de ambos os sexos se encontravam, cumprimentavam, conversavam e deambulavam, como mostra a figura 27, que ilustra um desses momentos na buvette das Termas do Luso. Eram também lugares onde se procedia ao engarrafamento (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A grande maioria das *buvettes* estava implantada sobre a nascente de água ou próxima desta, para garantir a manutenção das características físico-químicas e bacteriológicas da água e a que esta corresse sem interrupção. Isto obrigava a que, muitas vezes, a *buvette* estivesse a uma cota inferior à do balneário. As mais requintadas, como as da Curia ou de Vidago, tinham ao lado uma galeria coberta (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009) como se vê na figura 28.

A fonte ocupava um lugar central no balneário. Simbólica e artisticamente, localizava-se no átrio que fazia a distribuição para o programa do balneário e que acolhia



Figura 28. Termas da Curia, galeria e buvette



Figura 29. Termas da Curia, gruta artificial no parque, Jorge Mangorrinha, 2006



Figura 30. Termas de Caldelas, Grande Hotel da Bela Vista, galeria interior para repouso

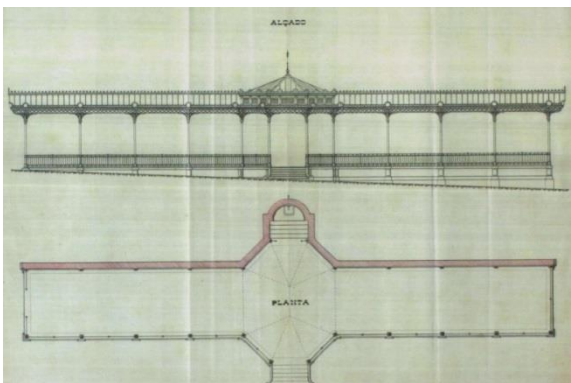


Figura 31. Caldas do Gerês, Manuel da Terra Pereira Viana, alçado e planta do projecto de galeria com buvette, 1890



Figura 32. Caldas do Gerês, galeria, Jorge Mangorrinha, 2006

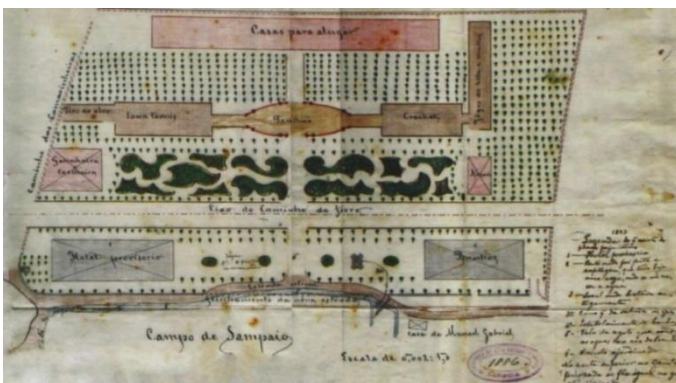


Figura 33. Caldas da Amieira, planta do parque e jardim datada de 1886, com actualização de legenda em 1893



Figura 34. Caldas de Vizela, lago no parque

os clientes que chegavam pela primeira vez (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Dos dois lados da fonte encontravam-se estantes de vidro, pedra ou ferro, onde eram deixados os copos de vidro usados pelos aquistas, muitas vezes identificados com o seu nome ou número, decorados com pinturas e o nome da estância (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A fonte era normalmente o elemento mais decorado da *buvette*, com desenhos relacionados com a água (grutas, ninfas, cascatas, etc.), ornamentos (capitéis, molduras, filigranas, balaústres, bolas, etc.) e materiais como o mármore, granito, cerâmica, madeira, ferro, jaspe, mosaico e vidro policromo (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Para além da ingestão de água, as *buvettes* e os pavilhões de nascente também ficaram conhecidos pelos passeios. Estes eram aconselhados pelos médicos como complemento aos tratamentos feitos na estância. No século XVIII sugeria-se a *promenade* ao ar livre na natureza (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

As grutas nos morros surgiram rusticamente, com materiais e vegetação como decoração, com carácter romântico, natural e humanista (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009) como se pode ver do parque das Termas da Curia (figura29).

No mesmo contexto, de incentivo às caminhadas, surgiram as galerias exteriores, no século XIX. Estas eram espaços fechados que tinham como função abrigar os aquistas, como mostra a figura 30, compor fachadas de edifícios e fazer ligação entre edifícios (Pinto et al., 2003). As galerias de referência da Curia, Gerês (ver figuras 31 e 32) e Grande Hotel do Vidago, foram as oitocentistas austríacas, checas, francesas e alemãs, apresentadas com alvenaria, ferro e vidro (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Quando não existiam parques para passeio e exercício físico nas termas, os aquistas faziam caminhadas pela serra. Em 1891, o médico Ricardo Jorge (*apud* Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p.85) afirmava que o passeio a pé era “praxe intransgredível após a dose matinal, a repetir pela fresca da tarde; as ladeiras da serra” eram “preferíveis ao macadame da estrada. Excursões pela serra” deviam “os válidos fazê-las por higiene e recreio, sem abuso porém e prejuízo das calmas ou voltas fatigantes”.

Começou a haver espaços para passeio mais arranjados e devidamente desenhados como o parque e jardim das Caldas da Amieira (ver figura 33), parques com lagos como o parque de Caldas de Vizela (ver figura 34) e alamedas para passeios públicos. Os espaços verdes surgiram para entretenimento, distração e afirmação social.



Figura 35. Termas da Curia, aqúistas nas gaivotas do lago do parque, Foto Aldeia, década de 1930



Figura 36. Caldas de Monção, banco corrido no parque, Jorge Mangorrinha, 2004



Figura 37. Caldas de Monção, alameda no parque, Jorge Mangorrinha, 2004



Figuras 38, 39, 40, 41, 42 e 43. Termas da Curia, Hotel Palace, depois de 1934

Estes espaços, em constantes modificações, adaptações e procura de modernização, levaram à alteração dos “costumes” de lazer e das exigências técnicas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

No século XIX, as relações eram bastante formais, sendo os passeios e os jogos tradicionais as principais formas de distração. Com a influência de hábitos de lazer de outros países europeus, como os passeios de barco nos lagos (figura 35), o ténis, a patinagem ou o ciclismo, os espaços exteriores das termas foram modernizados e transformados (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Estas áreas verdes tiveram como referência os parques paisagísticos franceses, que foram românticamente desenhados e ocupados ocasionalmente por pavilhões. Os edifícios e os elementos da natureza formavam um todo em que dependiam uns dos outros. Eram lugares de encontro, de arte e intemporais, que acompanhavam os metamorfismos da sociedade e as “modas” ao longo dos tempos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Os espaços verdes faziam a ligação de diversos elementos, que incluíam lagos com ilhas, pontes, alamedas (figura 36), avenidas e rotundas com repuxos. Usufruíam de mobiliário urbano como bancos (figura 37), gradeamentos, chafarizes, marcos, fontanários, bebedouros, urinóis e chalés-retrete, coretos, candelabros, candeeiros, quiosques, pavilhões de comércio, papelarias, mesas, cadeiras e suportes de informação. Estes eram pontos de referência nas estâncias para os aquistas que os frequentavam com regularidade (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Foi nos parques que se ergueram os grandes hotéis termais. Antes havia apenas habitações temporárias de carácter familiar que ainda coabitaram com os novos modelos de alojamento: os “Grande Hotel” e “Palace”. Estes representam uma época em que se fizeram grandes investimentos em novas unidades hoteleiras devido a fatores atrativos como as termas, os caminhos-de-ferro e o elitismo monárquico e burguês, como aconteceu na Curia com a construção do Hotel Palace (ver figuras 38 a 43).

Com uma imagem romântica, fachadas magníficas, pés direitos imponentes, galerias esbeltas e grandes salões de baile, estes locais foram símbolos de uma fase de evolução nos transportes e nas vias de comunicação (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Os conjuntos turísticos foram-se desenvolvendo com o apoio do Estado, nomeadamente do Conselho de Turismo, tendo como relator o arquiteto Ventura Terra, que

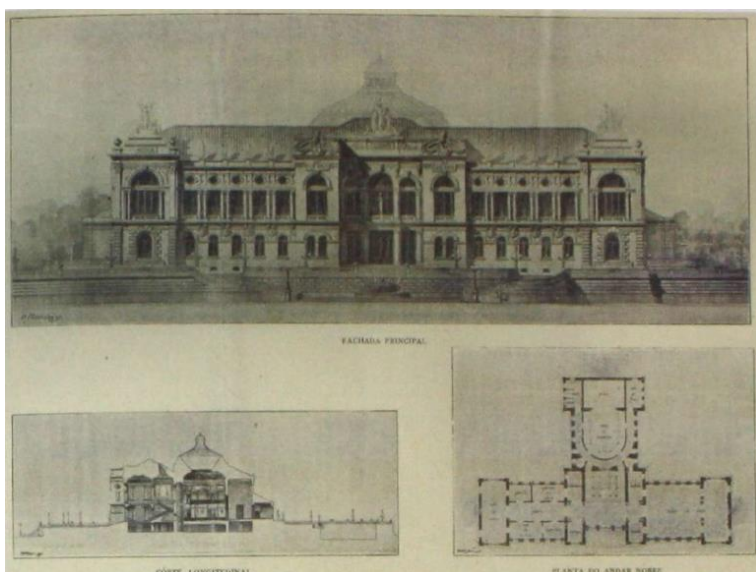


Figura 44. Artur Manuel Rato, alçado, corte e planta do projecto de casino, 1902

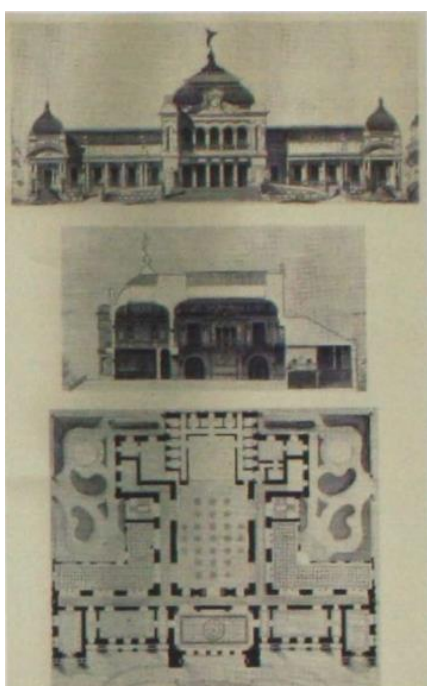


Figura 45. José Pacheco, alçado, corte e planta do projecto de casino, 1907



Figura 46. Monte Estoril, Norte Júnior, alçado do projecto de casino, 1907

criou a legislação de 2 de Dezembro de 1914, pelo decreto nº 1221. Este deferia isenções aos investidores, fixava normas que se baseavam no tipo de edifício e na sua incorporação estética e definia dimensões mínimas obrigatórias dos espaços da zona de serviços do hotel (cozinha, armazém, copa e adegas). Trouxe ainda algumas exigências no programa funcional: átrio e vestíbulo de grandes dimensões e com decoração luxuosa, restaurante, sala de visitas, sala de jantar, sala de leitura, salão de festas e correspondência, cabeleireiros para pessoas de ambos os sexos, antecâmara em todos os quartos, casa de banho em 50% dos quartos, salão privativo em 10%, luz elétrica e rede telefónica interna e externa em todos os quartos e decoração e mobiliário bastante confortável e luxuoso (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Os hotéis passaram então a ser incluídos nos planos de investimento das estâncias termais como componentes fundamentais para o crescimento económico e social da atividade termal. A expressão arquitetónica, que dependia do valor do investimento e condicionava o desenho do hotel, tinha um papel importante na paisagem e na imagem das estâncias termais (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Como já se disse, com o progresso das estâncias termais, estas passaram a ter a dupla função de tratamento e higiene da sociedade, complementada pelas funções distrativas. Assim, aos hotéis juntaram-se os clubes e casinos, onde os aqúistas passavam o tempo livre. Vários foram os projetos de casinos a surgir nesta altura (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A 10 de Setembro de 1902, o arquiteto Artur Manuel Rato publicou um projeto de casino na revista *A Construção Moderna*, que obtivera da Sociedade Nacional de Belas-Artes uma menção honrosa, como se pode ver na figura 44. Sem localização definida, o casino poderia inserir-se num grande parque. Tinha um terraço ao nível de um dos dois pisos da sala de concertos, onde se viam os jogos. Nos corpos laterais ficavam salas para jogos de salão, e nos pavilhões de ângulo o restaurante e a sala de bilhares. No andar nobre ficava a ala de concertos e os gabinetes para reuniões, salas de leitura, salão de baile, sala de armas, *buffet* e vestiários (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Em 1907, a mesma revista publicou um estudo de José Pacheco (discípulo do arquiteto Norte Júnior), que desenhava um edifício com planta em cruz latina, alçados sumptuosos, uma grande cúpula no corpo central servido de escadaria no exterior (Pinto,

H. G., & Mangorrinha, J., 2009) estudo esse que se encontra na figura 45.

No mesmo ano, o arquiteto Norte Júnior desenhou um grande casino em pedra, com três corpos simétricos unidos por galerias de vidro ajardinadas, como se pode ver na figura 46. No corpo central desenhou uma arquivolta com duas colunas onde se abria uma grande janela que iluminaria o vestíbulo do salão de divertimento. O piso térreo tinha um terraço e no interior uma escadaria de dois lanços que fazia a comunicação com o andar nobre.

Nesta época, precisamente, foi construído o casino de Pedras Salgadas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O microcosmo termal português tornou-se num espaço de saúde e lazer ao gosto tipológico centro-europeu, mas com diferenças na dimensão. Nele praticava-se o culto da água e o culto religioso com a prática de exercício e o lazer, a leitura, a música, os jogos para o corpo e para a mente, tiro, embelezamentos e comodidades (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Foram construídos diferentes cenários de arquitetura termal, definindo variados estilos: “imitações e reinterpretação; revivalismo classicista, fantasioso e refinado; arquitetura popular e pseudovernacular e Modernismo austero; contemporaneidade e experimentação” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 97).

As fachadas eram simétricas, tripartidas com um corpo central saliente ou um conjunto de volumes usado mais recentemente. Os elementos ornamentais marcavam linhas horizontais, esquinas, colunas estruturais e eixos de simetria. Os pormenores construtivos e decorativos comprovavam a influência da arquitetura clássica dos estabelecimentos europeus, nomeadamente dos majestosos modelos franceses e alemães oitocentistas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), localizados nos “locais termais e climatéricos mais afamados do final do século XIX”, “detentores de fortes tradições arquitectónicas” (Providência, 2007).

4. ABORDAGEM ARQUITETÓNICA DAS ESTÂNCIAS TERMAIS NA CONTEMPORANEIDADE

No longo período da história das termas vários foram os fatores que influenciaram a sua arquitetura, exigindo aos projetistas diferentes respostas aos programas termais. Como vimos nos capítulos anteriores, a arquitetura termal é influenciada por condições sociais, políticas e económicas. Mas apesar das diferentes soluções a que estas condicionantes obrigam, no nosso país é comum elas revelarem-nos uma arquitetura portuguesa com influências europeias, cheia de memórias e de história (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

É hoje notória a preocupação na preservação desta história, do património, aliando-o às novas técnicas da contemporaneidade. As intervenções feitas nas termas devem respeitar os edifícios existentes, o lugar e tudo o que dele faz parte: os nativos, os utentes, os materiais e tecnologias locais, os silêncios, os barulhos e os aromas que tornam estes espaços únicos. Estes têm vindo a ser alvo de novos investimentos que procuram correlacionar novos modelos funcionais qualificados, organização espacial e formas admiráveis (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Assim, têm sido reabilitados edifícios ou construídos novos tendo em consideração as novas práticas de uso dos recursos termais. Estas dizem respeito a locais antigos, tendo como preocupação estabelecer relações através de: interior-exterior, materiais, sensações... São “emoções que também se expressam, dualmente, na sintonia com o «espírito do lugar» e com o contacto com a matéria-prima fundamental” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 25).

Os novos materiais e as cores, utilizados nos revestimentos para criação de ambientes de relaxamento, tornam-se fatores condicionantes da personificação estética da arquitetura termal (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Eles “criam possibilidades de relação entre o antigo e o novo” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 25) e apelam “às possibilidades inesgotáveis da relação lumínica com as águas, transparências e cores” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 25).

A inovação técnica, curativa e de prevenção leva a uma maior e mais abrangente captação de utentes. As técnicas curativas surgem mais modernas e eficientes

através de novos equipamentos. As técnicas de prevenção, revitalização e beleza corporal são introduzidas, variando entre si e aumentando a oferta. Estas técnicas de prevenção são colocadas em prática no ginásio, nas áreas de mecanoterapia, na piscina, nas salas de repouso, nos corredores de marcha e em salas de tratamento. Elas dependem da aplicação terapêutica das águas: hidropinia, ingestão oral, pressoterapia, aplicação de parafango, técnicas respiratórias, imersão, duche, vapor e medicina física e de reabilitação (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A esta evolução somam-se as novas tecnologias. Constroem-se novas centrais técnicas, depósitos e redes de adução e distribuição de água termal, sendo aplicados todos os procedimentos para permitir a manutenção da qualidade da água mineral natural (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O programa atual exige:

Novas áreas e novas relações funcionais como a separação de circuitos, a utilização de novos materiais e de sistemas de desinfeção (por via de exigentes critérios de higiene). Também importante é a criação de áreas adequadas aos equipamentos atuais e a uma rede complexa de infraestruturas (como sistemas logísticos mecânicos, novas exigências das redes elétricas e climatização interior) (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 24).

Tudo isto se deve em grande parte à “valorização de uma cultura do lazer que obriga a espaços e funções específicos” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 25).

Os balneários também são otimizados e modernizados, começando a haver uma preocupação com a manutenção interna da qualidade bacteriológica da água. Aumentam a diversidade técnica da utilização dos balneários de acordo com as novas vertentes de procura turística (saúde e lazer), a sua informatização com controlo de entradas e de tratamentos efetuados. Assiste-se à criação de áreas de vestiário entre “pés sujos/pés limpos” e “pés secos/pés molhados” e de áreas com circuitos independentes para os têxteis limpos e sujos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). A luz natural é trabalhada, usando mais ou menos intensidade, de modo a criar ambientes diferentes. E os avanços tecnológicos oferecem melhores condições de controlo térmico (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Nos últimos anos, foram realizados projetos em estâncias termais europeias. Bad Elster, na Alemanha, de Behnisch & Partner (Gunter Behnisch e Manfred Sabatke)

com projeto de Christof Jantzen (1994-99); Bath, na Inglaterra, de Nicholas Grimshaw/Grimshaw & Donald Insall Associates (1987-06); Hôtel des Thermes (Dax), em França, de Jean Nouvel e Yves Brunier como *designer* de ambientes (1990-92); Guitiriz, em Espanha, de Gustavo Díaz García e Lucas Díaz Sierra (2001-03) são exemplos de locais onde os arquitetos fizeram planos de regeneração urbana ou apenas a reabilitação dos seus estabelecimentos termais e hotéis-balneários (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 25).

Estes e outros projetos causam sensações de totalidade e de tranquilidade que se estendem além dos seus limites físicos. Onde quer que se encontre, a arquitetura contemporânea responde às novas motivações dos seus visitantes, com atrações especializadas que vão muito além da atividade termal (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Bastante luxuosos e hedonistas, estes sítios têm em comum o culto “do corpo e da alma, fundamentos que suportam meios de promoção urbana e de internacionalização relevantes” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 28).

As estâncias termais europeias são desde sempre referências da arquitetura termal portuguesa. No entanto, a nossa arquitetura é influenciada pela evolução da sociedade, da cultura e da economia que lhe conferem uma identidade própria (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

As termas são lugares de exceção, nascidos afastados dos aglomerados urbanos, onde brota a água mais pura, a da nascente, e onde se comunga com a natureza. São meios de sublimidade no ordenamento do território e são estes valores únicos que lhe conferem imposição na competitividade económica (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

5. A PROBLEMÁTICA DA RECUPERAÇÃO DE ESTÂNCIAS TERMAIS OBSOLETAS EM PORTUGAL

Na Europa, as vilas termais têm sido centros de inovação com a execução de planos urbanísticos e projetos arquitetónicos e estabelecimento de relações socioculturais, económicas e urbanísticas. Isto torna-as centros de atração em que o recurso ao uso das águas minerais se revela um importante fator de desenvolvimento urbano (Pinto N. R., 2009).

As vilas termais devem fomentar a sua especificidade valorizando o seu património arquitetónico. A arquitetura termal tem, portanto, um papel decisivo no desenvolvimento das termas e dos seus aglomerados (Pinto N. R., 2009).

No nosso país, com o passar do tempo, as estâncias termais foram ficando degradadas, desatualizadas e obsoletas (Pinto N. R., 2009). Contudo, com o aparecimento de novos públicos (classe média/alta e alta e maior flexibilidade da faixa de idades), a exploração de negócios complementares (água engarrafada e cosmética) e o consequente aumento da procura e da concorrência no desenvolvimento do sector, impôs-se a reabilitação dos edifícios termais. A renovação tecnológica e arquitetónica, mantendo as características clássicas dos edifícios e inserindo-lhes uma vertente lúdica, tornou-se uma necessidade (Pinto N. R., 2009).

Em 2008, Adília Rita Ramos e Rossana Andreia Santos concluem no estudo *O Modelo do Novo Paradigma Termal - o Caso Português* que é inevitável e urgente a “reestruturação das estâncias termais portuguesas” e:

que os responsáveis pela revitalização termal reconhecem a inevitável complementaridade, não só ao nível interno (complementaridade entre as vertentes terapêutica e lúdica, modernização das infraestruturas e atualização de equipamentos), como também, a complementaridade ao nível externo (implementação de variadas atividades lúdico-desportivas e preservação e ordenamento dos espaços físicos), que enaltecem e apelam cada vez mais, para além da consolidação do capital saúde, à integração de programas no termalismo lúdico-turístico modernização das infraestruturas e atualização de equipamentos e preservação e ordenamento dos espaços físicos (p. 25).

Apesar desta necessidade identificada, a conservação do património tem estado numa situação precária em Portugal e na Europa. Os motivos apontados são os mais diversificados: dos “custos de manutenção” à “inadaptação” dos locais “às necessidades atuais”, passando pela “ação paralisante sobre os grandes projetos de ordenamento do território” (Choay, 2010, p. 15); da “vontade política de modernização”, que “em nome do progresso técnico e social” substitui “antigos monumentos por novos” sem procurar preservar o património existente, à simples “falta de consciencialização”, ao “desinteresse” e à “inatividade em relação aos proveitos da reabilitação dos edifícios termais” (Pinto N. R., 2009, p. 18).

A própria “incompreensão” da importância da “salvaguarda do património construído enquanto fator de identidade e de afirmação da especificidade cultural”, com uma notória “desarmonia entre o novo e o antigo que resulta na descaracterização do edifício” (Pinto N. R., 2009, p. 18), é um problema sério neste tipo de reabilitação. A isto acrescem a “falta de mecanismos de interação entre os agentes económicos envolvidos no processo” e a “ausência de políticas de apoio à revitalização dos estabelecimentos termais por parte da administração central e local” (Pinto N. R., 2009, p. 18).

A ausência de formação nas empresas, “com gestores e técnicos sem a necessária qualificação para lidar com a especificidade metodológica e tecnológica desta atividade” (Cóias, 2007, p. 9) é outro dos motivos apontados para a criação desta problemática.

Sobre este assunto, defende Ana Roders (n.d., p. 2) que:

muitos projetistas e intervenientes no património construído têm demonstrado alguma inércia em encarar o parque construído e suas potencialidades, economizando a sua criatividade projetual para os seus traços de modernidade em novas construções. Mesmo quando intervindo no património construído, é notória a prioridade dada às novas adições, esquecendo que existe um potencial imensurável na reutilização ou reciclagem das formas, componentes e materiais pré-existentes, podendo perfeitamente integrá-los conjuntamente com as adições, estimulando o diálogo generacional com verdadeira criatividade.

Felizmente, nos últimos tempos tem havido uma preocupação com a conservação dos edifícios, que devem ser preservados e estudados por serem parte da história e obras de arte, por razões científicas, estéticas, memoriais, sociais e urbanas (Choay, 2010).

Ao valor histórico, no que diz respeito à história nacional, acresce o valor artístico, referente à arte nacional. A conservação e o restauro requerem a combinação da motivação afetiva com o conhecimento, que se aperfeiçoará ao ritmo dos desenvolvimentos da história da arte (Choay, 2010).

A maior dificuldade na reabilitação do património é de carácter financeiro. As intervenções são na sua maioria muito difíceis de suportar se não se obtiverem investimentos públicos ou privados. Este problema conduz os concessionários ao recuo da reabilitação do edificado termal (Pinto N. R., 2009).

“Contudo, segundo Pinto et al. (2003, p. 193) os concessionários e poderes políticos perceberam a importância do restabelecimento das técnicas do passado inovando e adequando-as com as técnicas mais recentes, introduzindo uma nova imagem de modernidade arquitetónica, valorizando a arquitetura e as memórias do passado e a arquitetura contemporânea”.

A época de apogeu do termalismo em Portugal deixou uma história única, com um grande património material e imaterial. É fundamental a “salvaguarda patrimonial como recurso turístico” e forma de “preservação das tradições e rituais” que caracterizam a “prática termal” (Pinto et al., 2003, p. 193). “O património termal” aliado “aos recursos hidrotermais, à arquitetura, às áreas verdes” e “às práticas tradicionais” é fundamental “para o relançamento do termalismo em Portugal” (Pinto et al., 2003, p. 193). Hoje em dia, as estâncias termais são cada vez mais procuradas por razões que não se prendem diretamente com o uso terapêutico das águas, numa perspetiva diversificada de termalismo.

6. REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS

Cada reabilitação de um edifício antigo é um caso único. Apesar de existirem métodos, práticas e fundamentos teóricos, cada um deles tem a sua história, as suas vivências. A partir de uma análise ao edifício é que são equacionadas várias opções e tomadas decisões. O resultado nunca é o mesmo (Campos, 2012).

As intervenções em que são adicionados outros programas ou em que os programas dos edifícios são reconvertidos noutros, diferentes, são as mais complexas. Este tipo de reabilitação permite a reutilização do património de antigas estruturas que estavam esquecidas, ultrapassadas (Campos, 2012).

Porém, esta preocupação pelos edifícios/monumentos antigos, pelas pré-existências, nem sempre foi importante. Segundo Campos (2012, p. 6), “até ao Renascimento essa sensibilidade não existia”. Os edifícios eram construídos sem a menor preocupação com o estabelecimento de relações entre a intervenção e o seu contexto. Com o Renascimento, esta atitude altera-se. Começa a haver um cuidado em estabelecer um “diálogo entre a arquitetura pré-existente e a arquitetura nova” (Campos, 2012, p. 6).

As opiniões sobre este tema são variadas e por vezes contrárias. São criadas as Cartas do Restauro com novos modos de pensar, que constituem a “Carta de Veneza” (de 1964), com premissas que ainda hoje se aplicam (Campos, 2012).

Nas últimas décadas têm sido feitas inúmeras intervenções na área da reabilitação. Isto deve-se a “alterações do contexto económico e cultural” (Campos, 2012, p. 6), imposição de melhores condições de conforto e de qualidade de vida, melhorias nos recursos tecnológicos e técnicos, obsolescência, degradação e abandono do património.

Os arquitetos têm trabalhado bastante nesta área da arquitetura. Para estes, “a necessidade de intervir parte da consideração de que cada caso é” único, com “a sua própria especificidade” (Campos, 2012, p. 6) e com o seu próprio passado. Muitas vezes, nestas obras são introduzidos novos elementos, sendo que a maior preocupação do arquiteto é estabelecer uma harmonia entre as novas estruturas e as antigas. “A introdução dos novos elementos arquitetónicos assume o contraste entre o novo e o velho” (Campos, 2012, p. 6), que se distancia de uma atitude de imitação que desprestigia e falsifica a herança histórica dos nossos antecedentes.

Quando intervém num edifício antigo, o arquiteto está a (re)projetar. Faz uma investigação e análise históricas e arqueológicas do edifício, estabelecendo conclusões

críticas do que importa ou não preservar, e define a sua estratégia de intervenção (Campos, 2012).

A reabilitação do património é bastante importante e traz vantagens. Ela recupera a identidade do lugar, assegura a manutenção do edifício histórico, da sua simbologia, da sua arquitetura (Silva, 2012), de uma memória que urge deixar para o futuro. O incentivo dos agentes públicos e privados é aqui fundamental (Campos, 2012).



Figura 47. Álvaro Siza. Auto-retrato

7. ESTRATÉGIAS PROJECTUAIS DE ÁLVARO SIZA

Para o estudo que pretendemos realizar sobre as intervenções arquitetónicas nas estâncias termais de Vidago e de Pedras Salgadas é essencial entender, antes de mais, o seu autor. Falamos do incontornável Álvaro Siza.

A vontade de Álvaro Siza era, desde jovem, ser escultor. É graças à influência do seu pai, que receava que a escultura não desse as garantias necessárias para o futuro do seu filho, que aquele que é hoje um dos mais reconhecidos arquitetos portugueses toma a decisão ir estudar Arquitetura na Escola do Porto. Mas apenas quando trabalhou com o arquiteto Fernando Távora (que fora seu professor no quarto ano) Álvaro Siza decidiu ser arquiteto.

Siza não tem um método preciso de fazer arquitetura. Há, porém, um conjunto de métodos de trabalho que utiliza no processo de desenvolvimento dos seus projetos. De uns para os outros existem pequenas mudanças, fruto de estímulos que o levam a tratar uma questão que até aí não tinha sido tratada (Siza, 2009).

No início do projeto, por vezes antes de visitar o lugar do projeto e de recolher informações sobre ele, Siza procura fazer uma imagem daquilo que sabe dele. Depois, vai visitar o local em que o projeto se insere, explorando-o a fundo, de modo a suscitar ideias e abrir opções que serão depois trabalhadas. Este processo revela a importância do lugar na arquitetura de Siza (2009).

É nos seus cadernos que Siza Vieira regista as ideias que surgem na preparação de um projeto, fazendo-o quase sempre através do desenho. O desenho é, aliás, um instrumento de trabalho para Siza. Ele ensina-o a ver, mostra-lhe o espaço, mostra-lhe aquilo que a planta e o corte não lhe mostram. Segundo o próprio Siza (2009), os esboços são uma espécie de fraqueza, na medida em que ele não consegue imaginar o edifício apenas mentalmente.

Os cadernos contêm os desenhos de projeto e os desenhos de viagem, o que explica algumas referências, por vezes inconscientes, de outros arquitetos nas suas Obras. Exemplos disso são as passarelas em betão suspensas no ar da arquiteta Lina Bo Bardi ou dos últimos projetos de Niemeyer, que estão bem presentes nos projetos de Siza no museu de Porto Alegre (ver figura 48) ou no teatro não realizado de Montreuil (Siza, 2009).

Existem também, por vezes, relações entre projetos realizados em sítios

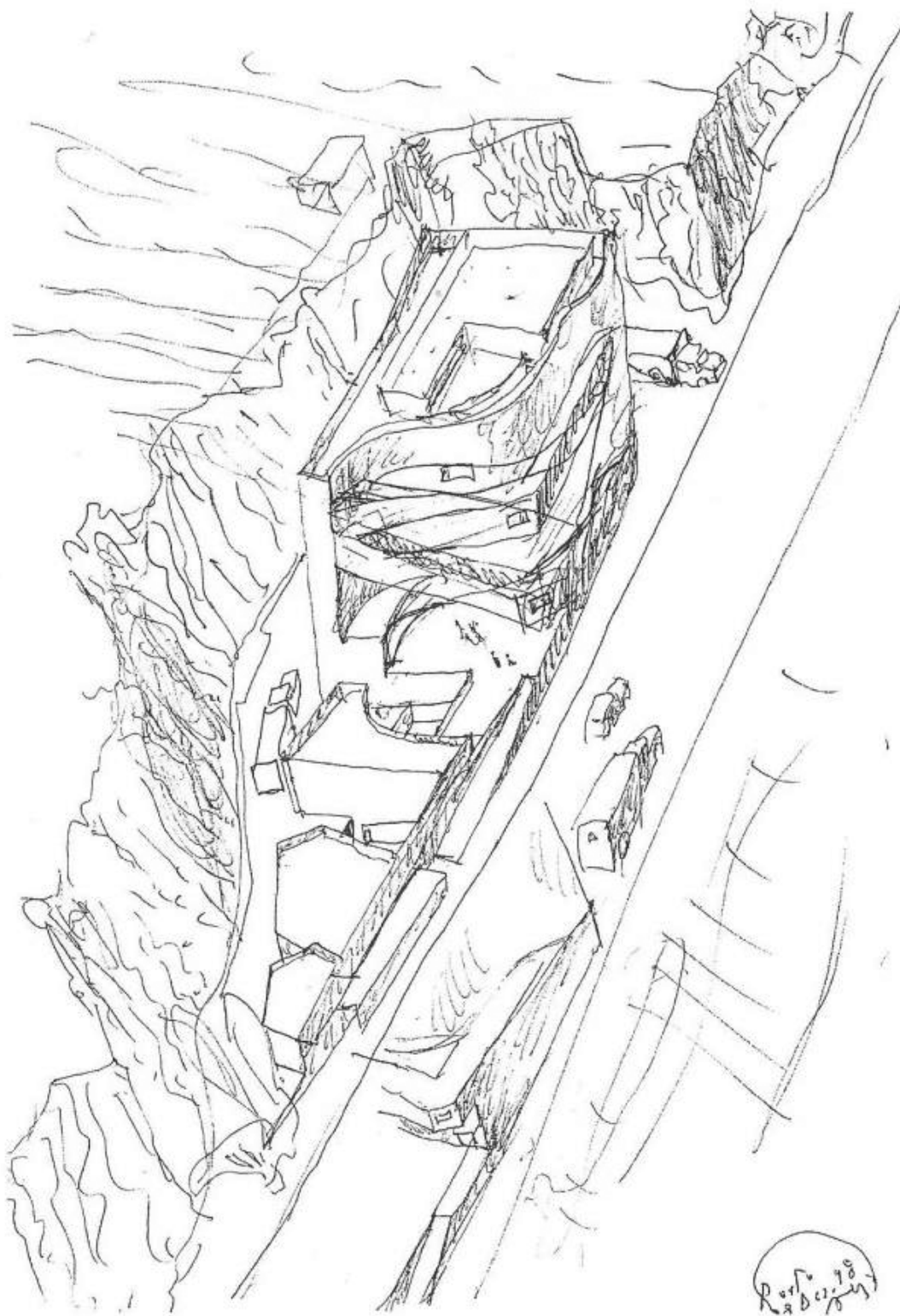


Figura 48. Fundação Iberê Camargo, Porto Alegre, 1998-2008

diferentes. Esta repetição maioritariamente inconsciente também pode ter razões que a impõem, como a topografia. Siza explica isso mesmo em *Uma questão de medida* (2009), dizendo que nada do que se faz é completamente novo e que há muitas referências a que se recorre quando se faz arquitetura sem que se saiba o porquê.

Essa capacidade de registrar experiências e valer-se delas intuitivamente, defende, deve ser desenvolvida na “formação do arquiteto” (Siza, 2009, p. 255). Esta desenvolve-se viajando e vendo o mundo. A arquitetura desenvolve-se com esses elementos que vêm muitas vezes de muito longe, que influenciam a forma, tipologia e técnicas construtivas dos seus projetos (Siza, 2009).

O contexto, apesar de ser muito importante para a arquitetura, não é suficiente (Siza, 2009). Quando o foco é exclusivo no contexto, isso pode originar uma forma pobre. O fundamental é a formação do arquiteto, a teoria de base, as suas experiências, conhecer outros meios, outras respostas e a participação das pessoas (Siza, 2009).

Esta referência à participação das pessoas nos projetos é especialmente relevante para Siza, mesmo que para muitos arquitetos essa prática tenha caído em desuso. Esse contacto serve para esclarecer o projeto e os seus objetivos. As discussões com as pessoas permitem detetar os problemas e conhecê-los melhor, recolher informações sobre hábitos, necessidades e desejos dos clientes. Sem isso, o projeto torna-se superficial. Siza (2009) defende que a inexistência de comunicação resultaria numa carência de ideias, o que resultaria em projetos sempre iguais.

O início do processo de projetar é nebuloso. Nessa fase, Siza vai experimentando, procurando ideias, procurando uma forma. Mas a forma exata só se consegue depois de um longo processo de trabalho, de várias opções feitas e da contribuição dos diferentes participantes (engenheiros, regulamentos, etc.). Não se pode, contudo, dizer que a forma seja determinada no princípio ou no fim de um projecto: todos os momentos são importantes, desde aquele em que Siza faz esboços do projeto até àquele em que se define a rede de infraestruturas (Siza, 2009).

Siza sustenta o projeto em alguns pontos que o acompanham e aos quais recorre a qualquer momento. O que rodeia o lugar de intervenção, a sua atmosfera, é um suporte essencial, mas a forma não se reduz a esses pontos de apoio. A função é um suporte de trabalho mais exato, ainda que com algumas condicionantes. Quando estamos a trabalhar as questões da função surgem também as ideias de forma conjugadas com as

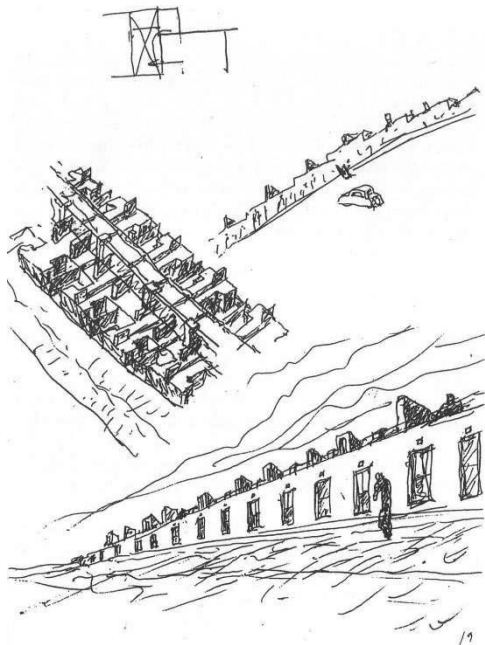


Figura 49. Plano para a expansão de Évora Quinta da Malagueira Évora de 1977. Estudo para a agregação das casas



Figura 50. Plano para a expansão de Évora Quinta da Malagueira Évora de 1977. O Pátio. O agregado. O interior de uma casa

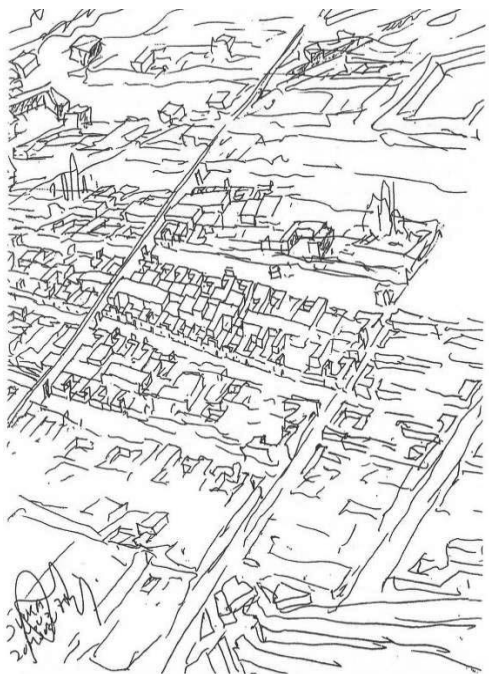


Figura 51. Plano para a expansão de Évora Quinta da Malagueira Évora de 1977. Vista do alto de uma parte da área

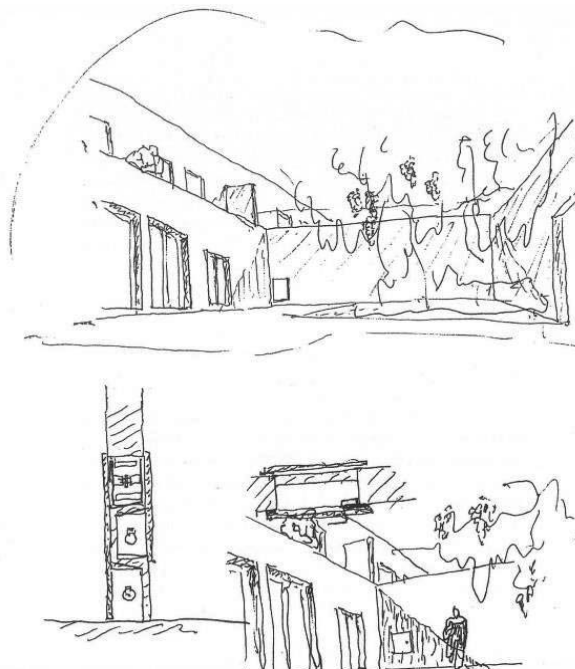


Figura 52. Plano de urbanização e habitação social, bairro da Malagueira, Évora, a partir de 1977 (em curso)

condicionantes e até com modelos existentes. Porém, a resposta perfeita ao programa não origina uma forma clara. É aqui que a forma deve libertar-se da função para poder acomodar futuramente outros programas e funções (Siza, 2009).

O desenvolvimento do projeto compreende os aspetos funcionais, contextuais, técnicos económicos de todas as condicionantes dos edifícios, mas também se deve distanciar delas, superando-as. Só assim é possível que, ao longo da história, se tenham adaptado conventos a escolas, câmaras municipais ou museus, por exemplo. Esses são, de resto, as melhores provas de que a forma não depende da função. A forma é, portanto, a “ponta de um processo que nunca acaba” (Siza, 2009, p. 210), algo que está sempre em aberto, que pode mudar. Quando Siza, após muito tempo, finalmente abandona a pesquisa e acaba o trabalho tem sempre a sensação que não terminou e sente uma espécie de frustração (Siza, 2009).

Para Siza, a cidade não é um aglomerado de edifícios. Cada um deles deve definir a sua presença. Os projetos de Siza têm em consideração os lugares em que são edificadas. É através da história e da geografia do lugar que desenvolve os traçados geométricos dos projetos, estabelecendo conexões complexas com o lugar (Siza, 2009).

Para Siza (2009), a história indica o que vem a seguir. Por isso procede a uma análise e investigação do terreno quase arqueologicamente, para encontrar os pontos fortes de transformação que têm importância histórica e trabalhar a partir deles. O objeto final parece ser de natureza abstrata, mas cria uma ligação com o lugar e com os edifícios que o rodeiam. Incorpora ecos da morfologia do lugar concedendo uma realidade ao vazio que o separa dos edifícios envolventes. Dá tempo ao espaço (Siza, 2009).

Para se conseguir descrever esses espaços é necessário vivenciá-los, num processo em que o tempo ganha forma. Esse tempo entre o construído e o existente também é introduzido para evitar o imediato (Siza, 2009). Na passagem do interior para o exterior é essencial uma transição que possibilite uma passagem agradável de um meio interior para o ambiente rigoroso do exterior (Siza, 1998).

No projeto para a expansão de Évora na Quinta da Malagueira (figuras 49 a 52), por exemplo, os pátios foram criados por essa necessidade de um “microclima de transição entre as condições climáticas do exterior e o interior” (Siza, 1998, p. 127), que não teria sido completamente controlado apenas com os materiais utilizados. A deslocação do corpo nesses vazios confere uma sensação de atenuação do tempo (Siza, 2009).



Figura 53. Casa Vieira de Castro, Vila Nova de Famalicão 1984-1997. Esboço prospectivo. À direita a porta de entrada

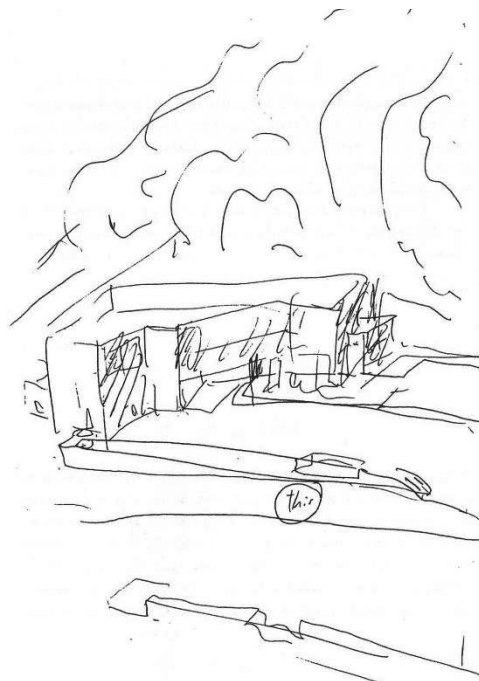


Figura 54. Casa Vieira de Castro, Vila Nova de Famalicão 1984-1997. Esboço prospectivo

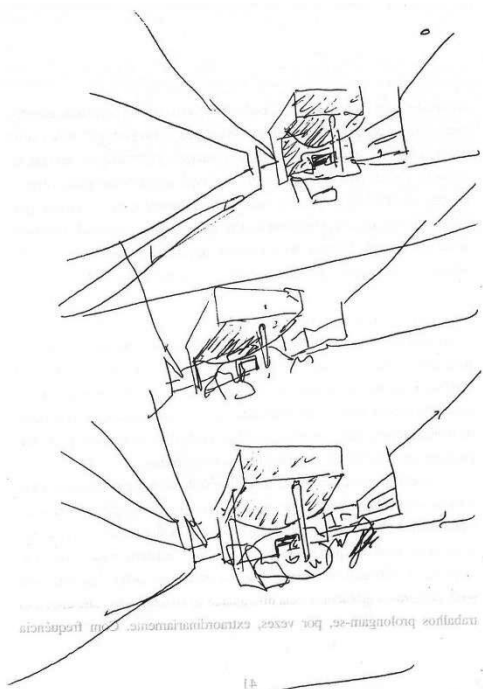


Figura 55. Casa Vieira de Castro, Vila Nova de Famalicão 1984-1997. O salão com lareira. À esquerda uma grande janela sobre a paisagem

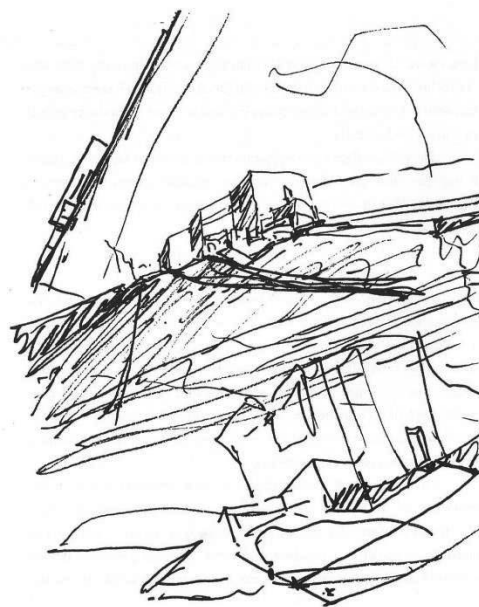


Figura 56. Casa Vieira de Castro, Vila Nova de Famalicão 1984-1997. Esboço prospectivo

Essa transição pode ser acompanhada de mais ou menos luz. A luz é indissociável dos espaços (Siza, 2009). Siza trabalha-a bastante, nomeadamente analisando de onde e como chega (Siza, 2009). Um edifício pode ter necessidades de mais ou menos luz, por isso é que Siza nunca fez um plano totalmente de vidro – uma ideia que considera desinteressante (Siza, 2009). Siza (1998) usa as aberturas para criar ligações visuais com o exterior e para jogar com a luz. É importante abordar a luz em si mesma e na sua totalidade, separando-a dos outros materiais da arquitetura (Siza, 2009).

Outro dos instrumentos da arquitetura de Siza é a cor, ainda que confesse que tem alguns problemas em a usar. Segundo Siza, para usar uma cor que não seja o branco é necessário encontrar uma razão para o fazer, algo que vá para lá da “subjetividade ou da pesquisa estética de um arquiteto” (Siza, 2009, p. 146). Siza usa muito o branco não por ser purista, mas porque não tem nenhum motivo para o fazer de outra forma (Siza, 2009).

A ideia de atenuação, de prolongamento, é conseguida em alguns projetos através de elementos que se repetem, arriscando a monotonia. Porém, Siza considera que a monotonia dos edifícios intensifica a sua beleza. O desenho conjugado com a topografia, o carácter único do edifício, a deslocação das pessoas, fazem essa monotonia dissipar-se. A repetição exalta as diferenças e as exceções. Se repararmos bem, nada é completamente igual: a repetição permite destacar a mais pequena diferença (Siza, 2009).

A ligação mantida entre os espaços é garantida também através dos materiais utilizados. Siza considera a teoria de Venturi, que se baseia neste princípio bastante importante:

é necessário não só criar relações com a realidade, mas também entre os espaços e os materiais. Essas relações devem ser estabelecidas entre o projeto e a envolvente, e entre as diferentes partes do projeto. No interior do projeto, as ligações tornam-se inevitavelmente ecléticas, híbridas, porque todas as realidades exteriores à Obra devem penetrá-la e contaminar todo o projeto (Siza, 2009, p. 29).

Na Casa Vieira de Castro (Famalicão) (figuras 53 a 56), por exemplo, Siza usa muros, rampas e escadas do jardim no tratamento da topografia, estabelecendo uma continuidade com o interior da casa, no uso dos materiais, assim como na relação entre os espaços e nos pormenores da construção (Siza, 1998).

É assim que se faz arquitetura. Esta é feita de relações entre todos os elementos que se relacionam com o projeto. Se um projeto não tem isso em conta não está

apto, não tem qualidade. Uma arquitetura com qualidade é capaz de causar uma sensação de bem-estar, de totalidade. É complexa, coerente, rica em formas e proporções soberbas. Para uma boa arquitetura é preciso tempo, porque só com ele se trabalha em serenidade. Hoje em dia esse tempo escasseia (Siza, 2009).

Siza é, por norma, contra a demolição de estruturas existentes. Elas são muitas vezes reutilizáveis e quando demolidas levam consigo a história, os conhecimentos e os materiais que as caracterizam. Numas vezes destrói-se sem razão, noutras quer-se conservar e preservar tudo. Há que estabelecer um equilíbrio (Siza, 2009).

A cultura, o património arquitetónico, as preexistências e os ambientes de uma cidade são muito importantes para o crescimento da nova arquitetura. A cidade é, hoje em dia, bastante complexa, com ruínas e edifícios de épocas diferentes. O trabalho do arquiteto é ligar essas diferenças formando um todo. Roma é, nesse aspeto, um exemplo: é uma cidade com uma grande diversidade de edifícios e estilos onde dá gosto viver (Siza, 2009)

Os monumentos e as casas que têm uma presença que lhes foi atribuída pelos séculos não devem ser destruídos, mesmo que para substituí-los por uma estrutura bela. O puro e o belo não interessam. A beleza de um edifício depende da beleza da sua envolvente, num sistema de relações (Siza, 2009).

Na sua intervenção no Chiado (figura 57), por exemplo, todos esperavam que Siza executasse um projeto marcado pela modernidade e pela sua afirmação pessoal, mas ele não viu essa necessidade. O Chiado, explica Siza (2009), assim como a arquitetura em geral, não tem de ceder a modernismos ou conservadorismos: o importante é assegurar que não há erros de proporção e mostrar moderação.

Com o exercício do Chiado, Siza passou por conservador por ter sido fiel àquilo que era o bairro. Decidiu trabalhar a partir do existente e preservar o ambiente do bairro. Na sua perspetiva (2009), demolir o Chiado isolá-lo-ia da cidade e o Chiado não tem dimensão para ser um centro isolado da cidade. Posto isto, era necessário reerguer os edifícios, transformando-os e atualizando-os com materiais e técnicas modernas. Unindo antigos elementos com novos elementos, mas mantendo a identidade.

Cada projeto tem a sua vocação e no Chiado não se invocava um novo desenho. No entanto, pode sofrer alterações devido às correntes de transformação, aos novos modos de vida, e às mudanças de utilização. Essa mudança traz uma evolução, conserva a qualidade do edifício através de uma intervenção moderna (Siza, 2009).

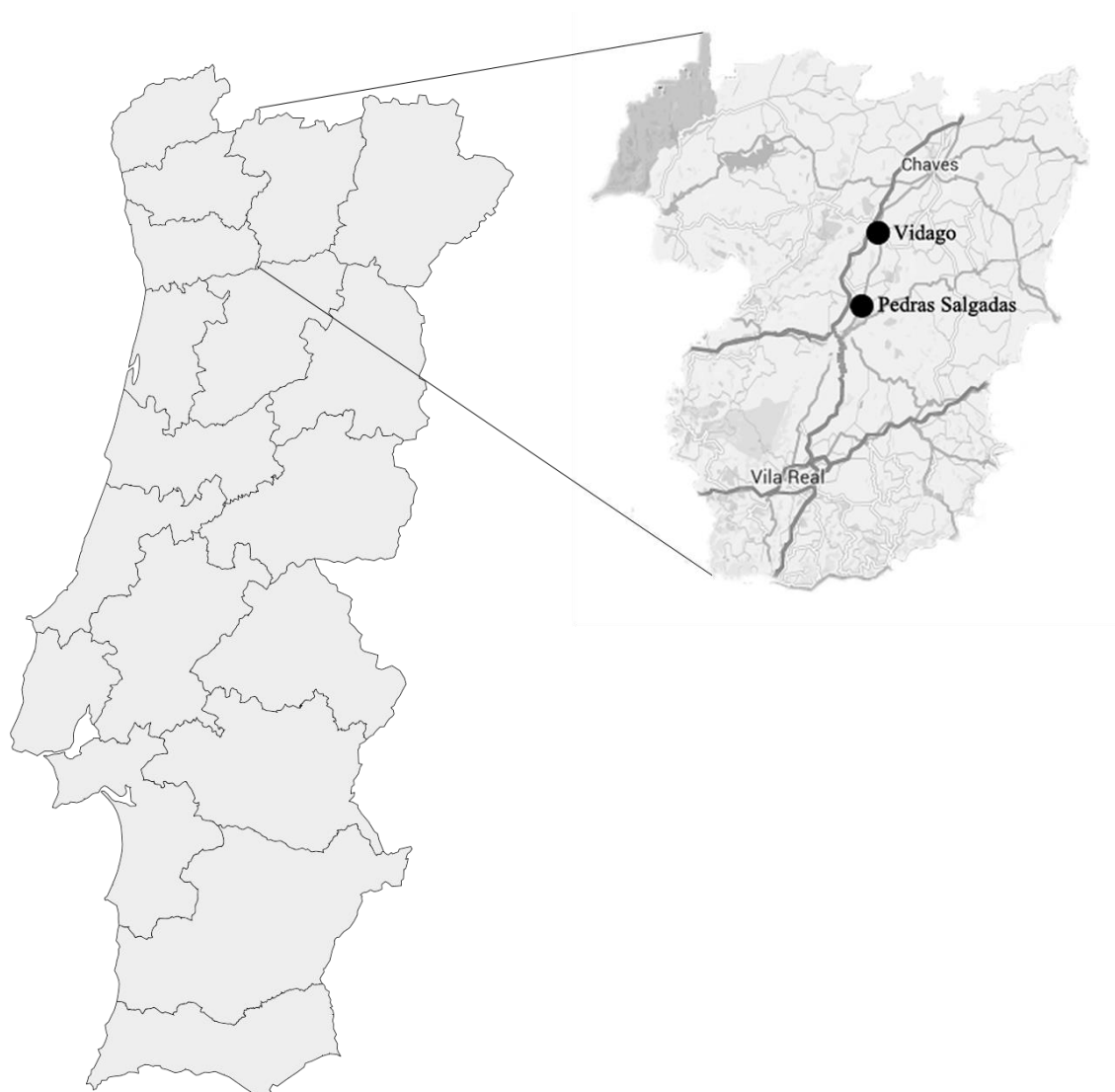


Figura 58. Mapa de Portugal com localização de Vidago e Pedras Salgadas



Figura 59. Ortofotomapa de Vidago com a localização da Estância Termal de Vidago

PARTE II – OS CASOS DE ESTUDO: ESTÂNCIAS TERMAIS DE VIDAGO E DE PEDRAS SALGADAS

1. HISTÓRIA DAS ESTÂNCIAS TERMAIS DE VIDAGO E PEDRAS SALGADAS

O estudo das intervenções recentes nas estâncias termais de Vidago e de Pedras Salgadas não é dissociável da sua história. Como vimos nos capítulos anteriores, o contexto (em geral) e a história (em particular) devem desempenhar papéis essenciais na reabilitação de qualquer edifício.

Por esse motivo, e tendo já algum conhecimento da história termal em Portugal e no mundo, foquemo-nos agora na história específica das estâncias termais que são os casos de estudo deste trabalho: Vidago (figura 59) e Pedras Salgadas (figura 60).

1.1. História de Vidago

Vidago é uma vila do distrito de Vila Real, no Norte de Portugal, que se situa a uma altitude de 330 metros. A sua população estabeleceu-se na encosta de um outeiro ao longo da Estrada Nacional nº 2 (figura 61). A maioria dos habitantes vive na margem direita da Ribeira de Oura, num vale bonito e fértil, com benefícios agrícolas devido aos grandes montes circundantes, que concedem um clima ameno e suave.

O abundante arvoredo confere uma atmosfera limpa e saudável à localidade. O pequeno ribeiro que percorre o vale e desagua no rio Tâmega armazena poucos lençóis de água, daí a ausência de terrenos pantanosos. Carreiro (2004) considera que a conjugação destes factores faz com que este local seja propício à cura, repouso e recuperação – o espaço indicado para se usufruir dos efeitos benéficos de uma terapia física e psicológica.

Vidago significa «vida». Pereira (1971) diz mesmo que desde o tempo dos Romanos que as suas curas são imensas, constituindo-se Vidago como um autêntico hospital natural. Os Romanos identificaram o lugar e exploraram as suas águas minerais, tendo criado uma estação balnear com o nome de *Vitagoo* (Carreiro, 2004).

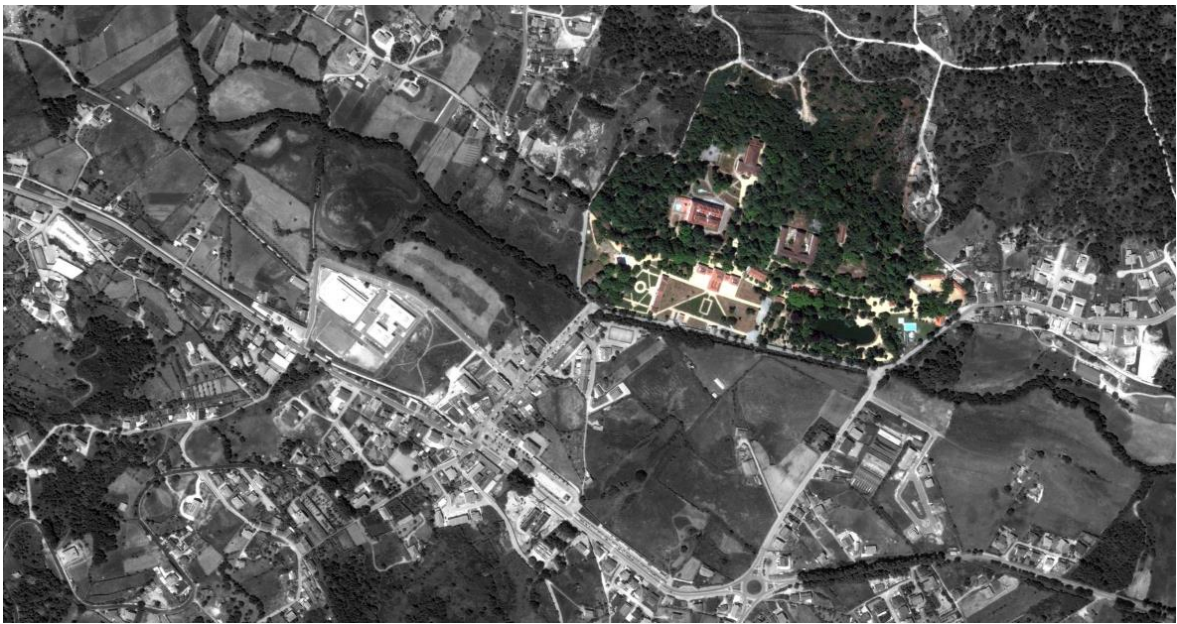


Figura 60. Ortofotomapa de Pedras Salgadas com a localização da Estância Termal de Pedras Salgadas

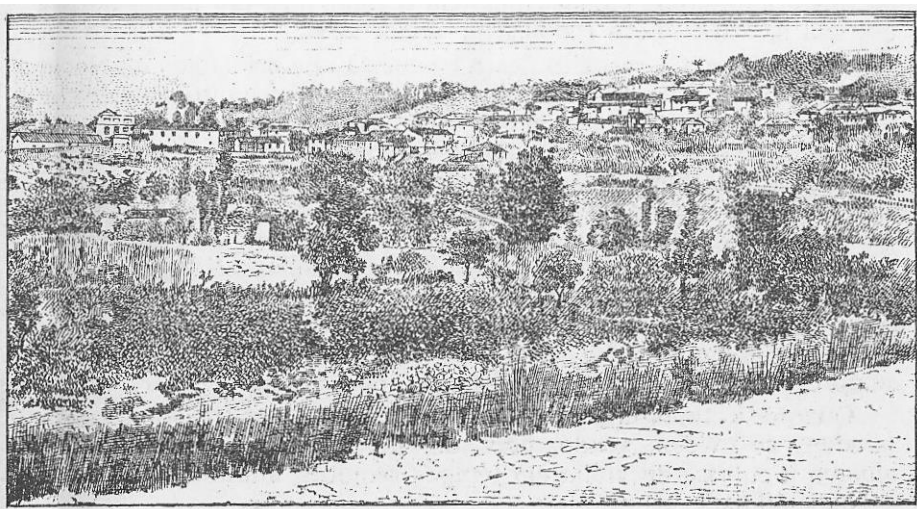


Figura 61. Vista geral da povoação de Vidago, em 1875

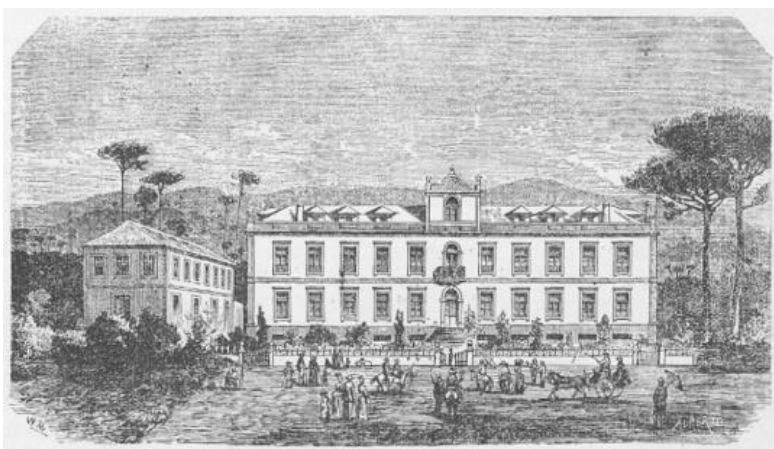


Figura 62. Em 1874, o Pequeno e Grande Hotel de Vidago, na sua inauguração

Segundo a ideia popular sustentada pelo depoimento escrito do médico Agostinho Vicente Lourenço (*apud* Carreiro, 2004) – um encarregado da Hidrologia Médica do Reino e especialista das Águas de Vidago – terá mesmo existido naquele local um balneário romano. O seu depoimento, em resposta ao pedido da Câmara de Chaves para proceder à verificação química das águas, diz o seguinte:

“o sítio onde elas (águas) brotam é bem apropriado para o estabelecimento de banhos e lá houve um assaz importante no tempo dos romanos, como atestam algumas lápides do tempo de Trajano, que ali existem. Este estabelecimento foi arrasado na época das nossas guerras com Espanha na 1ª Restauração do Reino” (p. 11).

O médico Júlio Montalvão Machado (*apud* Carreiro, 2004) em *Crónica de Vila Velha de Chaves*, (2ª edição, p.56), citando Tomé de Távora e Abreu, aponta também as guerras como uma razão para o desaparecimento do balneário na localidade: “no tempo das guerras da restauração, foram destruídos todos os balneários romanos por ordem do Conde de Mesquitela, governador das armas da Província por embaraçar o fogo da coroa, ou melhor, para aproveitar a pedra para as construções...” (p.12).

A seguir aos Romanos, a água de Vidago atravessou um período de esquecimento. Apenas em 1863 a sede matinal do antigo lavrador, Manuel de Sousa, levou à descoberta da água que estava esquecida há algumas centenas de anos (Pereira, 1971). A água alcalina assumiu tal importância na área do Termalismo que é, em grande parte, graças a ela que o lugar de Vidago é constituído freguesia e elevado a vila em 1925 (Carreiro, 2004). Por essa altura, as águas alcalinas de Vidago eram consideradas das melhores águas da Europa, tendo sido equiparadas às águas de Vichy (Pereira, 1971).

Até ao ano de 1874 eram as pessoas particulares que arrendavam quartos nas suas casas aos aqúistas que chegavam a Vidago (Carreiro, 2004). A Empresa das Águas de Vidago, fundada em 1870, inicia as obras do Grande Hotel um ano mais tarde. Situado na povoação, o Grande Hotel é inaugurado em 1874 para aqúistas e visitantes usufruírem de uma estância hoteleira.

O Grande Hotel, suportado por um balneário adjacente a outro pequeno hotel e ao Hotel de Chaves, tinha à sua frente o Jardim do Cavaleiro. Possuía 20 janelas na fachada, como se verifica na figura 62. Os aqúistas eram levados em carruagens chamadas *char-à-bains*, como mostra a figura 63, até às instalações das fontes onde tomavam as



Figura 63. Termas de Caldelas, exterior do Grande Hotel da Bela Vista



Figura 64. Praia de Vidago (Tâmega)



Figura 65. Alameda Conde Caria.

águas recomendadas pelos serviços clínicos (Carreiro, 2004). Estas carruagens também faziam passeios organizados pela empresa das águas proprietária do Grande Hotel a várias localidades vizinhas de Vidago. O mais requisitado era à praia fluvial do rio Tâmega (figura 64).

O próprio Rei D. Luís I chegou a ficar alojado no Grande Hotel. Isto aconteceu tanto no ano da inauguração como em 1875 e 1876, sempre para fazer o tratamento das águas (Carreiro, 2004). O Grande Hotel suportava então 100 hóspedes e oferecia uma estada confortável nos seus 54 quartos de primeira e segunda classes. Comportava uma sala de reunião, outra de leitura, escritório da gerência, salão de jantar bastante amplo e uma sala de refeições mais privada (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Na época, este hotel impressionava pela sua magnificência e enquadramento na paisagem (Carreiro, 2004).

As nascentes de Sabroso, localizadas próximo de Pedras Salgadas, foram “analisadas pela primeira vez em 1875 por Agostinho Vicente Lourenço” e foram, “em 1893, concessionadas à Empresa das Águas de Vidago” (Neves, 2002, p. 141).

Em 1909, foi construída a sumptuosa alameda Conde Caria que ia em linha reta do centro da vila até às nascentes termais (figura 65). Foi feita bastante larga, com 16 metros de largura (6 metros para a faixa de rodagem e 5 metros de passeio de cada lado), calcetada a paralelepípedos e sombreada com carvalhos (Pereira, 1971).

Ao fim de trinta anos, a capacidade hoteleira do Grande Hotel tornou-se insuficiente devido à grande afluência de aquistas que queriam frequentar o local privilegiado de virtude e curas. A Empresa das Águas de Vidago investiu, então, no desenvolvimento do alojamento e das suas afamadas águas. Foi chamado o técnico António Rodrigues da Silva Júnior, que elaborou um projeto de edifícios na estância termal, com “um gosto eclético” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 196). Este conjunto de obras foi feito de 1909 a 1916.

Para a sua concretização começou por se fazer no rio Tâmega uma instalação de máquinas elevatórias ao longo de cinco quilómetros, que transportavam a água até dois depósitos de cimento que faziam a distribuição para os diversos lugares. De seguida, o técnico fez o projeto de várias edificações ao longo do parque e fora dele, numa obra que durou mais de três anos.

Foram então projetados dois balneários (sendo que um não viria a ser concretizado

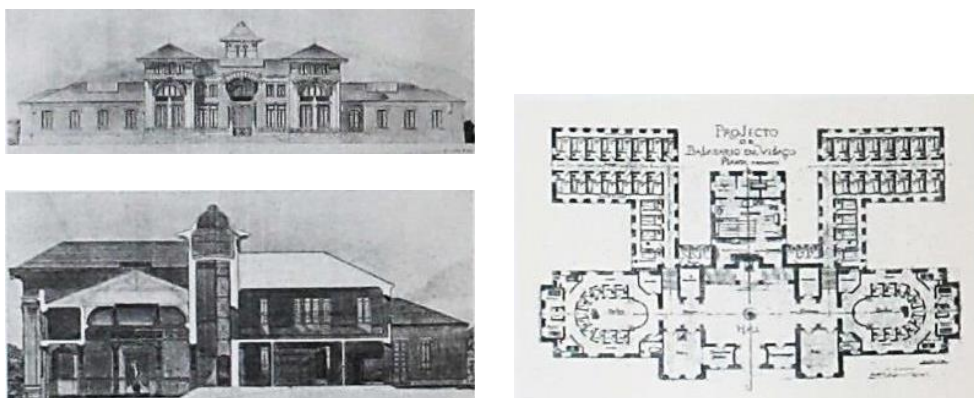


Figura 66, 67 e 68. Termas do Vidago, António Rodrigues da Silva Júnior, alçado, corte e planta do projecto do balneário (não construído), [1908-10]

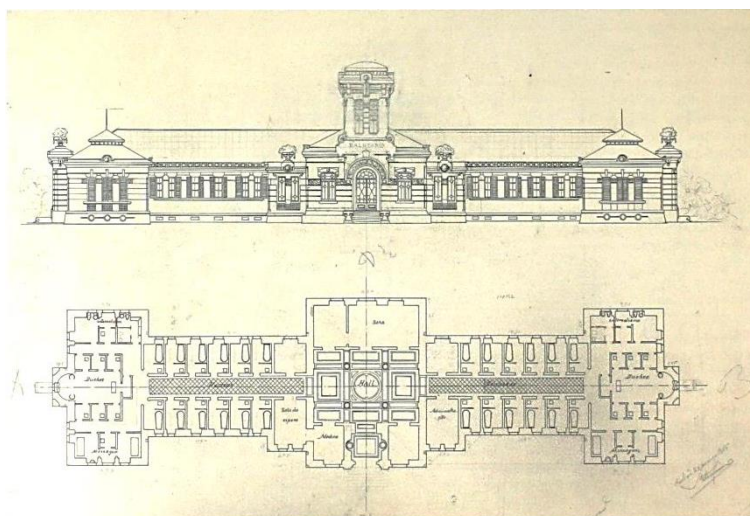


Figura 69. Termas do Vidago, António Rodrigues da Silva Júnior, alçado e planta do projecto do balneário construído, 1915



Figura 70. Termas do Vidago, átrio do estabelecimento termal



Figura 71. Termas do Vidago, fachada do estabelecimento termal

em obra), pavilhão e galeria da “Fonte de Vidago 1”, pavilhão da “Fonte de Vidago 2”, pavilhão de venda de águas e tabaco, casa para fotografia e bazar, casas de abrigo, edifício das máquinas de energia elétrica, instalação biológica de esgotos do hotel, vedação com muro e gradeamento, portão na entrada principal. Fora do parque termal foram projetados o pavilhão da nova Fonte de Sabroso e remodelação do pavilhão da antiga Fonte. Até 1911 estavam construídos, segundo uma placa da estância, o Hotel Palace, a “Fonte Vidago 1”, a “Fonte Vidago 2”, a casa do administrador e o armazém (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O primeiro projeto para o balneário, anterior à proclamação da República, não viria a ser concretizado devido à instabilidade política da mudança de regime. Este balneário, que ficaria próximo do Palace Hotel, albergaria salas de duches, gabinetes para banhos de imersão, inalações, irrigações e pulverizações, salas de mecanoterapia, de eletroterapia e de massagem, câmaras de sudação, galerias para ginástica, jogos físicos e esgrima (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Segundo Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009), o edifício tinha planta simétrica com dois “U” unidos no centro onde fica a entrada para o edifício (ver figura 68). No meio da entrada teria uma fonte em granito com uma escultura de uma mulher a tomar banho. No corpo da direita ficaria uma sala de espera, uma sala de duches, as cabinas de banho e anexos. Entre as cabinas de banho e a fachada do balneário existiria um corredor envidraçado de serviço, que facilitaria a separação de percursos diversos e melhoraria o comportamento térmico desse espaço. O corpo da esquerda seria semelhante a este, mas para homens. Era na cave que se localizariam as lavandarias a vapor que lavariam 300 quilos de roupa por dia. No primeiro andar, para onde se acederia por elevador, ficaria a sala de mecanoterapia. A fachada principal seria marcada pelo pórtico de entrada e por dois corpos salientes que se ligavam aos corpos laterais de um só piso (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), como mostra a figura 66.

Contudo, foi pedido a Silva Júnior que fizesse outro projeto de um balneário mais controlado, que viria a ser inaugurado em 1916, junto de um lindo lago. Tratava-se de um balneário com corpos laterais simétricos unidos no corpo central (figura 69). O primeiro corpo à esquerda era a farmácia e à direita era o consultório médico. No corpo central foi feito um grande átrio com quatro colunas (figura 70), ao qual se acedia por uma escadaria exterior, e no espaço traseiro ficavam as salas de repouso, tratamento de luz e



Figura 72. Termas do Vidago, vista do pavilhão de bazar e fotografia, primeiro quartel do século XX



Figura 73. Termas do Vidago, chalé suíço para venda de tabaco



Figuras 74 e 75. Termas do Vidago, António Rodrigues da Silva Júnior, esboços de alçados, planta e pormenores para o projecto de pavilhão e galeria de repouso para a Fonte de Vidago 1, [1909]

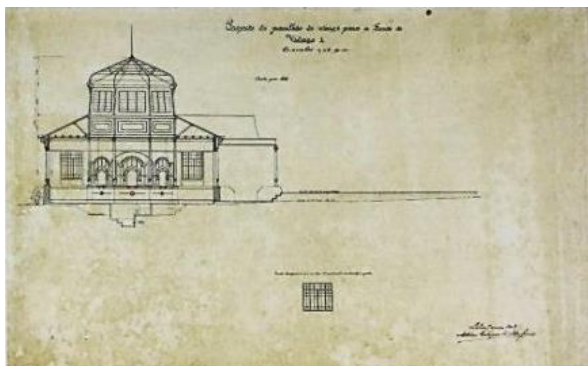


Figura 76. Termas do Vidago, António Rodrigues da Silva Júnior, corte e pormenor do projecto de pavilhão para a Fonte de Vidago 1, 1909



Figura 77. Termas do Vidago, pavilhão da Fonte Vidago 1

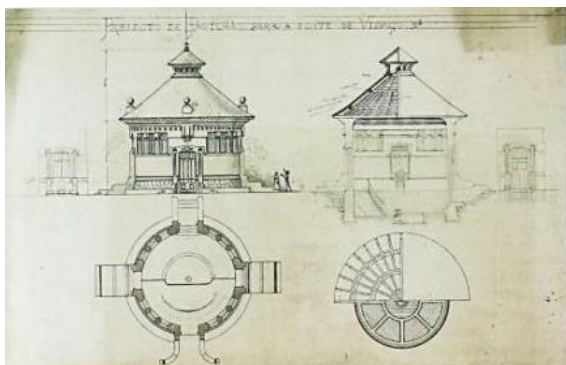


Figura 78. Termas do Vidago, António Rodrigues da Silva Júnior, alçado, corte e plantas do projecto de pavilhão para a Fonte de Vidago 2, [1909]



Figura 79. Termas do Vidago, pavilhão da Fonte Vidago 2

mecanoterapia (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

As alas laterais estavam separadas por sexos: do lado esquerdo os homens e do lado direito as mulheres; havia quartos com banheiras em ferro esmaltado dos dois lados dos corredores; ao fundo ficava o compartimento de duches e as instalações sanitárias e no outro lado os gabinetes para massagem subaquática, sendo que todos os aparelhos eram do mais moderno que podia existir. Por cima do corpo central, erguia-se uma torre (figura 71) onde estavam dois depósitos de água, para água fria em betão e para água quente em chapa de ferro (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O balneário assemelhava-se ao estilo vienense da época, com uma disposição de vãos harmoniosa e o carácter de protagonismo que foi conferido à torre que estava sobre a entrada, que narrava com o átrio principal, notável obra de arquitetura de interiores. Os seus vãos eram em granito lavrado e tinham ornamentação, cimalkas e torre em granito debastado com argamassa e hidráulica, decorado com imitação de granito (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Os pavilhões de fotografia e bazar e de venda de águas minerais e de tabaco, de pequenas dimensões, eram bastante diferentes na sua forma e função. O pavilhão de fotografia e bazar (figura 72) era constituído por paredes de alvenaria, telhado com telha de Marselha e uma galeria envidraçada com estrutura de ferro na parte de trás. Tinha um só piso com uma sala e diversos compartimentos dos lados. O pavilhão de venda de águas minerais e de tabaco era feito de alvenaria de perpeanho e madeira e com cobertura de ardósia, o que lhe conferia uma aparência rústica de acordo com o ambiente que o rodeava (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), como se pode ver na figura 73.

O Pavilhão da “Fonte de Vidago 1” veio substituir uma construção em ferro que até então preservava a água mineral que por ali passava. O pavilhão era constituído por corpo central em betão, parcialmente envidraçado, e por galeria de repouso com 15 metros de comprimento, possuindo arcos dos lados e terraço na parte superior (figuras 74 e 75). A galeria terminava num pequeno vestiário dos empregados da fonte. O corpo central possuía terraço e uma cúpula em meia esfera com 5 metros de raio (figuras 76 e 77), apoiada em 8 colunas, e no meio uma fonte. O ponto onde se fazia o engarrafamento, rolhagem e rotulagem, ficava na parte de baixo do piso. O centro da fonte, que ainda existe, é adornado com painéis de azulejos decorativos assim como os lambrins nas paredes interiores. A claraboia, as janelas e as portas tinham vidros coloridos belgas (Pinto, H. G., &



Figura 80. Sabroso, António Rodrigues da Silva Júnior, alçado, corte e plantas do projecto de pavilhão da Fonte do Sabroso, 1907

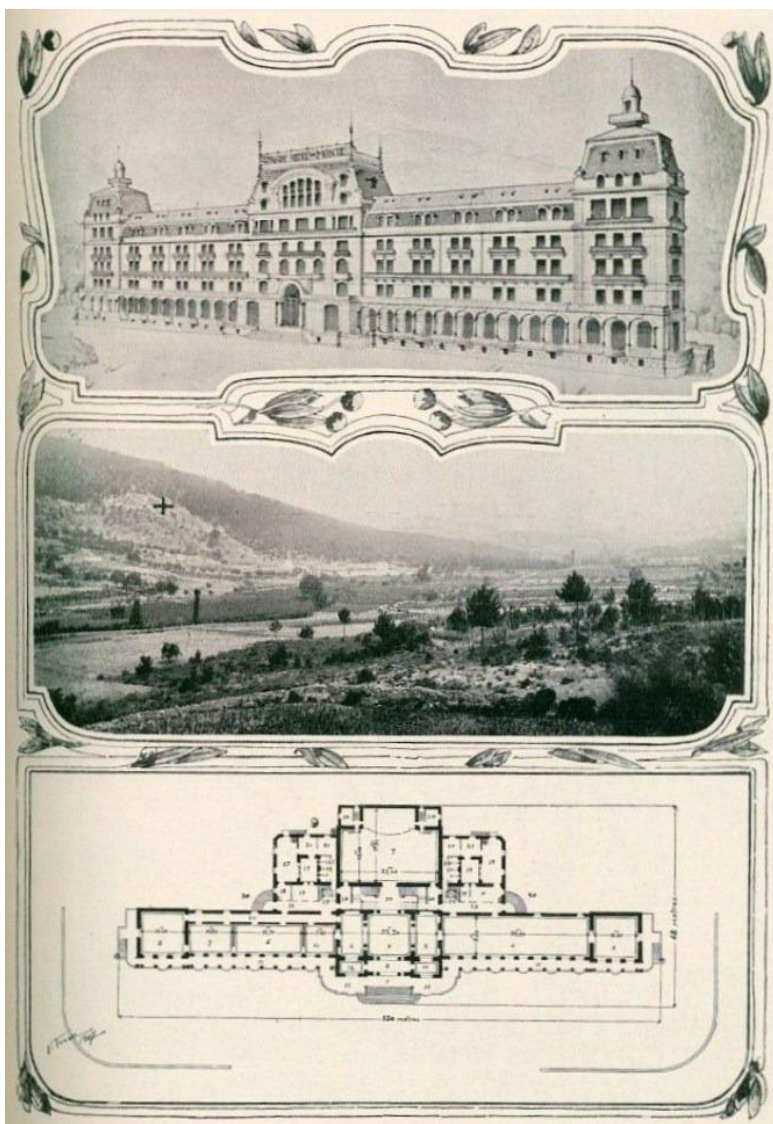


Figura 81. Termas do Vidago, Miguel Ventura Terra, perspectiva, localização e planta do projecto do Grande Hotel do Monte, publicado em 1907

Mangorrinha, J., 2009).

O último dos pavilhões foi o Pavilhão da “Fonte de Vidago 2A”, concluído em 1916. De planta circular (figura 78), com raio de quatro metros, metade do pavilhão era reservada ao engarrafamento e a outra metade aos aquistas. Tinha duas escadas em granito em lados opostos: uma dupla encostada à parede, sendo para uso público, e outra mais simples para os empregados. O pavilhão tinha cobertura cônica em ardósia com lanternim (figura 79), semelhante às cúpulas de Johannesbad, em Baden bei Wien. Com seis metros acima da cota de soleira, o pavilhão, ainda visitável, tem duas portas e duas janelas e, nos entremeios, quatro grupos de janelas triplas com pilastras e capitéis ornamentados. As paredes têm lambrim de azulejo no interior e no exterior e, entre os dois lances de escada, um painel de azulejo de Júlio César da Silva com um grupo de ninfas a banharem-se e a beberem água de uma nascente (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O Pavilhão da nova fonte de Sabroso (figura 80), a 10 quilómetros de Vidago, tinha planta octogonal com 12 metros de diâmetro e uma profundidade de 7 metros para se obter um caudal maior. Tinha duas portas com verga curva e duas janelas com vidros brancos e amarelos. No interior tinha “escadas encastradas nas paredes, com mísulas e ornatos, e grade de ferro forjado” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 202). A cúpula em zinco tinha uma grande claraboia repartida em sectores. Ao pé do pavilhão, “sobre o contraventamento da torre”, foi feito “um reservatório de água para lavagem, em cimento armado” Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 202). Debaixo da torre, uma sala de descanso e leitura e do outro lado um monta-cargas para transportar as garrafas.

Ao todo, as Termas de Vidago tinham os seguintes pavilhões: “Vidago”, “Vidago 1”, “Vidago 2”, “Vidago 2A” e “Oura”, a sueste; “Vila Verde”, a noroeste; e “Sabroso”, a sul (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). A estes pavilhões, com grandes qualidades arquitetónicas e técnicas e inseridos num ambiente romântico, juntava-se a exploração hoteleira.

O primeiro projeto do Palace Hotel da autoria do arquiteto Miguel Ventura Terra é de 1907 e não viria a ser concretizado em obra, principalmente por condicionantes económicas. A proposta inicial, representada na figura 81, que excedia o orçamento da empresa, foi então revista e alterada.

Ventura Terra fez a sua formação académica na Academia de Belas-Artes do Porto e na École Nationale et Spéciale des Beaux Arts onde obteve o Diploma de Arquiteto

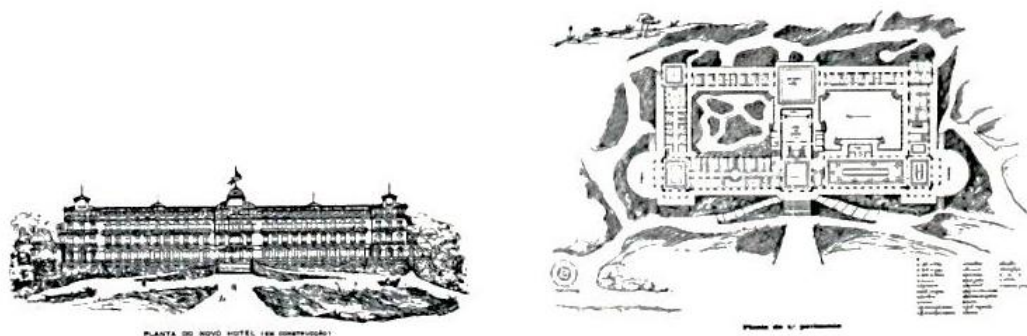


Figura 82 e 83. Termas do Vidago, [José Ferreira da Costa], alçado e planta do projecto do Palace Hotel do Vidago, publicados respectivamente em 1907 e 1908

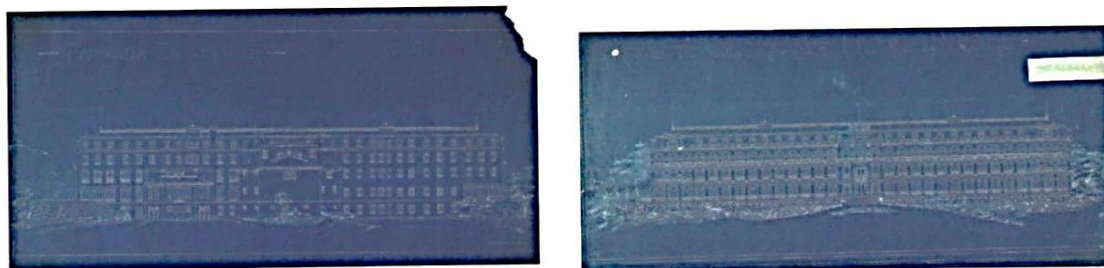


Figura 84 e 85. Termas do Vidago, [José Ferreira da Costa], alçados do projecto do Palace Hotel do Vidago, pertencentes ao espólio de António Rodrigues da Silva Júnior

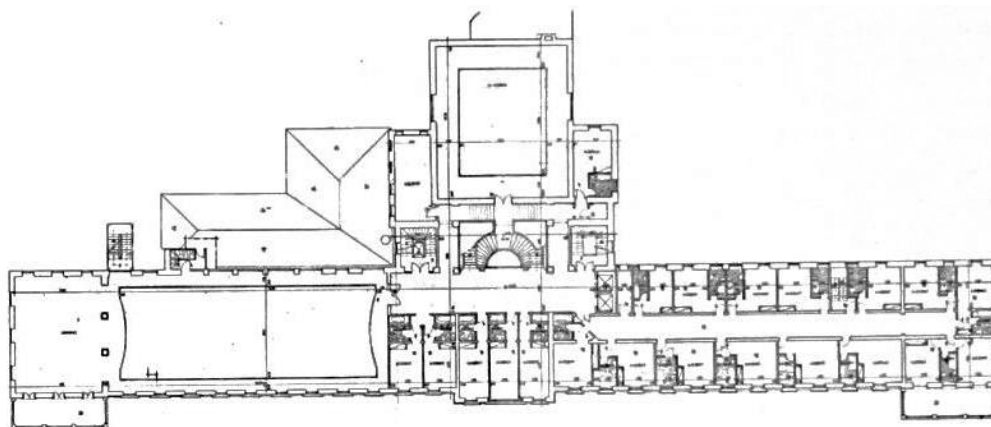
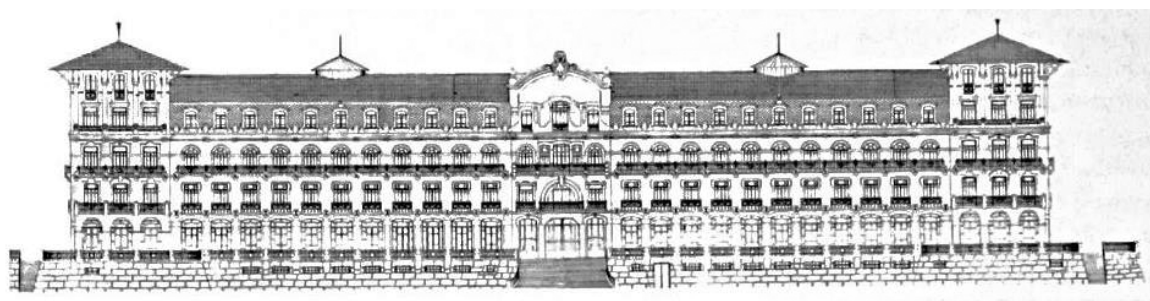


Figura 86 e 87. Termas do Vidago, levantamento gráfico do alçado e planta da versão construída do projecto do Palace Hotel do Vidago

de 1.^a Classe do Governo francês e as influências estéticas da época (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O hotel chamar-se-ia “Grande Hotel do Monte”, a sua localização seria no alto do monte e o transporte para as nascentes seria assegurado continuamente por *tramways* elétricos. Seria um hotel de grandes dimensões, pioneiro em Portugal. O seu desenho, racional e de acordo com as necessidades programáticas, incluía materiais e elementos decorativos que funcionavam harmoniosamente. O hotel seria estreito e comprido (com 130 metros de comprimento), com traçado simétrico, comunicando com um corpo a eixo, encontrando-se na união deles uma escadaria paralela à fachada. À volta da escadaria encontrar-se-iam vários repartiamentos. Os quatro pisos superiores a este e os sótãos destinavam-se a quartos e a cave a zona técnica e a serviços (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O Palace Hotel recebe de seguida outros dois projectos (figuras 82 a 85), também eles monumentais, da autoria do arquiteto José Ferreira da Costa. A terceira versão deste projeto apenas elimina as alas laterais e o tardo (figura 87). Julga-se que as duas versões iniciais serão estudos de projeto do arquiteto. O agora “Grande Hotel Vidago” (figura 86) localiza-se na parte baixa do monte e não no cimo, onde estava localizado no projeto anterior. Tem 100 metros de comprimento e 12,5 metros nas laterais (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Com o estilo *beaux-arts* patente na simetria, decoração e na verticalidade da entrada principal e das alas laterais, o edifício tem 5 andares (sendo um deles a cave). Os corpos situados atrás têm menos pisos. Em planta também é clara uma simetria de desenho, apresentando fachada e tardo ligados por três alas perpendiculares, aparecendo dois pátios no interior: um jardim e o outro para jogos e recreio (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

No primeiro piso, o piso nobre, situam-se o átrio (figura 91) com a grande escadaria de acesso aos quartos (figura 92), o amplo salão de festas, e a sala de jantar com pé direito duplo, vigas em aço no teto e galeria com estrutura de cimento armado, soalho pitch pine e gradeamento de ferro forjado (figura 94).

Silva Júnior (*apud* Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009) descreveu esta sala como sendo “ampla em todos os sentidos, bem iluminada por muitas janelas e profusamente iluminada de noite por grandiosos lustres e muitos braços com lâmpadas

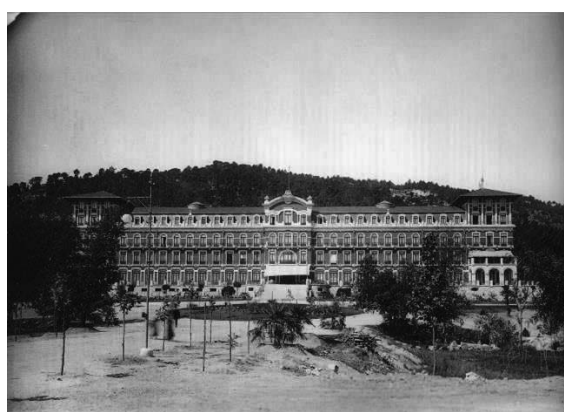


Figura 88, 89 e 90. Termas do Vidago, Vidago Palace Hotel



Figura 92. Termas do Vidago, escadaria de acesso aos quartos



Figura 91. Termas do Vidago, átrio do Vidago Palace Hotel



Figura 93. Termas do Vidago, interior do Vidago Palace Hotel



Figura 94. Termas do Vidago, sala de jantar do Vidago Palace Hotel

eléctricas”. E acrescenta: “quem a viu uma vez não esquece a imponência do conjunto, o belo mobiliário que a adorna com os vasos de palmeiras e flores que mão experimentada soube mandar dispor com arte e gosto” (p. 204).

À direita do vestíbulo encontram-se as salas para visita, gabinete médico, de leitura, jogos e administração, escritório, barbeiro, correio, instalações sanitárias, quarto de banho, anexo de luxo e uma sala de recreio (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Nos três pisos superiores e nos dois corpos laterais, com ainda mais um piso, situam-se aproximadamente 200 quartos, alguns deles com sala e instalação sanitária e de banho. Nas caves ficaram alguns quartos, cozinha, adega e frásqueira, depósitos, despensas, refeitório dos empregados, frigoríficos, engomadoria, casa do serviço de incêndios, e uma grande garagem. O mobiliário do hotel foi concebido pelas melhores casas do Porto e de Lisboa. A galeria exterior é feita de betão, ferro e abobadilha e a escadaria de granito (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O Palace Vidago (figuras 88, 89 e 90) era o mais grandioso da sua época em relação à Europa e aos Estados Unidos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). É todo um exemplo de majestade arquitetónica dos Bons Velhos Tempos, ou seja, da *Belle Époque*¹ (Carreiro, 2004). Contemporâneo, monumental e artístico, era moderno e equilibrado nos cheios e nos vazios, nos pormenores e nos remates, na relação entre a base e o topo, na magnificência da escadaria e do átrio, na magnanimidade da dimensão e decoração dos salões e das zonas comuns (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Em Setembro de 1910 foi inaugurado o Palace, no mesmo ano da inauguração da linha de caminho-de-ferro (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009) (figura 95) e da Avenida Teixeira de Sousa (Pereira, 1971). Esta era uma avenida magnífica, bastante larga e calçetada com um passeio de cada lado para peões decorada com filas de árvores (Pereira, 1971) (figura 96). A avenida segue do portão principal do parque do Palace Hotel em direção à estação de caminhos-de-ferro (Pereira, 1971). A linha de caminho-de-ferro foi um passo muito importante para Vidago já que, até aí, chegar a Vidago era um processo penoso para as pessoas que tinham de percorrer os seus maus acessos (Pereira, 1971).

¹ A *Belle Époque* foi um período na história da Europa que começou no final do século XIX, mais concretamente em 1890 e durou até à Primeira Guerra Mundial, em 1914. A expressão *Belle Époque* que surgiu apenas após o conflito, designa um período de expansão e progresso, com novos pensamentos, arte e modos de viver o quotidiano. Foi uma época de ouro com inovações tecnológicas como o telégrafo sem fio, o cinema, o automóvel e o avião. in Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2015. [consult. 2015-01-12 11:51:28]. Disponível na Internet: [http://www.infopedia.pt/\\$belle-epoque](http://www.infopedia.pt/$belle-epoque)

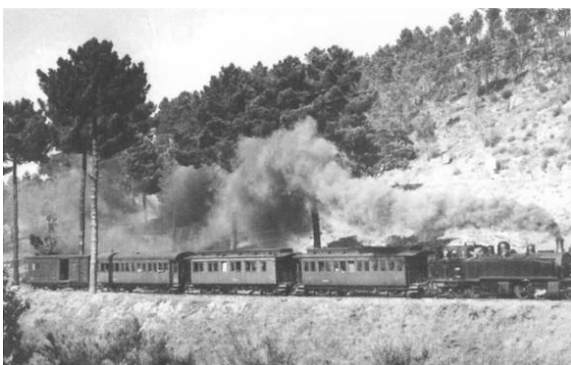


Figura 95. O velho comboio



Figura 96. Avenida Teixeira de Sousa

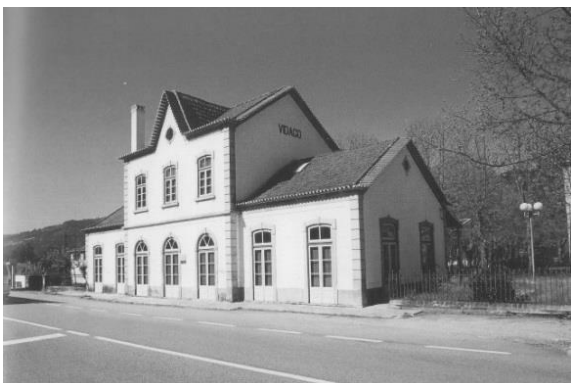
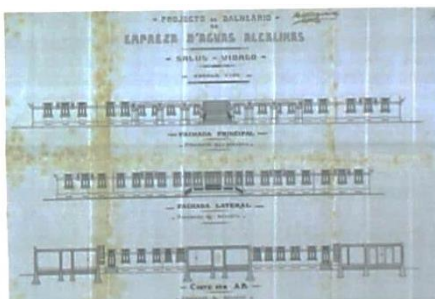
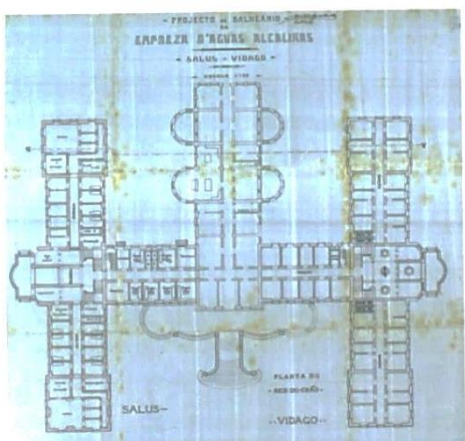


Figura 97. Antiga estação dos caminhos-de-ferro hoje transformada em biblioteca e Museu de Vidago



Figura 98. Termas do Vidago, vista do Hotel do Golfe (Salus), meados do século XX



Figuras 99 e 100. Termas do Vidago, planta e alçados do piso térreo destinado a balneário do Hotel do Golfe (Salus), 1918

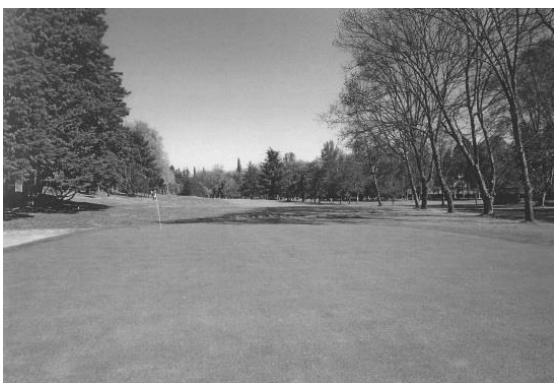


Figura 101. Campo de Golfe

O edifício da estação, representado na figura 97, “tem uma arquitetura típica, semelhante à da grande maioria dos restantes do país: com dois pisos, tem no primeiro sete entradas e no segundo três janelas onde sobressaem as pilastras externas nas paredes. É feita em pedra de alvenaria, usando-se os materiais então existentes” (Carreiro, 2004, p. 99).

À entrada dos anos 20, mais concretamente em 1918, o primeiro hotel-balneário de Portugal foi construído, como mostra a figura 98, “utilizando as nascentes alcalinas de Salus” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 220), descobertas por José Pereira Bastos em 1910. Estas localizam-se na freguesia da Oura, a cerca de um quilómetro de Vidago, no extremo sul do parque termal (Pereira, 1971).

A fachada era simétrica e regular, com volumes equilibrados e remate no coroamento. O piso térreo, ilustrado nas figuras 99 e 100, tinha um átrio central com acessos verticais que faziam a ligação aos corredores dos quartos e, perpendicularmente, às áreas comuns (áreas recreativas como salas de jogos e festas e barbearia, digno de um hotel de 1.^a classe) e de serviço. A entrada da zona balnear seria independente para permitir o acesso a aquistas externos. Tinha compartimentos para banhos de imersão, duches, caixas de sudção, enteroclises, massagens pulverizações, eletroterapia e mecanoterapia. A correspondência entre o balneário e os outros pisos do hotel era assegurada por duas escadas e um ascensor (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Em 1936 passaria a denominar-se Hotel do Golfe, devido à sua proximidade ao novo campo de golfe (figura 101), sendo feitas nesta altura obras de melhoramento na sala de jantar, uma pérgola adjacente e uma copa (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). O Hotel manter-se-ia em atividade até ao seu incêndio, na segunda metade da década de 1960, que terminou a atividade termal em Salus (Neves, 2002).

No dia 25 de Julho de 1936 o presidente da República Óscar Carmona inaugurou “o campo de golfe, mandado construir pela Empresa de Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas” (Carreiro, 2004, p. 81). Foi o terceiro a ser construído em Portugal, havendo antes apenas um em Espinho e outro em Miramar (Carreiro, 2004). É uma obra do arquiteto paisagista prestigiado Philip Mackenzie Ross, que mais tarde viria a construir o campo do Estoril e o das Furnas, nos Açores. Esta obra veio reforçar o estatuto de turismo de eleição de Vidago, reforçando os prazeres oferecidos pelo conjunto termal, imprescindível para a aristocracia portuguesa. Nascia “uma cultura desportiva que chegou



Figura 102. Igreja de N.ª S.ª da Conceição



Figura 103. Terme do Vidago

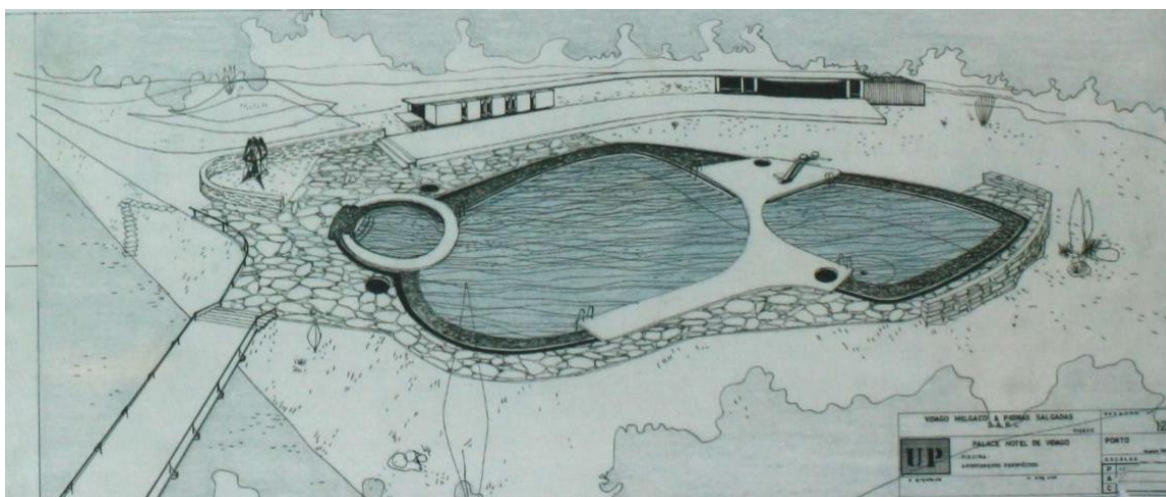


Figura 104. Terme do Vidago, Jorge Meira da Costa, perspectiva do projecto de estalagem e piscina junto ao Palace Hotel do Vidago, 1961



Figura 105. Piscina



Figura 106. Piscina

até aos dias de hoje e que constitui um caso único em Portugal” (Carreiro, 2004, p. 81).

Os aquistas sentiam a necessidade de manter o culto religioso aquando da sua estadia nas termas. Contudo, Vidago não tinha igreja paroquial: apenas possuía uma pequena capela, a capela de S. Simão (do início do século XIX), insuficiente para a crescente população Vidaguense e aquistas. Manuel Joaquim Pereira (1971) afirma no seu livro:

A capela que ficou a fazer as vezes de igreja, e na qual se celebravam ainda missas aos domingos, era a de S. Simão, construída pelo povo, em 1802. Antes desta data, a missa era dada noutra freguesia que tivesse padre e reitoria: os habitantes de Vidago tinham que procurar a missa que se celebrasse mais próximo da sua terra, para assim assistir ao ato religioso. (p. 78)

A necessidade de obter uma igreja paroquial foi concretizada a 10 de Setembro de 1933 quando se realizou a festa de lançamento da primeira pedra para a sua construção (Carreiro, 2004). O projeto é da autoria do engenheiro Augusto Rocha (Carreiro, 2004). A 12 de Setembro de 1941 a igreja era inaugurada (Pereira M. J., 1971) (figura 102). Alguns anos antes, a propósito da nova igreja, o jornal *Ecos de Chaves* (*apud* Carreiro, 2004), Ano I, nº 18, de 25 de Julho de 1948 escreve:

Para os conhecedores de Belas Artes, (a igreja) é extraordinária. É estruturalmente um templo neorromântico. Contém os requisitos substanciais, do estilo caracterizante (...). A cima-fronte da fachada é empolgante, nos seus primorosos e delicados traços, sobressaindo debaixo da torre sineira, a formosa rendilhada rosácea (símbolo da Rosa Mística), partida em quatro óculos, pelos braços de uma cruz grega. O pórtico, substituindo o antigo nártese, é composto de duas séries de três colunas e quatro arcos em planos sucessivos e concêntricos, que dão aspecto exótico de requintada beleza, ostentando no tímpano o Cordeiro de Deus, figura simbólica de Jesus. Os capitéis das colunas, com ornamentos românicos, são na variedade, uma demonstração pura, desse estilo, especialmente os ornatos alegóricos da porta lateral, votada a nascente, que são uma expressão muda e hierática, dos vários dons da Santíssima Virgem. A cornija, ornada de diversos e caprichosos modilhões; os contrafortes, salientes reforços nos pensamentos dos muros; a emposta corrida ou cordão, faixa saliente no paramento exterior do edifício, parecendo indicar a divisão de andares, dão força, vigor e nobreza, àquele templo grandioso. Dentro, tudo incita à oração (...). (p.31)

Nos finais da década de 1940 e princípios da década de 1950 abrem três



Figura 107. Antigo balneário transformado em centro de congressos



Figuras 108 e 109. Termas do Vidago, auditório do Centro de Congressos e átrio do antigo balneário, Silva Dias Arquitectos, 2000

pensões junto ao parque termal – a Pensão Termas, a Pensão Santos e a Pensão Avenida (Neves, 2002).

Na década de 1960, é inaugurada mais uma pensão, a Pensão Primavera, “junto da entrada do parque termal” (Neves, 2002, p. 162). O arquiteto Jorge Meira da Costa, consultor da VMPS desde 1958 (Vidago, Melgaço e Pedras Salgadas), realiza o projeto para a piscina do Palace Hotel do Vidago, representado na figura 104. O projeto, concretizado em obra, incluía estalagem, piscina (figuras 105 e 106) e benfeitoria do Palace Hotel (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Nos anos 80 assistiu-se ao auge do termalismo social, com o aumento de aquisições em Vidago e aumento significativo da oferta hoteleira, com o surgir da Pensão Restaurante Bringelas e o Restaurante O Mário, junto da Estrada Nacional nº 2 (Neves, 2002).

Várias foram as unidades hoteleiras que se foram estabelecendo ao longo da Estrada Nacional nº 2 (via de acesso a Vidago) perto da estação e do parque termal pela Avenida Teixeira de Sousa. Contudo, com a desativação em 1989 da linha do Corgo de Vila Real a Chaves, a procura por estas unidades hoteleiras diminuiu, favorecendo as mais próximas à entrada do parque termal (Neves, 2002).

Com o encerramento da estação ferroviária e com o decréscimo gradual de aquisições em Vidago, na década de 1990 a implementação de novas unidades hoteleiras perto do parque termal afrouxou, tendo surgido duas novas unidades hoteleiras: a Hospedaria Estação, próxima da estação ferroviária, e o Restaurante Residencial Resineiro, com o intuito de servir refeições e oferecer dormida a quem esteja de passagem pela vila (Neves, 2002).

Poucos anos mais tarde, com a doação do edifício da antiga estação da C.P. à Câmara Municipal de Chaves, a Junta de Freguesia de Vidago determinou que naquele edifício deveria ser instalado o Museu da Região de Vidago. Em Novembro de 1997, iniciaram-se as obras de recuperação do edifício onde seriam instalados o Museu e a Biblioteca Pública. A inauguração foi no dia 20 de Julho de 2000 (Carreiro, 2004).

Também em 2000, o antigo balneário do Vidago foi transformado num centro de congressos pelos arquitetos Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias (figura 107). Fizeram a reconversão do edifício e um corpo novo, que seria um auditório (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), representado na figura 108.

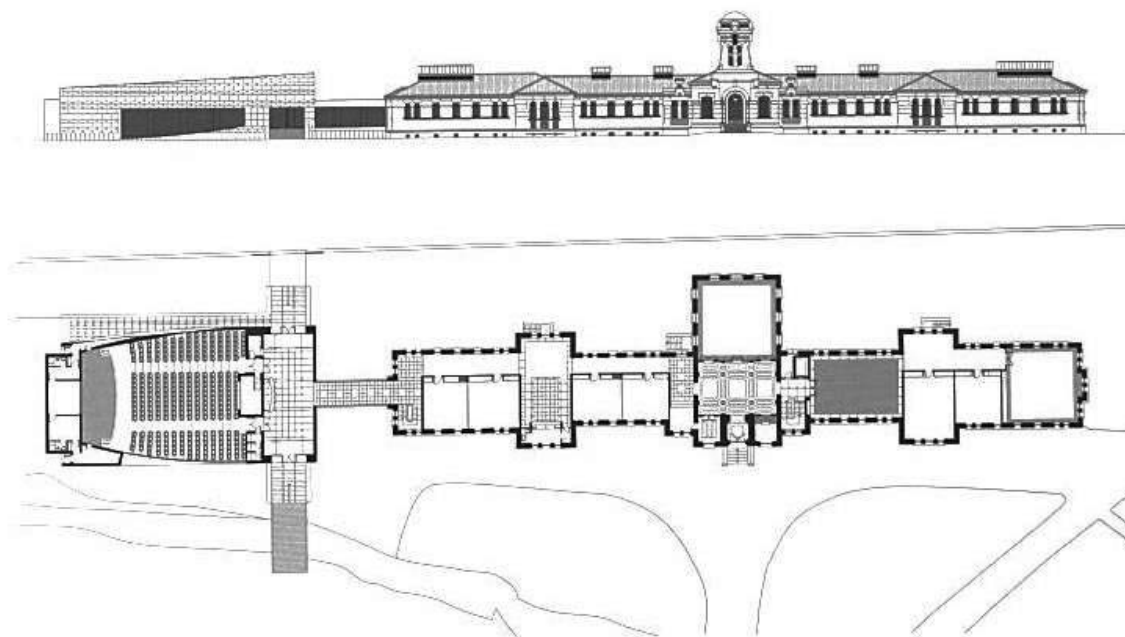


Figura 110. Termas do Vidago, Silva Dias Arquitectos, alçado e planta do projecto de refuncionalização do antigo balneário para Centro de Congressos, [1997]

O desenho do edifício do antigo balneário foi respeitado pelos arquitetos. Relativamente ao exterior, os arquitetos limitaram-se a conservá-lo, fazendo novos rebocos, pinturas (com as cores iniciais), limpeza de cantarias, substituição de telhados, e o restauro de todos os caixilhos de madeira e de ferro. A organização do balneário foi mantida com o novo programa do balneário (salas de reunião ou aulas, sala polivalente e sala de estar ou bar). O *hall* central foi preservado (figura 109), e foram apenas demolidas estruturas interiores, pavimentos com vigas de madeira e soalho. Foi erguida uma nova estrutura em betão armado que tinha a função de travamento, suportar a nova estrutura de pavimentos e suportar as paredes exteriores de bloco de granito (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009) (figura 110).

O corpo novo estava ligado ao antigo balneário por um corredor transparente que utilizava como materiais o granito e o reboco pintado a branco, criando um formalismo e uma harmonia com os dois edifícios envolventes. O grande vão do auditório ganhava destaque, abrindo-se sobre o parque (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Nessa altura surgiu um balneário pré-fabricado, substituto provisório implementado na extremidade sul do parque junto da fonte Salus. As características e condições oferecidas pelo balneário e a distância às unidades hoteleiras provocaram desânimo nos aquistas. Estes fatores foram determinantes no decréscimo acentuado do número de aquistas na estância (Neves, 2002).

1.2. História de Pedras Salgadas

A estância termal de Pedras Salgadas pertence à freguesia de Bornes de Aguiar, localiza-se a 12 quilómetros a sul de Vidago e a uma altitude de 608 metros. Apesar da sua maior altitude relativamente a Vidago, o clima é bastante semelhante, conferindo-lhe apenas um Inverno um pouco mais rigoroso e maior precipitação. É uma freguesia pertencente ao concelho de Vila Pouca de Aguiar e ao distrito de Vila Real, tal como Vidago, onde passa o rio Avelames, também este afluente do rio Tâmega (Neves, 2002). Pedras Salgadas, à semelhança de Vidago, também foi habitada pelos Romanos, havendo alguns indícios locais da utilização das águas das nascentes (Neves, 2002).

Porém, é apenas no primeiro quarto do século XIX que as águas de Pedras Salgadas são prescritas por um médico de Chaves, segundo Pinho Leal (1873/1890) e só em 1870 a Câmara de Vila Pouca de Aguiar decide explorá-las. Esta pretensão nunca se



Figura 111. Pedras Salgadas, Grande Hotel

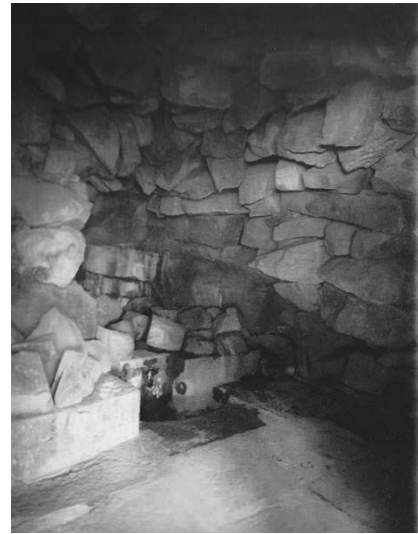


Figura 112. Pedras Salgadas, gruta



Figuras 113, 114, 115 e 116. Termas de Pedras Salgadas, gravuras dos pavilhões de nascente D. Fernando, Maria Pia, Três Nascentes e Preciosa, 1888

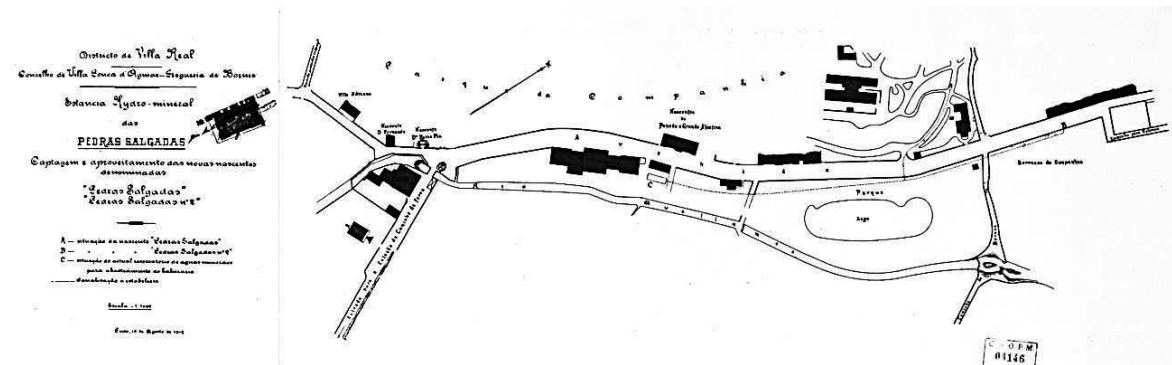


Figura 117. Termas de Pedras Salgadas, planta de localização, 1912

concretizou e a concessão foi cedida, anos mais tarde, à Companhia das Águas de Pedras Salgadas (Neves, 2002).

Em 1871, José Júlio Rodrigues analisa-as pela primeira vez, concluindo que a sua composição é bastante semelhante à das águas de Vidago. Em sua honra foi dado o nome de José Júlio Rodrigues à nascente da Estrada (Neves, 2002).

Quatro anos depois é constituída a Companhia das Águas de Pedras Salgadas. Nesse mesmo ano é erguido o pavilhão das três nascentes (figura 115), acolhendo as nascentes J. J. Rodrigues, Grande Alcalina e Penedo Novo. Em 1912, este pavilhão é substituído pelo pavilhão das nascentes Grande Alcalina e D. Fernando (Neves, 2002), referido em pormenor mais à frente.

Em 1876, antes do crescimento do parque, foi feito o projeto do primeiro balneário das Pedras Salgadas, da autoria do engenheiro Manuel do Couto Guimarães. O edifício tinha apenas um piso, com instalações preparadas para duches, pulverizações, inalações, lavagem de estomago, aeroterapia, ginásio e banhos dotados de dois grandes quartos para que os aquistas pudessem descansar, tendo como referência as termas de Vichy. Foi prevista a realização de um anexo no piso superior para alojamento. O pavimento do edifício era em ladrilho de grés, tendo sido o asfalto a primeira opção de projeto. O balneário foi inaugurado a 8 de Junho de 1880, ao mesmo tempo que nascia um novo ritual das águas: bebiam-se de manhã, em jejum, e depois de jantar. As doses eram estabelecidas pelo diretor clínico, de acordo com as doenças dos aquistas (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Ainda antes da inauguração do balneário das Pedras Salgadas deu-se início à construção do Grande Hotel (figura 111), em 1879, com capacidade para 100 hóspedes, apetrechado de salão de baile, sala de jantar, sala de piano, de bilhar, de leitura e de companhias, entre outras (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Os espaços comuns, onde se gozava da música, do recital, do baile e da festa, eram essenciais no processo de cura. Lá se juntavam músicos, artistas e público, pois habitualmente a sua circunscrição era completamente isolada e carenciada de espaços de entretenimento (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Em 1884 D. Maria Pia e D. Fernando passam por Pedras Salgadas. Em sua homenagem as nascentes de Rebordechão e do Rio passam a designar-se Gruta Maria Pia (figuras 112 e 114) e D. Fernando (figura 113), respetivamente (Neves, 2002).



Figura 118. Pedras Salgadas, Hotel do Avellames



Figura 119. Pedras Salgadas



Figura 120. Pedras Salgadas



Figura 121. Pedras Salgadas, casa de chá



Figuras 122 e 123. Pedras Salgadas, casino



Figura 124. Termas de Pedras Salgadas, alçado do casino

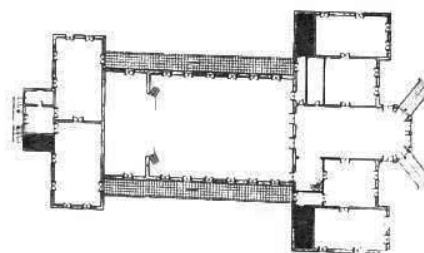


Figura 125. Termas de Pedras Salgadas, planta do casino

É ainda no início do último quarto do século XIX, que surge, no meio de um parque, a estância termal de Pedras Salgadas (figura 117), a primeira estância termal inserida num parque arbóreo. Ela oferece todas as condições necessárias, através de edifícios e equipamentos para a gestão de todos os destinos das suas águas: ingestão, banhos, duches, pulverizações e inalações (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Antes de 1886, os terrenos que a Companhia das Águas de Pedras Salgadas tinha em sua posse eram uma estreita faixa a oeste da estrada municipal e “umas pequenas leiras encravadas aqui e além próximas do rio Avelames” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 116). Ao longo dos tempos, com constantes aquisições, a Companhia das Águas de Pedras Salgadas conseguiu conquistar uma zona natural de proteção, alargar os limites dos seus terrenos “para o norte até à penedia que se ergue aos lados da estrada da Boticas, para o sul, muito além da nascente D. Fernando, para leste até às margens do Avelames e para o poente até meia encosta do monte” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 116). Adquiriu, assim, o maior parque da época em Portugal, sendo um dos maiores da Europa, atravessado por ruas desafogadas e pavimentadas, com grandes árvores e arbustos exóticos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

À semelhança das termas de Vidago, as termas de Pedras Salgadas beneficiaram com o caminho-de-ferro (Neves, 2002) inaugurado em 1907, “com a presença do rei D. Carlos” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 170), que impulsionou o seu desenvolvimento. A Companhia das Águas de Pedras Salgadas, constituída em 1875, abre também nesta altura a avenida Lopes de Oliveira, que liga a estação ferroviária à entrada do parque termal – uma avenida retilínea e bastante larga para a época. As unidades hoteleiras e pensões, que iam sendo construídas com o incentivo do Estado, localizavam-se nesta avenida, na Estrada Nacional nº 2, e dentro do perímetro do parque, assegurando a grande procura desta estância termal até finais da década de 1940 (Neves, 2002). A estância de Pedras Salgadas, nesta altura, era apoiada por vários hotéis: o Hotel Avelames, representado na figura 118 (onde o rei se alojou, demolido em 2012), o Grande Hotel, o Hotel do Norte e o Hotel Central (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009), este último fora do parque.

Entre 1908 e 1917 foi feito na estância de Pedras Salgadas, através do projeto da “Nascente Pedras Salgadas”, da autoria do arquiteto Eduardo Alves, um conjunto de obras que a tornaria numa das mais completas do país: parque, novos hotéis e balneário



Figura 126. Pedras Salgadas, estabelecimento termal

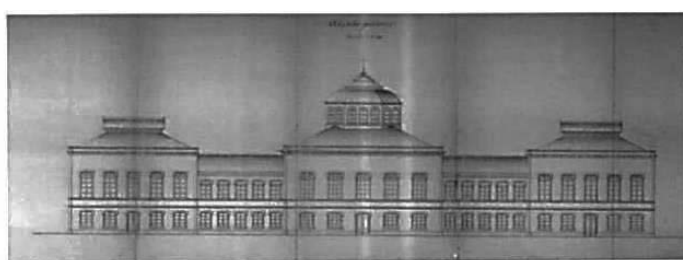
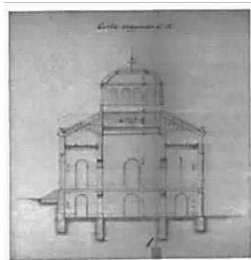
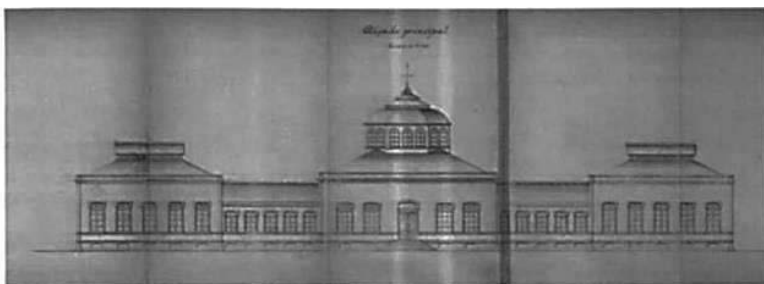


Figura 127, 128, 129 e 130. Termas de Pedras Salgadas, alçados e cortes do projecto do balneário, início do século XX



Figura 131. Pavilhão de Nascente D. Fernando



Figura 132. Pedras Salgadas, pavilhão das nascentes Penedo e Grande Alcalina



Figura 133. Pedras Salgadas, interior do pavilhão das nascentes Penedo e Grande Alcalina

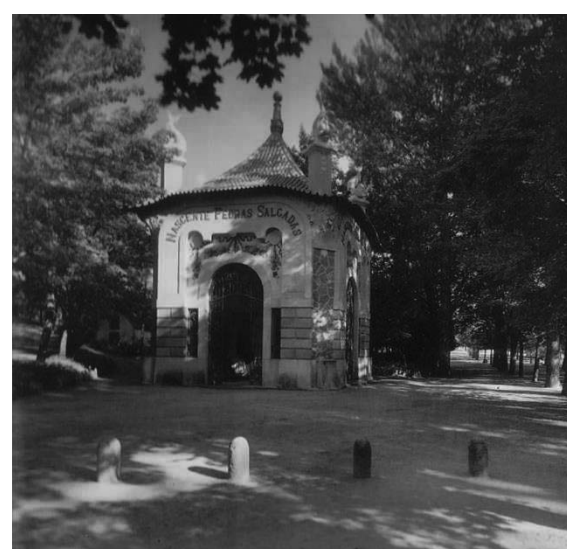


Figura 134. Pedras Salgadas, pavilhão de nascente

(passando o anterior a casa de chá, após remodelação, como mostra a figura 121), pavilhões de nascente e casino (figuras 122 e 123) (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Inaugurado em 1910, o Casino das Termas (figuras 124 e 125) funcionava como salão de festas, bailes e de outros encontros. Inicialmente, o casino estava instalado no Hotel do Norte, e nele havia:

sala de jogos e salão de bailes e concertos, ponto de reunião dos hóspedes de todos os hotéis, entre os quais não existem, como em quase todas as estações de águas, rivalidades ou más vontades, aliás sempre injustificáveis. O vasto salão era decorado com estuque primoroso, grandes espelhos, cortinados, excelentes sofás estufados e cadeiras, tudo harmónico e elegante, e um bom piano para concertos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 170).

“O novo balneário (figura 126) foi construído (...) com base no modelo pavilhonar de planta retangular” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 170), com vários corpos de quatro águas (com beirado saliente apoiado em ripas de madeira e cumeeira em ferro forjado) e duas águas e claraboias nos corpos recolhidos que fazem a ligação (figura 127). O átrio tinha uma claraboia (figura 129) com vidros policromos geométricos, emoldurada por frisos de estuque, pinturas azuis e rosa a imitar a pedra mármore, concheados e placas com os nomes das nascentes. Ainda no átrio, sobre as portas de acesso às salas de tratamento, o nome da empresa e a data das nascentes. O balneário tinha piso térreo e cave (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009) (figura 130).

Os pavilhões de nascente têm características diferentes entre si: uns são neoclassicistas, outros ecléticos e outros rústicos. Eles apresentam como materiais a pedra, o azulejo, o estuque, o gradeamento e o telhado de pagode, românicos e fantasiosos, dentro de um parque naturalista e romântico, onde os aquistas deambulavam (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O Pavilhão de Nascente D. Fernando, representado na figura 131, de planta retangular, tem apenas um piso, telhado de oito águas com beirado em madeira recortado, cumeeira em cruz com uma empena em cada fachada, com cunhais, vãos de janelas e portas em granito, janelas laterais com vitrais e portas principais em ferro. Descreve-o Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009, p.172) como tendo “pavimentos cerâmicos decorados, barra e padrão; lambrim em massa com uma corda; revestimento em azulejo liso de cores mel e branco; corda em massa, contorno de vãos e nervuras em massa com elementos neogóticos”.



Figura 135. Alameda do parque



Figura 136. Pedras Salgadas, lago do parque



Figura 137. Termas de Pedras Salgadas, Jorge Moreira da Costa, perspectiva do projecto de estalagem e piscina junto ao Palace Hotel do Vidago, 1961

O Pavilhão das duas nascentes, Fonte Grande Alcalina e Penedo, apresentado na figura 132, tem também planta retangular, telhado de quatro águas, dotado de lanternins, três entradas que dão para umas escadarias que descem para o piso de espera (figura 133), “janelas, portas e corrimão em ferro com elementos geométricos e fitomórficos; pavimentos em mosaico cerâmico” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 172), sendo diferenciada a zona das fontes da zona das entradas. “Os tetos são em estuque branco” decorados “com volutas, florões, friso, óvulos e flores; as claraboias centrais são de vidro policromo” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 172).

O Pavilhão de Nascente Pedras Salgadas (figura 134) apresenta planta quadrada com os cantos recortados, telhado piramidal com quatro águas, telha de canudo com beirado, com quatro esculturas com golfinhos. Tem uns portões de ferro forjado com uns vãos de volta inteira e, por cima destes, uns painéis com flores e frutos. O interior é revestido por azulejo branco e cercaduras com desenhos de peixes e nenúfares que contornam os vãos da porta. O pavimento é em mosaico cerâmico adornado (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Ficava assim concluído o conjunto de pavilhões de nascentes que foram construídos até aos nossos dias, que se localizam no parque na base da encosta. No parque foram plantadas árvores exóticas nuns canteiros formados por cruzamentos de caminhos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A alameda é um elemento bastante importante nas termas portuguesas. Sendo um lugar de passeio, pode estar dentro dos parques ou a fazer ligações entre pontos importantes da localidade ou pode ainda ser um dos arruamentos principais. Nas Pedras Salgadas existe um conjunto de alamedas que comunicam com o parque, os hotéis e uma alameda que dá acesso aos pavilhões de nascente (figura 135). No leito do vale foi feito um lago artificial, representado na figura 136, onde mais tarde viria a ser construída a piscina pelo arquitecto Jorge Meira da Costa (figura 137) e reconstituído no plano de intervenção do Siza (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Na década de 1920, para além dos equipamentos já referidos, a estância oferecia uma capela privativa no parque, farmácia, um observatório meteorológico, bazares, garagens, vacaria, transporte ferroviário, várias unidades hoteleiras e uma estação telegráfica e postal (Neves, 2002).

Nas primeiras décadas do século XX, devido à grande procura das termas de Pedras Salgadas, foram construídas várias unidades hoteleiras dentro do parque termal:



Figura 138. Pedras Salgadas. Piscina



Figura 139. Edifício da estação transformado em central de autocarros

Hotel Avelames, Hotel do Norte, Grande Hotel e a Pensão do Parque (Neves, 2002). Estes estabelecimentos hoteleiros e outros fora do perímetro do parque asseguraram resposta a essa elevada procura até finais da década de 1940.

Na segunda metade da década de 1950 o declínio da procura termal fazia-se sentir em Pedras Salgadas, apesar de ainda suportar um número substancial de aquistas que justificava a manutenção das unidades hoteleiras localizadas dentro do parque termal, para além daquelas que existiam fora deste (Neves, 2002).

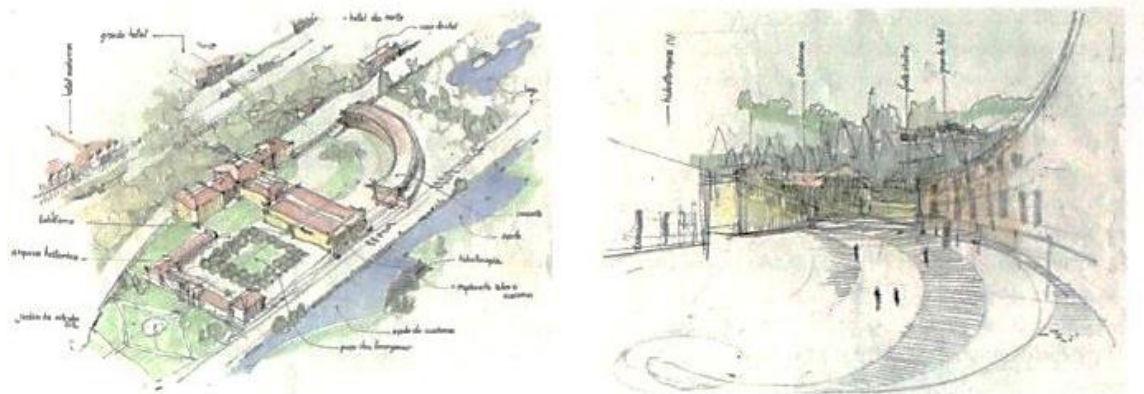
Em 1967, o arquiteto Jorge Meira da Costa realizou o projeto de uma piscina exterior para o parque, exibida na figura 138. Este projeto fazia parte de um conjunto de projetos para outras termas (Caldas de S. Jorge, Longroiva, Caldas de Manteigas e Caldas de Moledo) (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Após o 25 de Abril de 1974, várias unidades hoteleiras receberam portugueses vindos das ex-colónias. Após a sua desocupação, estas encontravam-se em estado de degradação, tendo encerrado nesta altura (Neves, 2002). Assim como em Vidago, assistiu-se à desativação do caminho-de-ferro em 1989. Nos anos 1990, o edifício da estação foi transformado em central de autocarros (Neves, 2002) (figura 139).

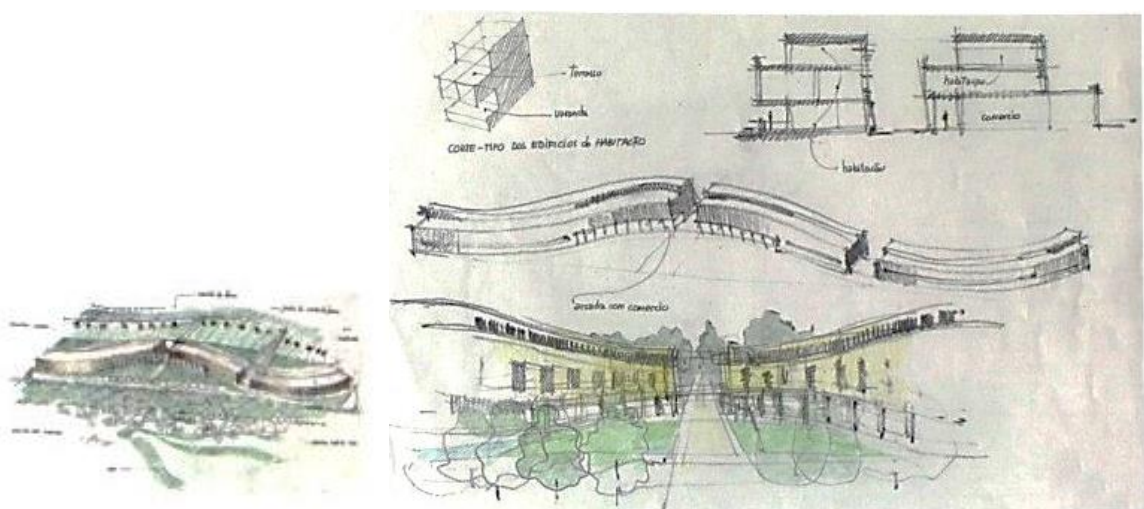
O edifício do antigo casino foi recuperado nos finais dos anos 90, servindo de auditório e de espaço para exposições (Neves, 2002). A diminuição da frequência termal foi-se acentuando, com consequências na degradação das unidades hoteleiras e do estabelecimento balnear, tendo este encerrado em 1999. Em 2000 foram abertas novas instalações balneares numa estrutura pré-fabricada, perto do anterior estabelecimento (Neves, 2002).

1.3. A História comum na recuperação de Vidago e Pedras Salgadas

As estâncias termais de Vidago e Pedras Salgadas, depois de criadas em finais do século XIX e início do século XX, passaram ambas pela sua fase de crescimento e apogeu e posteriormente por um declínio gradual. Em Vidago a procura manteve-se relativamente equilibrada durante mais tempo do que em Pedras Salgadas, mas ambos findaram numa fase de obsolescência no final do século XX. O problema era comum: a desatualização da oferta relativamente à procura, nomeadamente dos balneários e das



Figuras 140 e 141. Termas de Pedras Salgadas, Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias, esboços perspécticos do plano de remodelação e expansão do complexo termal, 1997



Figuras 142 e 143. Termas do Vidago, Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias, esboços perspécticos e em corte do plano de remodelação e expansão do complexo termal, 1997

unidades hoteleiras e da imagem termal das estâncias (Neves, 2002).

Desde a década de 1980 até 2001, Vidago e Pedras Salgadas passaram por várias administrações e grupos económicos, o que contribuiu também para o decréscimo na procura. Até 1982, a empresa Vidago Melgaço e Pedras Salgadas pertencia ao Conde Caria, que preservava a sua tradição, que se foi degradando gradualmente. Em 1982 a empresa foi adquirida pelo empresário Sousa Cintra, em 1997 pela Jerónimo Martins e em 2001 pela empresa Unicer (Neves, 2002).

No entanto, na última década do século XX, Vidago e Pedras Salgadas sofreram uma relativa renovação, com a remodelação do Hotel Avelames e do edifício do antigo casino em Pedras Salgadas, e, em Vidago, do Hotel do Parque e do Hotel Palace. No ano 2000 foi aberto o centro de congressos no edifício do antigo estabelecimento balnear (Neves, 2002).

Apesar da realização destas intervenções, sentiu-se a necessidade da recuperação das duas estâncias termais. A remodelação e construção de estabelecimentos termais que dessem resposta às novas procuras do turismo termal, com novos equipamentos que oferecessem conforto eram, nesta altura, urgentes, já que os que existiam eram estruturas pré-fabricadas precárias. Era essencial um plano de recuperação que reposicionasse estas duas estâncias no topo dos locais turísticos portugueses.

É assim que surge em 1997 o plano da Silva Dias Arquitetos que não viria, contudo, a ser concretizado em obra – à exceção do balneário de Vidago, já referido (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Nesta altura, os parques termais de Vidago e Pedras Salgadas incluíam um conjunto de instalações balneares, hoteleiras, recreativas e administrativas com diversos estados de conservação (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Nas Pedras Salgadas as unidades hoteleiras apresentavam-se desativadas e em ruínas (Grande Hotel, Hotel do Norte e Hotel Universal), assim com outros edifícios que estavam fechados (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A empresa Silva Dias Arquitetos desenvolveu a sua proposta tendo como fundamento princípios programáticos pré-determinados, confrontando-os com as potencialidades de recuperação dos edifícios e da valorização do património natural. Isto originou um ordenamento de projeto urbano onde se concilia a organização do espaço público com a recuperação de edifícios ou a realização de novos. Este plano foi estabelecido para as duas estâncias termais com pré-existências específicas que originam

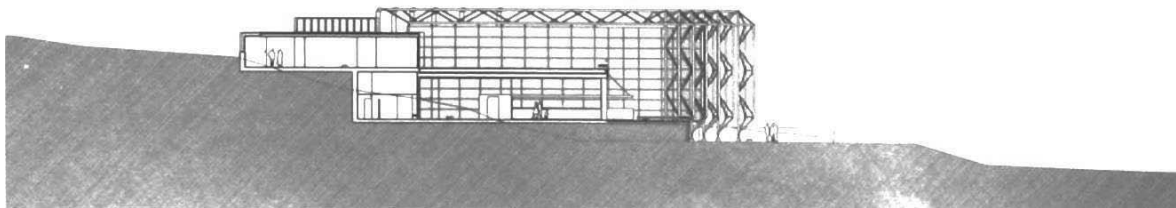
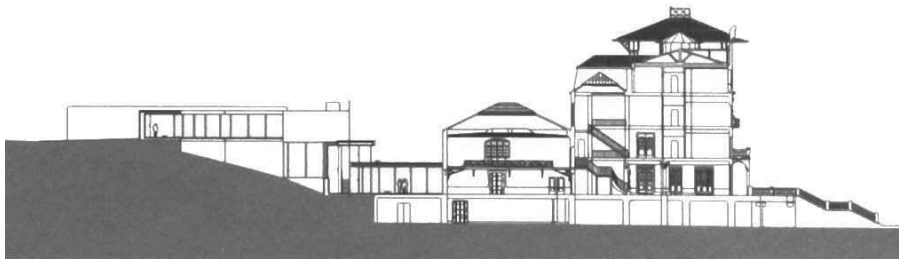
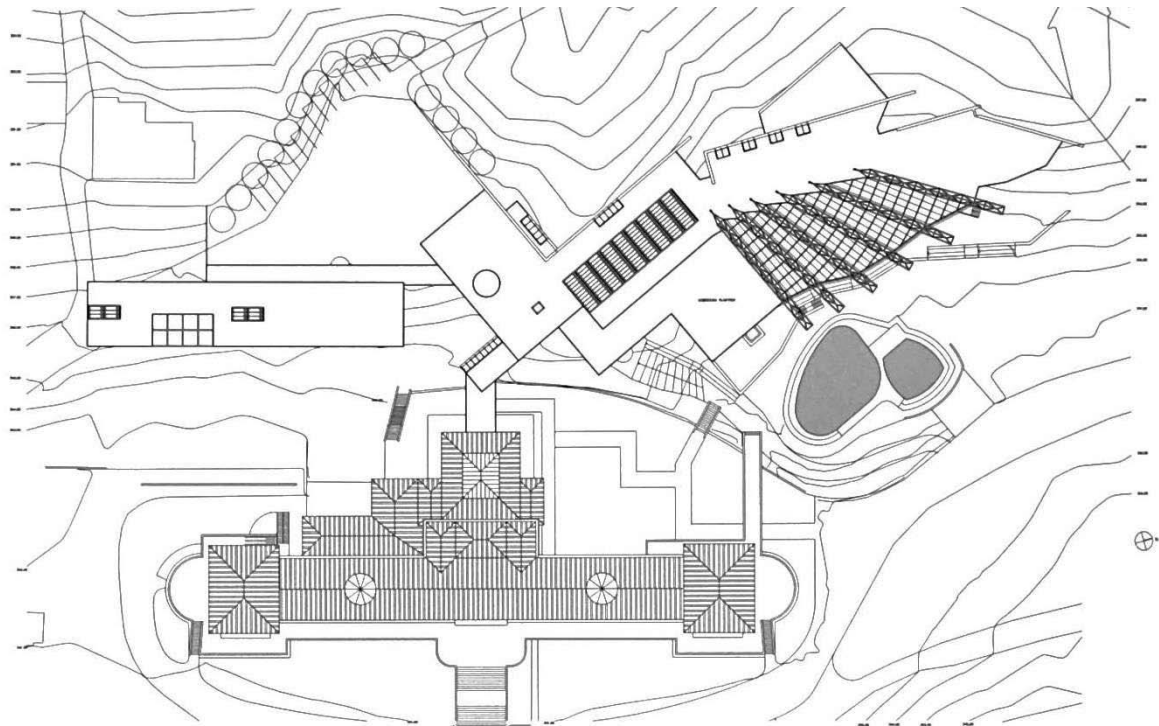


Figura 144. Termas do Vidago, Gastão da Cunha Ferreira, planta e cortes do projecto de remodelação e expansão do Palace Hotel, 1999

soluções diferenciadas, tendo em conta o aglomerado e as instalações termais em que se insere, o estado do conjunto hoteleiro, os parques, as acessibilidades e capacidades de uso, o equipamento recreativo (casino, golfe, piscinas, lagos e hipódromo), a sua avaliação obsoleta e as possibilidades de recuperação (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Os arquitetos Francisco Silva Dias e Tiago Silva Dias propõem para Pedras Salgadas a recuperação dos hotéis desativados e de outros edifícios, sendo que alguns deles mudam de função. A proposta urbana da Silva Dias Arquitetos passa:

Pela revitalização do património vegetal, repavimentação, definição de linhas de sinalética, mobiliário, iluminação e equipamento. Foi desenvolvido um eixo ao longo do rio, reperfilando a estrada existente, aumentando a capacidade de estacionamento e conferindo-lhe uma característica de alameda ou passeio com carácter lúdico, para o que contribuiria a presença de uma sucessão de espelhos de água que aumentariam a presença do rio e onde se poderiam refletir a encosta, o parque e os edifícios. O balneário seria vastamente ampliado, com um novo corpo localizado nas traseiras (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 333) (figuras 140 e 141).

No parque termal do Vidago o plano prevê “a recuperação e ampliação do campo de golfe, a recuperação paisagística e funcional do eixo principal e a recuperação e modernização do Palace Hotel (com novas atividades ligadas à saúde, ao bem-estar e à beleza corporal)” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 333).

“Exteriormente ao parque prevê um edifício longo e coleante destinado a habitação e comércio (figuras 142 e 143), e a recuperação do antigo Hotel do Golfe” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 333). Preserva a piscina desenhada por Moreira da Costa e “o estudo arquitetónico da nova zona balnear é da autoria do arquiteto Gastão da Cunha Ferreira (MC Arquitetos), com dois edifícios, um de bem-estar e o outro para balneário termal”, volumes fragmentados “localizados ao correr do tardo do hotel” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 333) (figura 144) utilizando como materiais o granito, o betão aparente, o vidro e estruturas especiais.

O corpo do balneário tem uma forma pura, intimista e fechada em si mesma. O da piscina é o oposto: ondulante, com um volume e tratamento de fachadas que incitam a uma valorização da água e da luz, criando uma atmosfera relaxante e em comunhão com a Natureza, que convida a ir a banhos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

Estes planos, contudo, não foram executados em obra.



Figura 145. Eco House



Figura 146. Tree House



Figura 147. Reconversão do Casino em salão de eventos



Figura 148. Restaurante



Figura 149. Capela



Figura 150. Garagens

Quase uma década depois dos planos não concretizados da Silva Dias Arquitetos, surgem os planos de intervenção da autoria do arquiteto Álvaro Siza nas estâncias termais de Vidago e Pedras Salgadas, que serão analisados no capítulo seguinte. Para além das intervenções feitas pelo arquiteto Álvaro Siza, a Unicer fez um investimento em Pedras Salgadas e Vidago que incluiu outras atualizações.

Em Pedras Salgadas assistiu-se à construção de doze *eco-houses* (figura 145) e três *tree-houses* (figura 146) para alojamento turístico no centenário parque termal, e à recuperação e reconversão do edifício do casino em salão de eventos, congressos e festas privadas (figura 147) e da casa de Chá em Restaurante (figura 148). Verificaram-se ainda a recuperação da capela (figura 149) e das garagens na entrada principal do parque (figura 150), a sala de visitas do *eco-resort*. As vinte antigas garagens foram reconvertidas em lojas para venda de produtos regionais (Pereira A. I., 2013).

O restaurante que funciona na antiga Casa de Chá foi recuperado com o objetivo de lhe devolver o seu aspeto original. Lá são confeccionadas refeições com produtos regionais, como os enchidos, queijos e vinhos (Pereira A. I., 2013).

As doze *eco-houses*, da autoria do Arq. Luís Rebelo de Andrade, fazem parte do conjunto turístico de quatro estrelas de seu nome *Pedras Salgadas Spa & Nature Park*. Construídas a 580 metros de altitude, surgem no meio do parque termal de Pedras Salgadas em perfeita harmonia com a natureza envolvente, conferindo-lhe inovação e modernidade. Foram projetadas com um sistema de pré-fabricação modular e flexível, de modo a adaptar-se facilmente dentro do parque. Os três módulos (entrada/instalação sanitária, sala de estar e quarto) permitem fazer três combinações diferentes, viabilizando a criação de várias morfologias e diversos diálogos com a natureza que as rodeia, tornando cada casa única. (Pedras, 2012).

As *Snake Tree Houses*, projetadas pelos irmãos Rebelo de Andrade, recriam a fantasia das casas nas árvores. A ideia era criar um objeto que se afastasse da ortogonalidade e de conceitos pré-estabelecidos associados à construção. É utilizada uma tecnologia já testada em protótipos que permite uma construção leve e autoportante. No interior têm duas janelas: uma para observar a vida no parque e outra para olhar as estrelas. Cada casa é composta por um estúdio com cozinha e instalação sanitária. Este projeto foi desenvolvido de forma sustentável e ecológica: não impermeabilização do solo, revestimentos e isolamentos reforçados, reaproveitamento de águas negras, sistemas de



Figura 151. Campo de Golfe



Figura 152. Pavilhão da Fonte de Vidago 1



Figura 153. Pavilhão da Fonte de Vidago 2A



Figura 154. Pavilhão da Fonte de Vidago 2

iluminação de baixo consumo com a tecnologia *LED*, entre outras soluções (Tree Snake Houses / Luís Rebelo de Andrade + Tiago Rebelo de Andrade, 2012).

Os revestimentos das *eco-houses* e das *tree houses* são em telha de ardósia e madeira, matéria-prima nativa, que concedem camuflagem a estas casas, mantendo o protagonismo do parque centenário.

Em Vidago, para além das intervenções do arquiteto Álvaro Siza que estudaremos de seguida, foi ainda redesenhado o campo de golfe (figura 151) e foram restauradas as três fontes, representadas nas figuras 152, 153 e 154. Em 2010, o campo de golfe foi redesenhado por Cameron & Powell a partir do original de Mackenzie Ross, aumentando-se a área de 9 para 18 buracos com uma área de 6308 metros (Vidago Palace Hotel recebe torneio internacional de golfe, n.d.). O percurso foi totalmente reconstruído de acordo com as especificações do *United States Golf Association* para realização de campeonatos internacionais. Manteve-se a identidade do desenho original, tirando partido da beleza e das qualidades únicas do lugar. No seu percurso existem grandes contrastes. Os muros de suporte de todos os *tees* são construídos em pedra local e as árvores centenárias foram conservadas quase na sua totalidade.

2. PLANOS DE INTERVENÇÃO EM VIDAGO E PEDRAS SALGADAS DE ÁLVARO SIZA

Em 2006, praticamente uma década depois dos planos de intervenção da Silva Dias Arquitetos, surgem os planos do arquiteto Álvaro Siza com uma atitude bastante ousada na mudança programática, devido aos novos interesses da procura turística, de acordo com a nova legislação do sector termal (Decreto lei nº 142/2014, de 11 de Junho de 2004).

Quando comparadas as propostas da Silva Dias Arquitetos e de Álvaro Siza, realizadas nos parques termais de Vidago e Pedras Salgadas, é possível identificar várias disparidades programáticas e de desenho.

Nas Pedras Salgadas, Siza faz uma grande transformação que inclui a demolição de edifícios hoteleiros e a construção de novos edifícios, devido à alteração de programas, hábitos e à consideração das pré-existências no exercício projetual (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O seu plano para Pedras Salgadas prevê inicialmente um aparthotel (com localização próxima do Spa Termal), pequenas moradias rústicas e um novo hotel no mesmo local do antigo Hotel Avelames (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Já no parque prevê:

um percurso cultural a partir das antigas garagens, que constituem uma construção modulada e ritmada pela existência de empenas e portas características da função original. O percurso segue pelo edifício que acolheu o primeiro engarrafamento, pela capela, onde podem ser observados alguns objetos de arte sacra, pelo edifício do casino, onde podem ser apreciados instrumentos, máquinas e outros objetos utilizados nas antigas práticas termais e, finalmente, pela avenida, com a existência de mostras e venda de artes e ofícios tradicionais (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 333).

A proposta de Álvaro Siza para o parque termal do Vidago assemelha-se mais à proposta da Silva Dias Arquitetos para este local. O plano prevê a recuperação e ampliação do campo de golfe, a recuperação paisagística e funcional do eixo principal e a recuperação e modernização do Palace Hotel (com novas atividades ligadas à saúde, ao bem-estar e à beleza corporal).

Esta proposta engloba também a modificação das antigas garagens e de um



Figura 155. Intervenções de Álvaro Siza na Estância Termal de Vidago

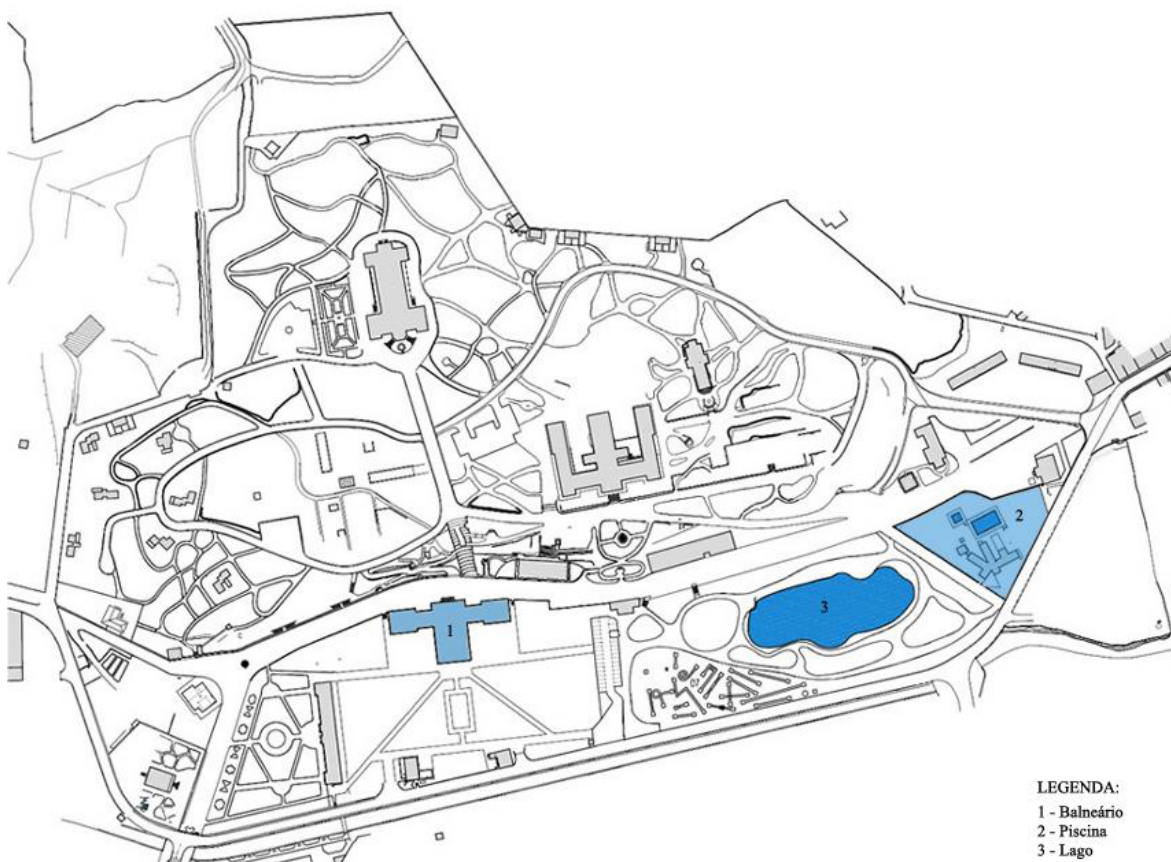


Figura 156. Intervenções de Álvaro Siza na Estância Termal de Pedras Salgadas

antigo núcleo de casas rurais para espaços de exposições e de arte realizadas por artistas convidados a habitarem no parque (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

A concretização deste plano sofreu, contudo, alguns atrasos. Devido à impossibilidade de cumprir os prazos inicialmente estipulados, foi necessária uma reformulação de todo o projecto, que implicou a duplicação do investimento, face aos 36,6 milhões de euros originalmente previstos (Antunes, 2010).

Do projeto da autoria do arquiteto Álvaro Siza apenas se concretizam: em Vidago o restauro do Vidago Palace, a construção do estabelecimento termal e a reabilitação do House Club de Golf de Vidago (figura 155); e em Pedras Salgadas, a reabilitação do Balneário, a construção de piscina exterior e o lago (figura 156).



Figura 157. Hotel Vidago Palace



Figura 158. Esquisso do Hotel Vidago Palace

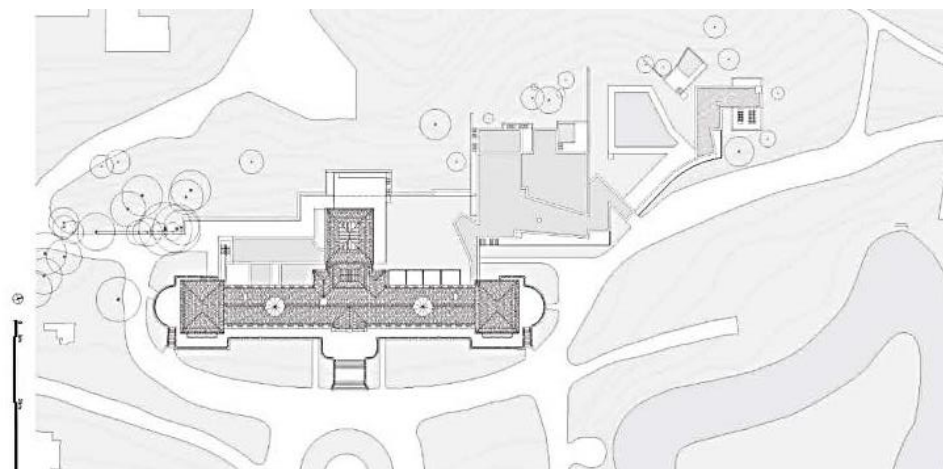


Figura 159. Planta de implantação

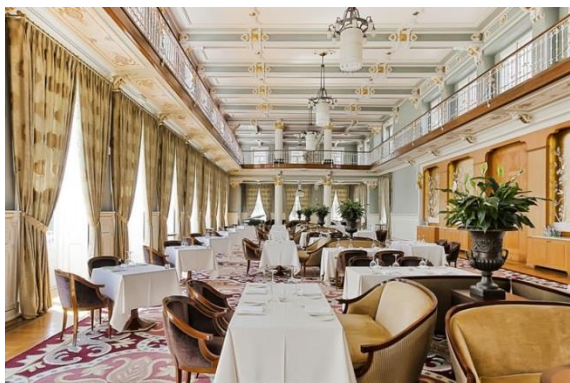


Figura 160. Restaurante do Hotel Vidago Palace



Figura 161. Escadaria principal no átrio do Hotel Vidago Palace



Figura 162. Sala de pequenos almoços do Hotel Vidago Palace

2.1. Caso de Vidago

Após anos de declínio, o Hotel Vidago Palace, assim como os outros edifícios do parque termal de Vidago, foi remodelado e reaberto exactamente um século depois da sua inauguração. Álvaro Siza renovou o House Club de Golf, fez o restauro da envolvente edificada e do piso de entrada do Palace e construiu duas novas ampliações para o hotel.

2.1.1. Vidago Palace Hotel e Estabelecimento Termal

2.1.1.1. Memória

A reforma e reabilitação do Palace Hotel (figura 157) tinham como principal objetivo restituir a qualidade e o charme da *Belle Époque* que em tempos o caracterizava. Choay afirma que “um edifício deve ser conservado” por “ser um testemunho da história e uma obra de arte” (2010, p.27), “em nome de valores científicos, estéticos, memoriais, sociais, urbanos” (Choay, 2010, p.16). Era por isso muito importante preservar este edifício emblemático da arquitectura termal portuguesa, que representa uma época de ouro. A volumetria e a estrutura espaciais originais foram mantidas, eliminaram-se algumas construções que o desqualificavam funcional e esteticamente e foram construídas novas áreas de serviços e um novo estabelecimento termal (Siza, 2013), como se pode ver na planta de implantação, na figura 159.

O objetivo da renovação do hotel era conseguir a classificação de 5 estrelas, com 73 quartos e 9 suites (Siza, 2013), sendo que as principais alterações foram realizadas nos quartos (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009).

O restauro dos arranjos interiores dos quartos do hotel foi excluído dos serviços inicialmente contratados. Ele foi cedido à empresa de decoração de interiores Bastidor, numa decisão tomada pelo proprietário (Siza, 2013). Porém, a proposta de restauro foi elaborada pelo arquitecto Álvaro Siza. A intervenção foi feita de maneira a manter a integridade do existente, a reconstituir a sua memória. Preservaram-se os elementos a manter dentro do edifício, com a manutenção e reutilização dos materiais existentes, e desmontaram-se os elementos a limpar e armazenar (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009). Foram restauradas as paredes, tetos e pavimentos do restaurante (situado do lado esquerdo do átrio principal) (figura 160), escadaria principal de acesso aos quartos no grande átrio (figura 161) e sala de pequenos-almoços (figura 162) no corpo atrás da



Figura 163. Hotel Vidago Palace e estabelecimento termal



Figura 164. Hotel Vidago Palace e estabelecimento termal

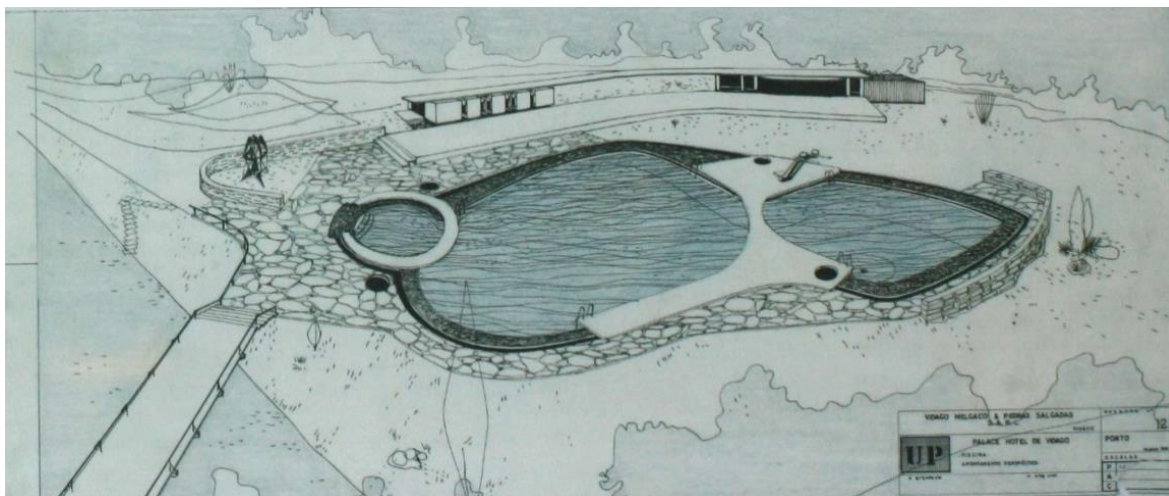


Figura 165. Termas do Vidago, Jorge Meira da Costa, perspectiva do projecto de estalagem e piscina junto ao Palace Hotel do Vidago, 1961



Figura 166. Alçado Este e secções longitudinais



Figura 167. Alçado Este



Figura 168. Bar de apoio à piscina exterior do estabelecimento termal

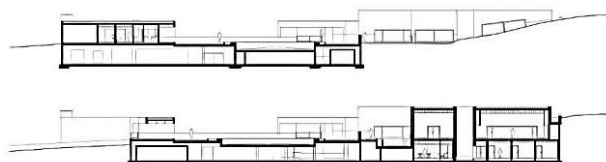


Figura 169. Corte longitudinal

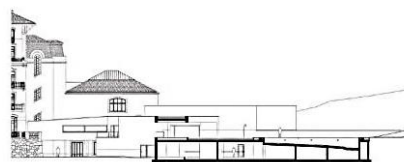


Figura 170. Corte transversal



Figura 171. Hotel Vidago Palace e estabelecimento termal



Figura 172. Hotel Vidago Palace e estabelecimento termal



Figura 173. Hotel Vidago Palace e estabelecimento termal

escadaria com pé direito duplo. Para preservar estas áreas foram usados “cimentos expansivos, ecológicos, e reutilizadas estruturas de madeira usadas na montagem e desmontagem da cobertura, em todo o processo de resíduos da construção” (Pinto, H. G., & Mangorrinha, J., 2009, p. 333).

Com o novo estabelecimento termal Siza procura fazer uma memória. A questão da memória, aqui, é uma confrontação entre o novo e o velho (figura 163). O novo procura fazer memória intemporal. Sendo actual quer ter memórias formais do passado, na maneira como organiza o território, como faz e integra o circuito, como faz o edifício que permite a passagem por baixo (figura 164), nas cores que usa ... É um edifício novo, mas há uma confrontação de memórias do novo/memórias do velho.

Siza reconstrói a memória ideal do percurso lúdico da piscina que existia anteriormente (figura 165). Existiriam também um bar e uns sanitários perto da piscina como Siza faz. Existe uma memória, uma fabricação de memória, que procura cumprir os requisitos da memória anterior. Siza dá sequência à memória anterior com uma nova arquitectura que é a dele, representada na figura 168.

Como ligação dos dois edifícios (o corpo de apoio à piscina e o corpo do estabelecimento termal (figura 171) faz um muro em forma curva (figura 172), reconstruindo a memória do antigo edifício do bar, que era também ele curvo. Este muro é acompanhado por uma rampa (figura 173) que transforma a piscina num objecto lúdico, fazendo parte do percurso lúdico dos passeios da tarde. A arquitetura enquadra aqui um contexto e dá sequência a esse contexto. Esse contexto são as memórias dos passeios diários do início do século passado. Siza constrói essa memória.

2.1.1.2. Forma/Função

O programa do Palace Hotel conta com os 6 pisos que já existiam inicialmente. No primeiro piso (figura 174), o piso de entrada onde se situam o grande átrio, o restaurante (antigo salão de festas), a sala de pequenos-almoços com pé-direito duplo (antiga sala de jantar). À direita do átrio encontram-se agora a recepção, gabinetes, sanitários, sala de estar, loja, bar e o acesso ao estabelecimento termal. Nos restantes pisos situam-se os quartos. Siza anexa-lhes dois corpos com dois pisos (um a sul e o outro a oeste) no tardo do hotel valorizando assim a presença do Palace Hotel. Nestes dois volumes novos estabeleceram-se os novos serviços do hotel (Siza, 2013), estando o seu desenho condicionado pela topografia do terreno. Para o desenvolvimento da estruturação deste

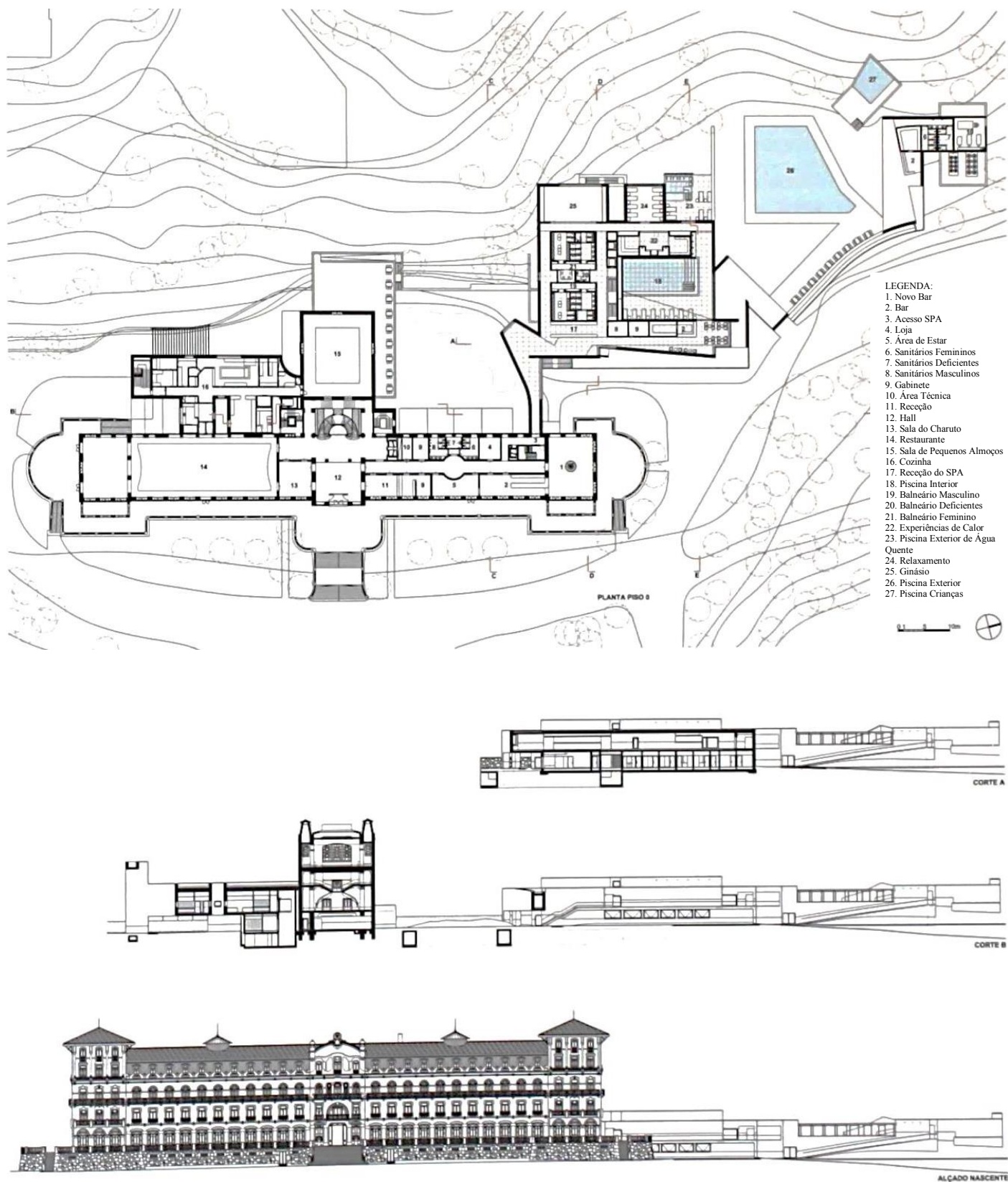


Figura 174. Termas de Vidago, Álvaro Siza e Marco Rampulla, Carlos Leite Pereira, César Escudero, Cristina Ferreirinha e José Carlos Nunes de Oliveira (colab.), planta, cortes e alçado do plano de intervenção global, 2006

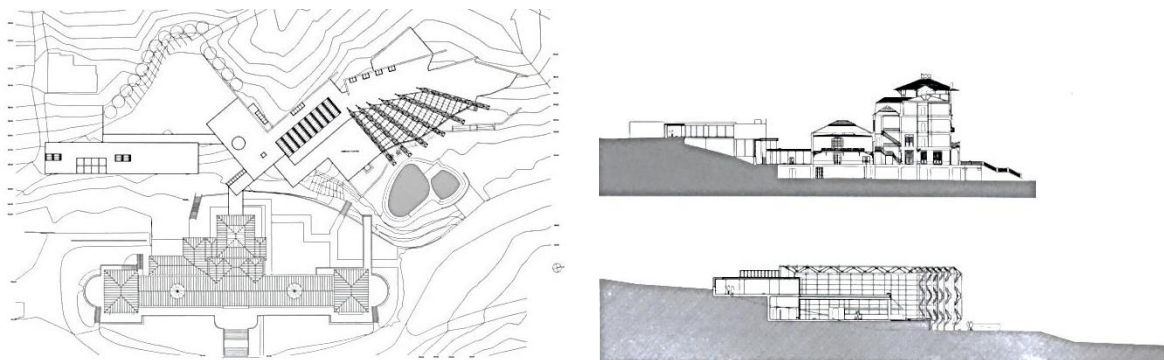


Figura 175. Termas do Vidago, Gastão da Cunha Ferreira, planta e cortes do projecto de remodelação e expansão do Palace Hotel, 1999



Figura 176. Hotel Vidago Palace e edifício de serviços



Figura 177. Hotel Vidago Palace e estabelecimento termal



Figura 178. Estabelecimento termal

projecto, Siza fez inicialmente uma investigação e análise arqueológica de modo a não prejudicar a reforma do edifício principal.

Em comparação com a proposta da Silva Dias Arquitectos, representada na figura 175, o programa é o mesmo, mas com um peso diferente. Silva Dias mantém o anexo do Palace em forma de “L” e a piscina desenhada por Meira da Costa e faz dois edifícios, um de bem-estar e o outro para balneário termal, no tardo do hotel. Siza, na sua proposta, mantém a lógica da localização do edifício, no entanto substitui o corpo em forma de “L” por um novo corpo e compacta o programa de saúde e bem-estar num só edifício. Simplificou o programa e retirou a piscina existente.

Relativamente à ampliação a sul (figura 176), Siza localiza este corpo no tardo do edifício do hotel onde inicialmente existia um corpo em forma de “L”. Quando este novo corpo encosta na parede exterior da sala de pequenos-almoços, Siza remata o canto com um quarto de lua, de modo a não tocar na janela do edifício. Este novo corpo procura ligações pontuais ao edifício existente do Palace. No piso térreo encontra-se uma zona de serviço e galerias de ligação ao restaurante e à sala de pequenos-almoços. O piso inferior compreende a entrada do pessoal, a zona de preparação de comida e a câmara frigorífica (Siza, 2013).

Na proposta de Siza a parte mais enfatizada é a ampliação a poente, ligada ao edifício do hotel onde se situa o estabelecimento termal.

Ao projectá-lo, Siza escolheu a opção de desenhar um conjunto de edificações autónomas que se unem ao hotel por apenas um volume elevado, como um cordão umbilical, como mostra a figura 177. A ideia de suspensão do corpo que faz a ligação ao hotel dá uma continuidade ao espaço, evitando uma rutura. São desenhados vários corpos baixos, de um e dois pisos, com formas diferentes, interligados livremente e que vão quebrando e mudando de direcção. A forma é amaciada pelos seus recortes e pela decomposição dos volumes, ainda que seja visível e reconhecível a sua própria autonomia. O complexo vai assim serpenteando entre as árvores que rodeiam o hotel a noroeste (figura 178).

É um corpo menos impositivo do que o da proposta da Silva Dia Arquitectos, por ser mais baixo e pela sua localização estratégica.

O impacto da proposta da Silva Dias é enorme. Siza faz uma construção mais



Figura 179. Interior do estabelecimento termal



Figura 180. Ginásio

densa, com mais formas, mais ajustamentos ao terreno, com uma certa informalidade que a proposta da Silva Dias não apresenta. Silva Dias faz uma lógica de edifício com uma autonomia formal, concreta e compositiva com desenhos arrojados. Siza parece que não quer ter esse desenho arrojado, mas acaba por ter, com as oscilações e variações de volumes, mas procurando uma certa informalidade com o próprio terreno, dentro de uma certa rigidez, fazendo um bloco.

Em relação aos acessos do hotel para o estabelecimento termal, os da proposta da Silva Dias são rígidos, enquanto os da proposta do Siza são mais fluídos, com recortes na forma.

A expressividade da função é negada para se valorizar a forma: o edifício tem um miolo interior funcional, mas aquilo que anda por fora relaciona-se mais com as questões da forma do que da função.

A identidade do programa que está no meio desaparece em detrimento de uma coisa que é periférica, que procura fazer contactos. A forma, então, domina.

Siza usa planos de corte que vão amaciando a forma e que vão criando linhas de vista. As aberturas pontuais criam movimento, fazem com que as pessoas se movimentem em direcção à janela que enquadra um cenário, como se fosse um quadro (figura 179). Essa relação visual com o exterior é bastante importante. Cada vista para o exterior tem uma dominância específica. No amplo ginásio, por exemplo, Siza faz numa das paredes uma grande abertura para o exterior, com uma ligeira inclinação que acompanha a da topografia do parque, proporcionando aos utentes uma experiência agradável num espaço cheio de luz natural, com uma vista para as árvores do parque (figura 180).

O acesso feito desde o interior do hotel à entrada/recepção do estabelecimento termal é resolvido por uma manga. O edifício possui ainda um acesso exterior que é feito por umas escadas que se encontram junto à recepção.

O edifício está dividido em duas partes, uma que incorpora o estabelecimento termal e a outra que inclui um pequeno bar e instalações sanitárias de apoio às piscinas exteriores (figura 182). O edifício tem uma autonomia funcional e de desenho, mas há momentos em que se compromete com o existente: no terreno (figura 183), com o ponto de ligação com o hotel, com as passagens que cria por baixo, na pintura, usando a mesma cor do edifício do hotel...

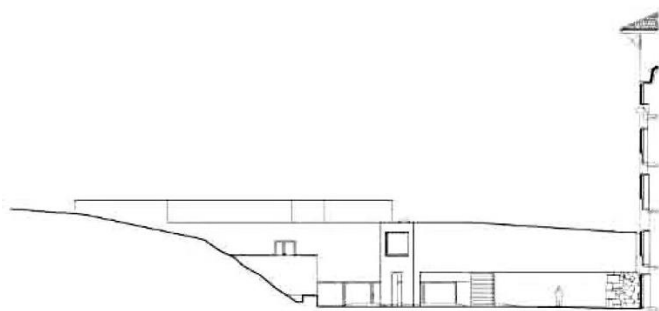


Figura 181. Alçado Sul

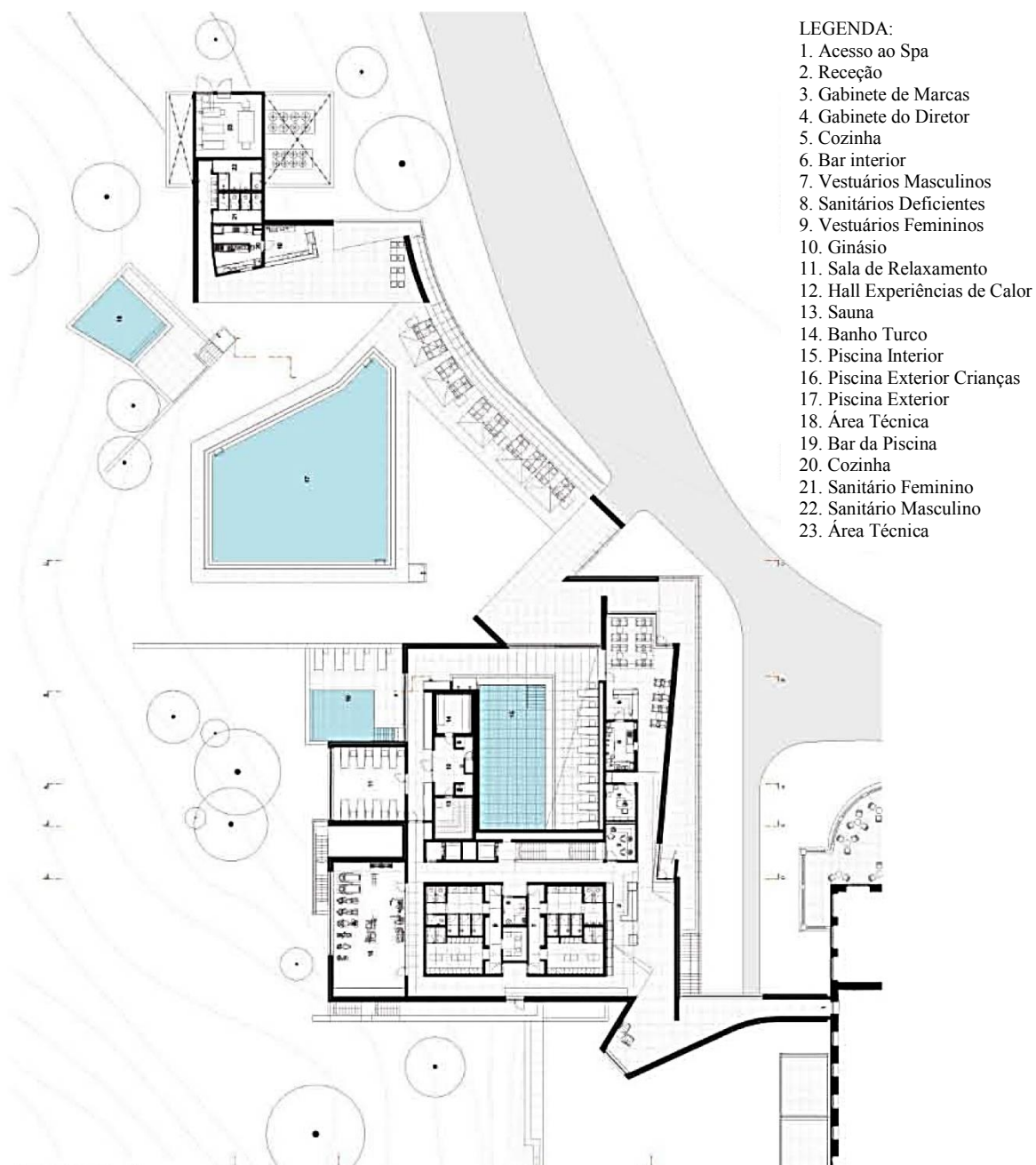


Figura 182. Planta de piso térreo

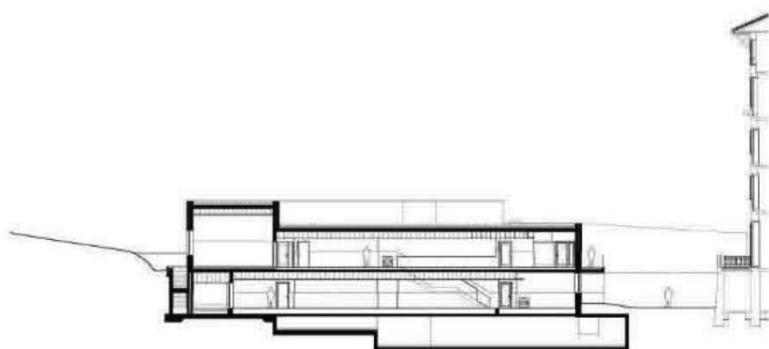


Figura 183. Corte transversal

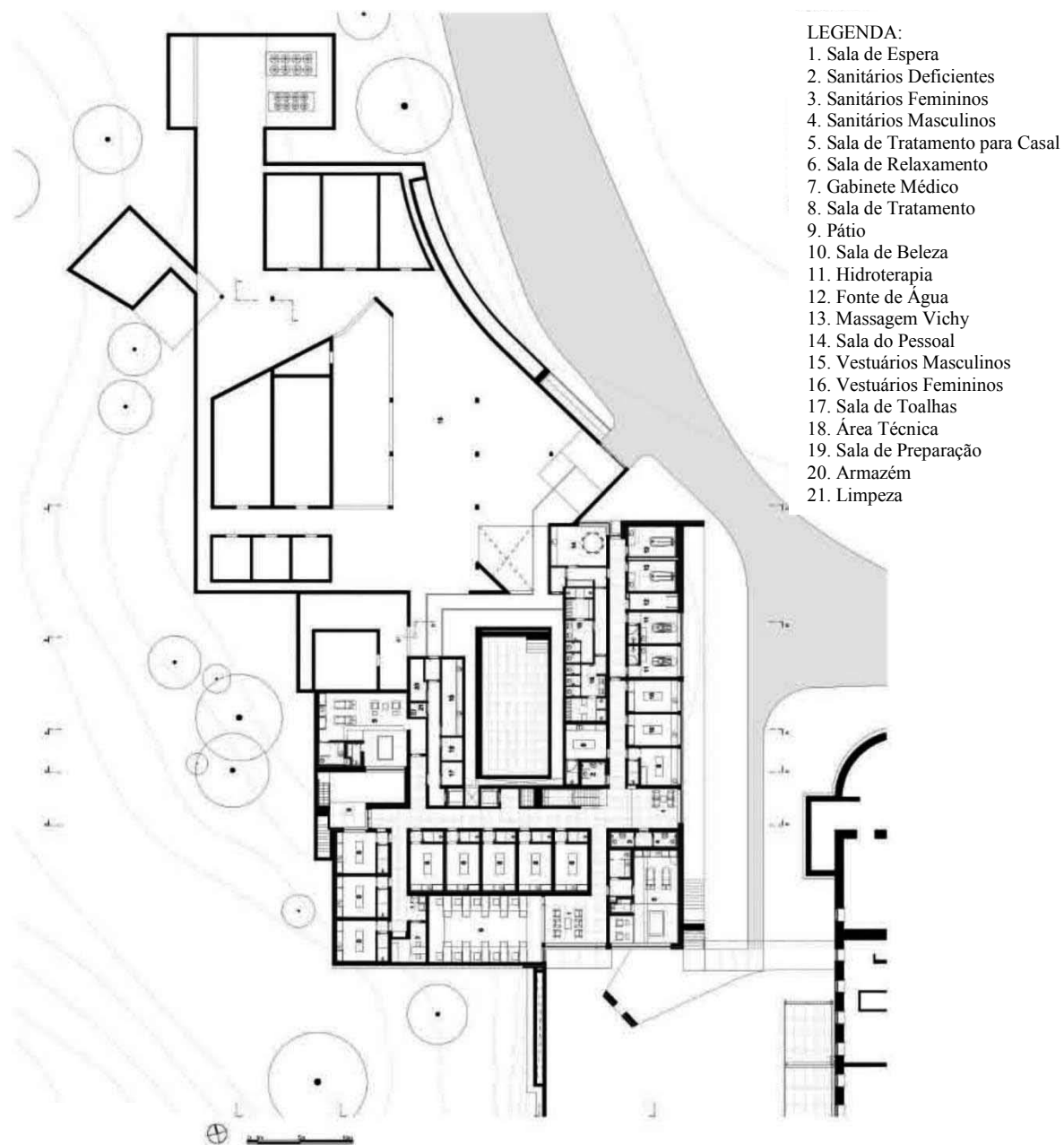


Figura 184. Planta piso inferior



Figura 185. Piscina interior do estabelecimento termal



Figura 186. Rampa do estabelecimento termal

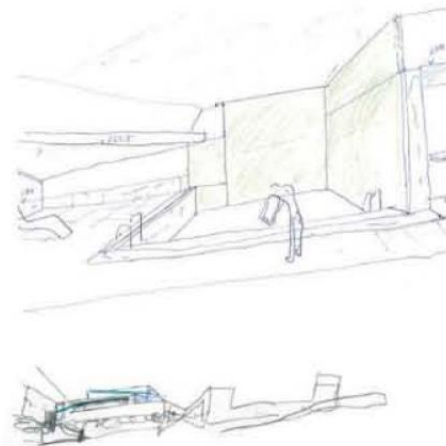


Figura 187. Esquissos do estabelecimento termal

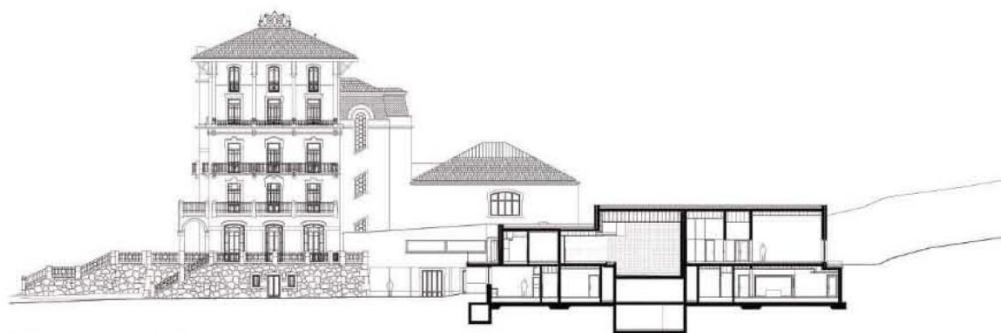


Figura 188. Corte transversal

Dentro e fora dos corpos sucessivos vão-se dispor os serviços termais e elementos de água, e em concreto as distintas piscinas: piscina interior (figura 185), piscina exterior de água quente, piscina para adultos e piscina para crianças no exterior.

O edifício do estabelecimento termal tem dois pisos que fazem o ajustamento ao terreno inclinado. É um rectângulo que no piso de entrada (figura 182) responde às funções dos balneários feminino, masculino e para deficientes, da sauna e da piscina interior, a que são acoplados outros programas: de um lado a recepção, dois gabinetes e o bar e do outro ginásio, uma sala de relaxamento e a piscina exterior aquecida.

No piso de baixo (figura 184), o piso que estabelece o contacto com o solo, o programa dispõe-se maioritariamente ao longo do perímetro do edifício com as áreas de circulação no interior. O programa inclui duas salas de tratamento para casal, dez salas de tratamento individual, gabinete médico, uma sala de relaxamento, duas salas de espera, duas salas de beleza, duas de hidroterapia, uma fonte de água, duas salas de massagem vichy. O programa integra ainda instalações sanitárias para mulheres, homens e deficientes, vestiários femininos e masculinos, uma sala para o pessoal, uma sala de toalhas, outra de preparação e outra de limpeza, armazém e área técnica.

O acesso a este piso inferior é apenas feito por acessos verticais (escada e elevador), que se localizam também na zona central do edifício, perto dos balneários, permitindo assim o rápido e fácil acesso dos clientes desde o ponto de partida até às diferentes salas terapêuticas.

Como é habitual na arquitectura do Siza, a continuidade do percurso é um factor fundamental na experiência arquitectónica. Neste caso, os elementos principais desta sequência são exteriores, umas escadas e uma rampa (figura 186), que conferem ao percurso – num ambiente de natureza – um carácter paisagístico.

Devido à sua baixa altura e à sua variedade volumétrica, por ter as coberturas plantadas com grama e apesar da forma se reconhecer autónoma, o complexo termal não compete nem colide com a identidade, dominância, magnificência e requinte do edifício tradicional do hotel (figura 188), que responde ao típico esquema frontal simétrico, pentapartido e tem seis andares. Seja de que ponto for, a vista dominante é sempre do hotel. Por outro lado, a sua articulação em vários volumes gera relações de contradição (figura 189), ao contrapor a multiplicidade e liberdade de forma e disposição do novo complexo com a estrita ordem do bloco do hotel.

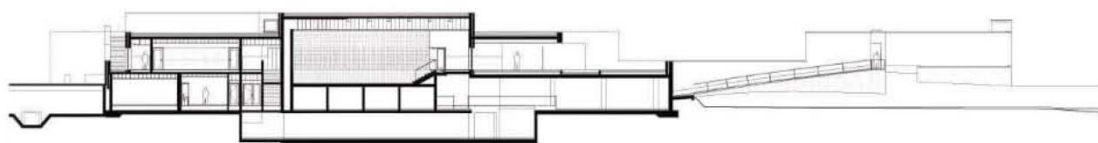


Figura 189. Corte longitudinal



Figura 190. Piscina interior do estabelecimento termal

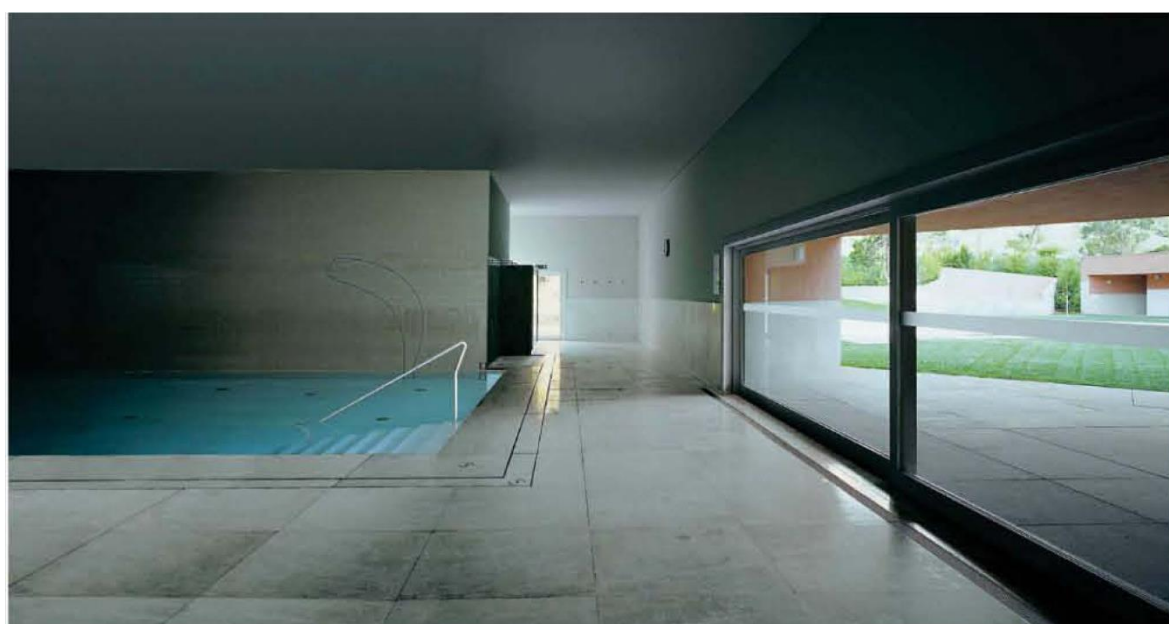


Figura 191. Piscina interior do estabelecimento termal



Figura 192. Interior do estabelecimento termal



Figura 193. Interior do estabelecimento termal



Figura 194. Interior do estabelecimento termal



Figura 195. Interior do estabelecimento termal

2.1.1.3. Tectónica

Os materiais utilizados no novo edifício, apesar de serem novos e actuais, criam a memória do passado, reconstruindo essa memória. Siza constrói o novo com imagens, soluções formais, que remetem para o passado funcional, lúdico (com a ideia de rampa e de atravessamento).

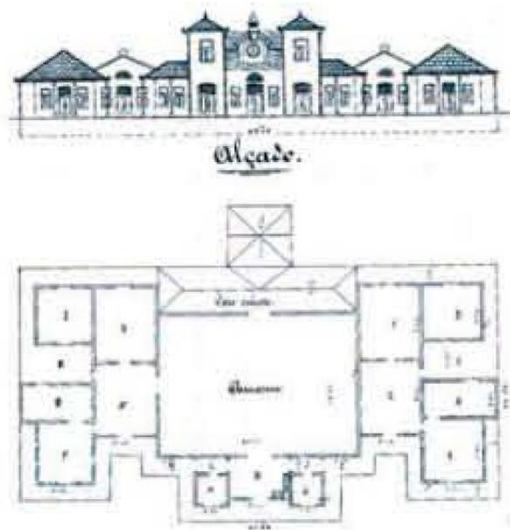
Os materiais fazem com que o novo, sendo diferente do existente (do hotel), se integre e se flua, na lógica do jardim e do cruzamento entre os dois edifícios.

O arquitecto também usa um poderoso dispositivo de harmonização entre o novo e o velho: a utilização de uma cor salmão uniforme similar à do edifício do hotel. Este é um factor de afinidade que interage com os factores contrastantes, uma característica unificadora que complementa as divergências, todas elas manipuladas sabiamente por Siza.

No interior do novo edifício, Siza usou, nos pavimentos e paredes das zonas húmidas (figuras 190 e 191) e do acesso ao spa, zona de recepção e bar (figuras 192 e 193), grandes placas de mármore com acabamentos a branco. As paredes interiores das zonas secas e das áreas restantes do edifício são de estuque, com rodapés de mármore e o pavimento em parquet (figuras 194 e 195).



Figura 196. House Club de Golf



Figuras 197, 198, 199, 200 e 201. Estado original

2.1.2. House Club de Golf de Vidago

2.1.2.1. Memória

Siza recupera o edifício histórico da House Club de Golf de Vidago (figura 196). Este edifício foi um dos primeiros pavilhões das fontes de Vidago da Empresa das Águas de Vidago, onde durante muitos anos funcionou o engarrafamento das Águas de Vidago (figuras 197 a 201). Posteriormente foi transformado numa arrecadação do parque (Júlio, 2011).

O seu desenho traz à memória os pavilhões da indústria ferroviária do princípio do século XX (Siza, 2013). Siza mantém a estrutura de madeira existente, pertencente à atividade industrial que aí se estabeleceu em tempos, restituindo a sua memória (figura 202).

Para além da recuperação do edifício, foram ainda demolidos ou substituídos elementos introduzidos nas sucessivas remodelações a que o edifício foi sujeito que o descaracterizavam.

Os materiais do edifício foram recuperados estética e funcionalmente, e alguns elementos, nomeadamente de madeira, foram redesenhados, tendo-lhes sido devolvida a sua forma original, reconstituindo a sua imagem.

Siza desenhou uma claraboia rectangular no centro do edifício que ilumina o espaço, típico deste tipo de edifícios industriais com coberturas de madeira e telhados de várias águas, sugerindo essa memória.

2.1.2.2. Forma/Função

O edifício é bastante amplo, com uma área de 1053 metros quadrados distribuídos por dois pisos: o piso térreo, com duas alas laterais e um espaço central de 441 metros quadrados; e o piso 1, que se situa por cima do volume central de entrada (Siza, 2013).

Foram feitas algumas aberturas pontuais de vazios exteriores e de passagem no edifício.

O programa distribui-se por quatro zonas (restaurante, bar, vestiários e loja). O amplo espaço central do edifício corresponde à zona do restaurante e do bar com mobiliário que vai definindo os espaços. Do lado esquerdo localiza-se a cozinha do



Figura 202. Interior do House Club de Golf

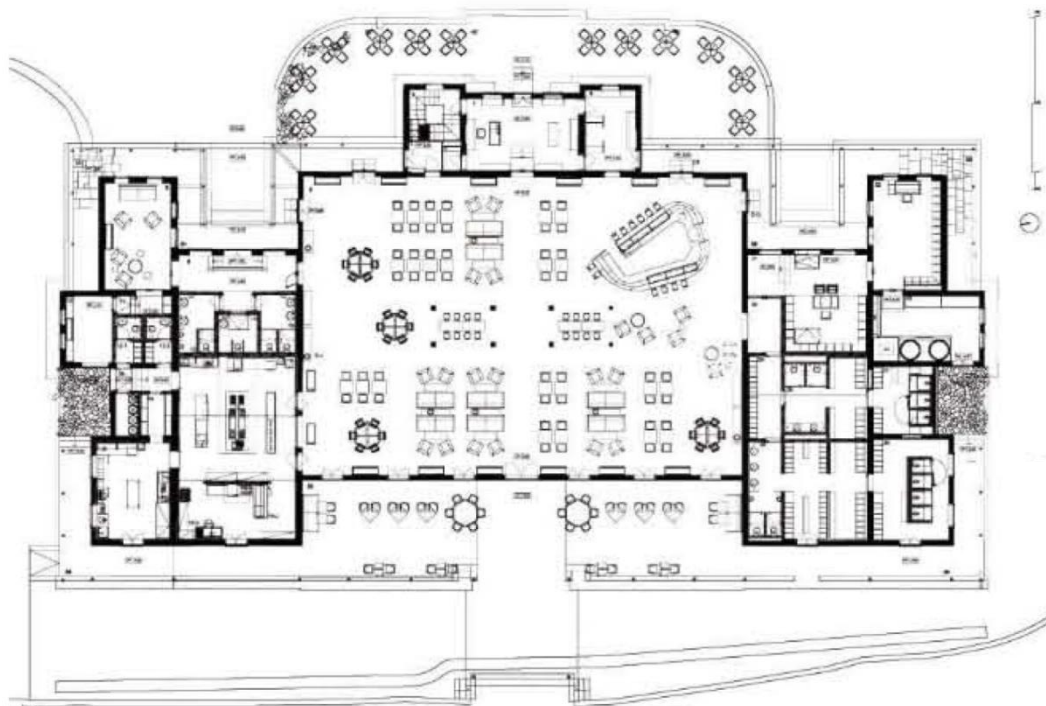


Figura 203. Planta

restaurante, a zona de serviço e as instalações sanitárias. Do lado direito encontram-se os vestiários e, finalmente, no corpo acoplado ao tardo do edifício, está a loja (figura 203).

Cada zona se ocupa de um grupo distinto de utilizadores, mas todas elas podem ser partilhadas por mais de um grupo. Todas as zonas e acessos estão dispostos de maneira a que os empregados não intersectem com os clientes. Os acessos dos espaços públicos e dos terraços localizam-se a este e a oeste e os acessos de serviço a norte e a sul (Siza, 2013).

No restaurante encontra-se uma parede de vidro que possibilita a visualização da azáfama da cozinha. As colunas da estrutura aparente do telhado, pintada a branco no seu interior, pontuam o espaço. O espaço tem 3 metros de pé direito (até ao teto) e 4,6 metros de pé direito até à claraboia.

2.1.2.3. Tectónica

Com a recuperação de materiais existentes do edifício e adequação de novos, Siza recupera este edifício e cria a memória do passado, reconstruindo-a.

Duas paredes estruturais interiores foram substituídas de modo a adaptar o espaço ao novo programa. Foram removidas patologias construtivas e mantida a estrutura de madeira original.

Os revestimentos dos espaços adicionais de serviço são adequados às novas exigências (Siza, 2013).

O telhado foi reconstruído com as telhas originais, que foram colocadas sobre a estrutura de madeira original. Foi isolado termicamente do lado de fora e revestido de madeira ou placas de gesso no interior.

Nas paredes exteriores foram colocadas placas de gesso laminado e isolamento térmico para o máximo conforto.

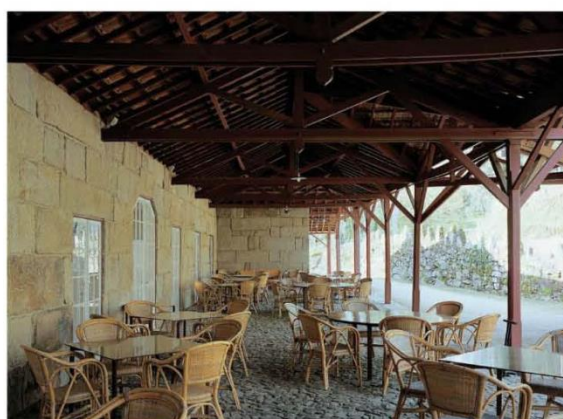
O pavimento é em betão polido e as madeiras foram feitas de acordo com o desenho original otimizado (Siza, 2013).

Os materiais de construção e os acabamentos (telha, madeira e granito) conferem ao edifício um aspeto sóbrio.

O espaço interior é bastante moderno e acolhedor, com linhas direitas, cor branca e muita luminosidade, graças à claraboia retangular que Siza desenhou no centro do edifício (O club house, n.d.).



Figura 204. Interior do House Club de Golf



Figuras 205 e 206. House Club de Golf



Figura 207. House Club de Golfe

Os materiais usados conferem ao espaço do restaurante do Club House um aspecto e conforto acolhedores para jogadores de golf e não só (O club house, n.d.).

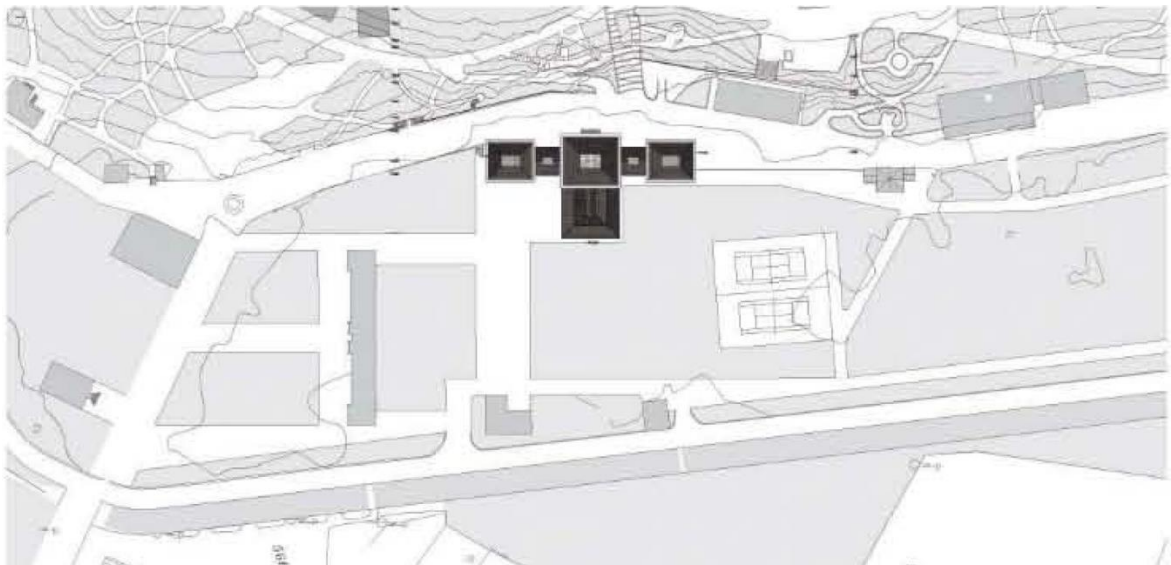


Figura 208. Planta de implantação



Figura 209 e 210. Balneário de Pedras Salgadas



Figura 211. Átrio do Balneário de Pedras Salgadas

2.2. O Caso de Pedras Salgadas

2.2.1. Balneário em Pedras Salgadas

2.2.1.1. Memória

A entrada principal da estância termal de Pedras Salgadas localiza-se a norte, junto às garagens, porém o parque possui outra entrada a sudeste (figura 208), a partir da avenida Lopes de Oliveira, que vem da estação de caminho-de-ferro, de onde se vislumbra o balneário termal.

No balneário de Pedras Salgadas era necessária a preservação da sua memória, sendo que o objectivo da intervenção era preservar a identidade e o carácter do antigo balneário, atribuindo-lhe, contudo, funções, espaços, infra-estruturas e conforto de acordo com o novo programa. Para a possível integração do estabelecimento termal no parque e ampliação do corpo central, a fábrica que se situava a nascente do balneário foi demolida (Siza, 2013).

No interior do balneário, o programa mudou mas Siza manteve o corpo central do edifício existente (figura 209), onde foi realizada uma restauração fiel do vestíbulo e do átrio de distribuição, onde se localiza a recepção, restituindo a sua memória. O átrio de entrada era nas suas origens um espaço emblemático e decorativo e onde se fazia a distribuição dos aquistas para as alas de banho, com homens de um lado e mulheres do outro (Pinto, 2003). Siza recupera este espaço magnífico, restaurando o pavimento de mosaico hidráulico, os estuques das paredes, as pinturas azuis e rosas que imitam a pedra mármore, a claraboia, que confere iluminação superior ao átrio, com vidros policromados geométricos emoldurados por frisos de estuque, os concheados e as placas com os nomes das nascentes, da empresa e datas das nascentes, como se pode ver na figura 211. Ao entrar neste espaço, para além do conforto sentido, é-se transportado no tempo para outra época.

Foi ainda realizada a remodelação dos restantes espaços interiores – as duas alas de ligação e os corpos laterais, a que foram atribuídas novas funções, adequando-lhe novos materiais.

Os restauros e remodelações interiores, tanto do corpo central como das secções laterais e alas, apesar de comportarem materiais novos, não alteraram a sua configuração exterior, tendo-se recuperado a sua antiga aparência, restituindo a sua memória, à excepção de pequenas alterações ditadas pela regulamentação.



Figura 212. Balneário de Pedras Salgadas

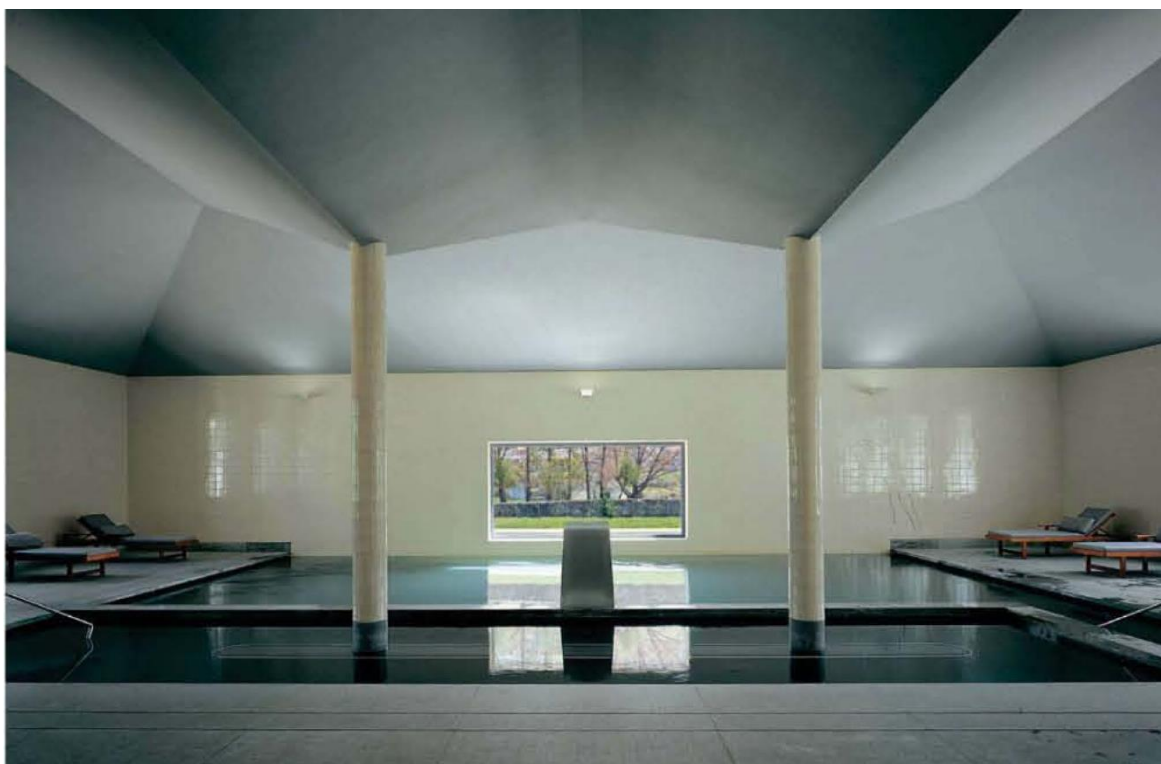


Figura 213. Piscina do Balneário de Pedras Salgadas

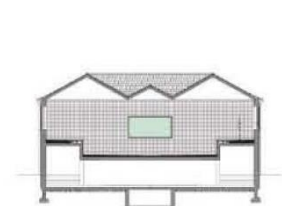


Figura 214. Corte longitudinal pela piscina



Figura 215. Corte transversal pela entrada e pela piscina

Por fim, a única construção nova projectada por Siza neste edifício é o volume para a piscina interior aquecida.

A piscina foi desde sempre um espaço importante nos balneários e tinha grande destaque na planta do edifício (Pinto, 2009). Por ser um espaço colectivo seria normal localizá-lo num espaço facilmente acessível para ambas as alas. Siza terá ido buscar aí a razão para localizar a piscina num sítio central do balneário. Uma extensão do edifício com localização já habitual de espaços comuns tanto em balneários como em hotéis termais.

Este novo corpo, localizado no tardo e ligado axialmente ao corpo central (figura 212), tem a mesma largura que este, quase a mesma profundidade, janelas semelhantes e o mesmo acabamento exterior, apresentando a mesma linguagem e sendo bastante semelhante ao restante edifício e de difícil distinção, como se fizesse parte do edifício existente. É reconhecível um elemento acoplado mas que parece existente. Não se verificam mudanças na lógica construtiva e de composição existente, por razões de adaptação ao programa. Manteve-se o ritmo das aberturas e a configuração das coberturas. As paredes foram rebocadas com o mesmo material, sem a criação de fissuras, conferindo a este novo corpo uma continuidade, como se sempre tivesse existido.

O aspecto mais interessante neste volume é a geometria do telhado. Siza não queria que este novo corpo competisse com a secção central a que este se liga (2013). Fez então a linha do cume mais baixa do que o nível da base da cobertura do corpo principal, à mesma altura que o cume dos corpos intermédios das alas laterais.

Apesar de manter a sua aparência por fora semelhante ao edifício existente, é por dentro que esta extensão do edifício se revela, sendo bastante diferente devido ao desenho do próprio telhado, conferindo tetos inclinados (figura 213). Por fora parece uma massa íntegra, porém possui uma oscilação no telhado (figura 214) que normalmente correspondia a uma lógica de claraboias, característica deste tipo de edifícios (Pinto, 2009). Muitas vezes a água central seria uma claraboia que iluminava o espaço, assim como as janelas.

Siza vai buscar a referência do desenho do telhado à lógica construtiva das coberturas de madeira, presentes no desenho do balneário, mantendo uma lógica não construtiva, mas uma lógica da forma. Sugere essa imagem/memória mas com uma nova formalidade, uma nova limpeza formal, construindo essa imagem, essa memória.



Figura 216. Corte longitudinal pelo corredor de circulação

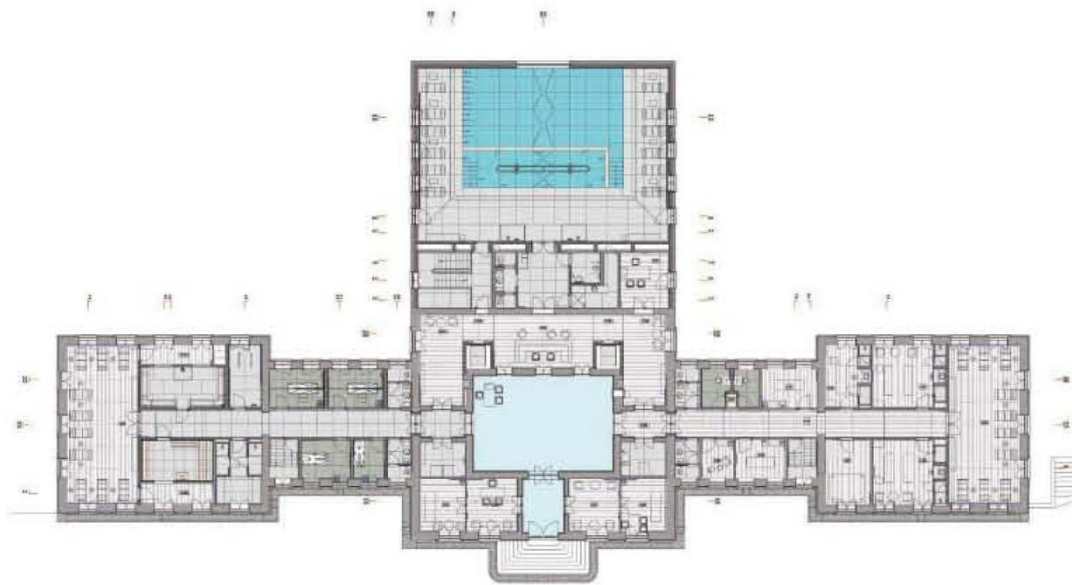


Figura 217. Planta do piso térreo

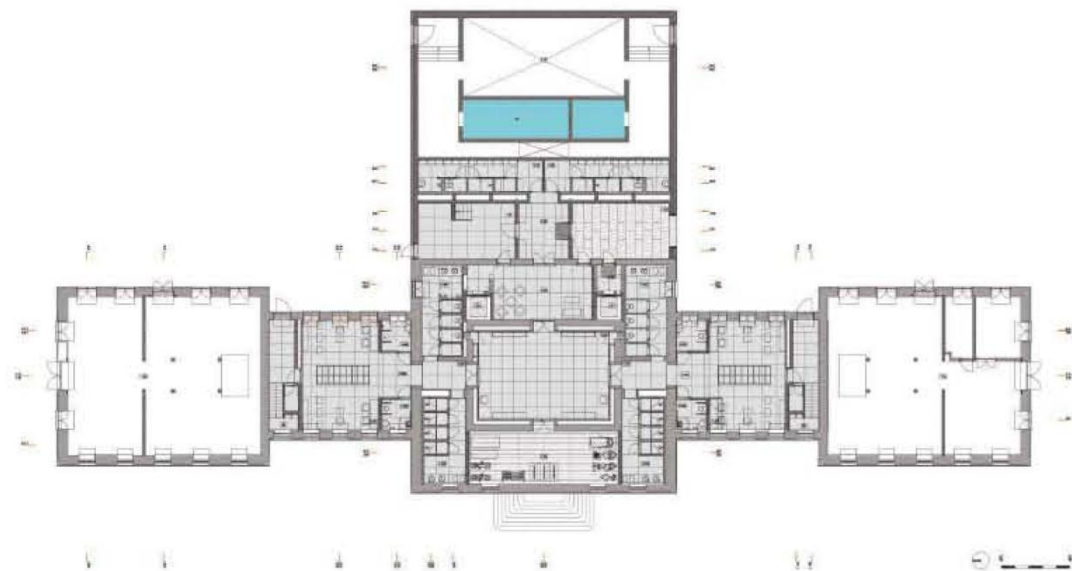


Figura 218. Planta do piso inferior



Figura 219. Interior do Balneário de Pedras Salgadas



Figura 220. Interior do Balneário de Pedras Salgadas



Figura 221. Corte transversal pela sauna



Figura 222. Interior do Balneário de Pedras Salgadas

Emprega então a solução de uma lógica de naves, de variação do telhado purificada, já não seguindo, por não ser necessário, a lógica de vigamento de madeira, típico de *open spaces*.

Aqui está presente também uma lógica de modelação já existente no edifício que Siza segue, uma métrica pentapartida que é o que controla a forma.

No interior deste novo corpo Siza introduz ainda duas colunas adjacentes na parte central deste espaço, situadas numa base dentro da própria piscina, onde as águas do telhado vão poisar.

Outro aspecto interessante do espaço onde se encontra a piscina é a colocação de uma janela na parede traseira numa posição axial, exactamente com a mesma largura que o espaço entre as duas colunas, o que a torna visualmente emoldurada por elas. O posicionamento axial da janela e a posição simétrica das duas colunas prolongam até ao exterior a linha de visão que atravessa o edifício desde as portas duplas situadas na entrada, uma solução paladiana já presente anteriormente no edifício e que Siza veio reforçar (figura 215).

2.2.1.2. Forma/Função

O edifício do balneário é composto por vários corpos de planta rectangular: três corpos de quatro águas com claraboia (um central e dois laterais) e duas alas de duas águas com claraboia que fazem a ligação entre os três corpos. O balneário possui dois pisos (piso térreo e cave), visíveis no corte da figura 216.

No piso térreo (figura 217), no corpo central, localiza-se o magnífico e grandioso átrio principal de distribuição, onde se encontra a recepção, que foi fielmente restaurado. Acede-se a este por uma escadaria que encaminha à antecâmara presente na entrada principal já existente perto de uma das alamedas do parque.

Os corpos laterais foram remodelados tendo agora novas funções. O corpo do lado direito, anteriormente “secção das mulheres”, é agora a zona seca onde são realizados os tratamentos de beleza e bem-estar, com salas de massagem e relaxamento, tratamento para casal, de rosto e corpo. Enquanto que o corpo do lado esquerdo, anteriormente a chamada “secção dos homens”, é agora a zona húmida onde são feitos os tratamentos com o poder terapêutico da água natural gaseificada de Pedras Salgadas, incluindo sauna (figura 219), hammam (figura 220), hidromassagem, hidroterapia, duche de agulheta (figura 222),



Figura 223. Interior do Balneário de Pedras Salgadas



Figura 224. Piscina do Balneário de Pedras Salgadas

duche vichy e uma sala de relaxamento. O programa inclui ainda gabinete médico onde são dadas consultas.

No piso da cave (figura 218) encontram-se os balneários e vestiários masculinos e femininos (figura 223) e o espaço do ginásio.

O novo corpo localizado no tardo do corpo central onde se localiza a piscina é também ele um corpo rectangular com aspecto e proporções idênticas ao corpo central do edifício. Siza faz a proposta deste novo corpo integrando-o totalmente até ao desaparecimento aparente.

O desenho do telhado deste novo corpo apresenta diferentes formas geométricas apenas perceptíveis no interior do edifício (figura 224), devido ao compromisso que existe com a linguagem exterior do edifício. Estes diferentes tetos inclinados são apoiados na métrica pentapartida do restante edifício.

O espaço é organizado com uma faixa em forma de U, com um telhado baixo de duas águas, e uma faixa mais estreita dentro desse U ao longo do eixo da sala, onde o teto baixa ainda mais. Com isto Siza deu ao teto um interessante desenho interior moderno e abstracto com diferentes formas geométricas.

O edifício contém agora dois acessos, a cotas diferentes. O acesso existente na entrada principal pela alameda do parque mantém-se e criou-se uma de serviço no piso inferior, ao nível do estacionamento, que permite aos hóspedes que chegam de autocarro terem acesso direto por elevador ou escadas à receção.

2.2.1.3. Tectónica

No renovado edifício do balneário Siza cria a memória do passado, reconstrói essa memória com materiais novos. A acoplação de um corpo novo não se impõe ao existente, havendo apenas pequenas subtilizas que o diferenciam. No geral o novo corpo parece existente, havendo uma aproximação ao existente. Foram usados os mesmos materiais de acabamento exterior em todos os corpos, resultando um aspecto homogéneo.

Os novos materiais permitem fazer uma arquitectura uniforme entre o existente e o novo, com janelas semelhantes e com o mesmo ritmo, o mesmo acabamento, composição e configuração de coberturas que lhes confere a mesma linguagem.

As paredes exteriores em pedra foram rebocadas com argamassa de cal hidráulica e integram um isolamento térmico interior, não tendo sido alterada a sua configuração, mantendo a sua memória.



Figura 225. Interior do Balneário de Pedras Salgadas. Ala da zona seca



Figura 226 Interior do Balneário de Pedras Salgadas

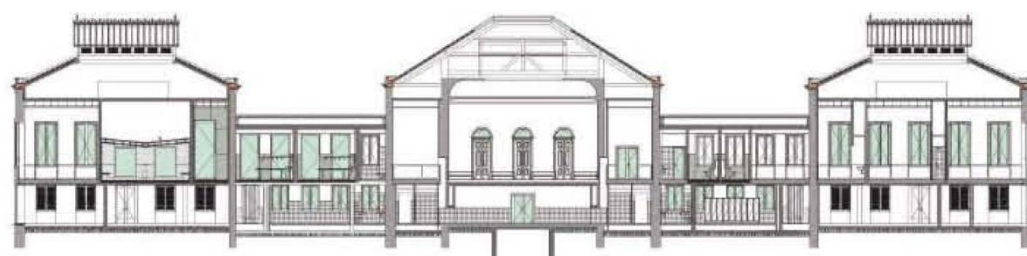


Figura 227. Corte longitudinal pelas salas de tratamento

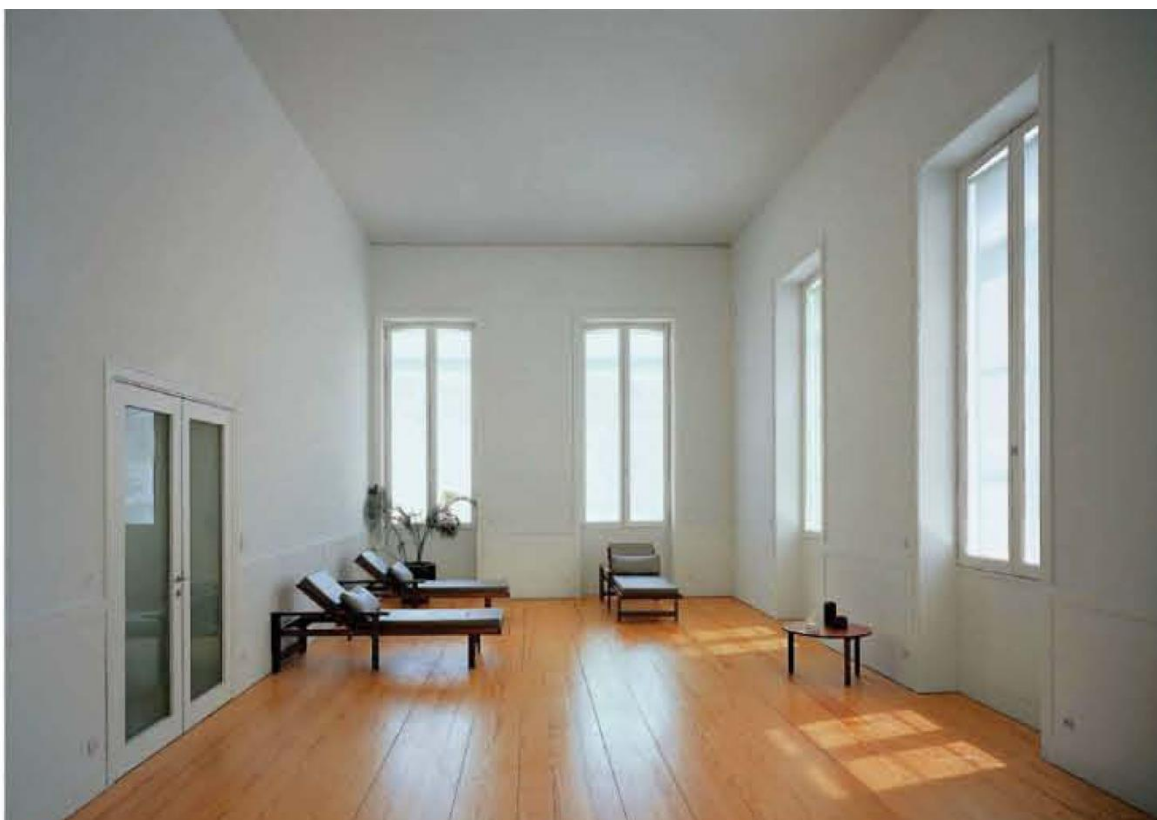


Figura 228. Interior do Balneário de Pedras Salgadas



Figura 229. Interior do Balneário de Pedras Salgadas

As paredes exteriores do volume da piscina são de betão armado e alvenaria de tijolo com isolamento de câmara de ar.

No corpo central do edifício foi feito um restauro com materiais novos que devolveram ao espaço a sua aparência inicial. Foi restaurado o pavimento com mosaico hidráulico, as paredes com estuque, as pinturas e a claraboia.

Os espaços interiores dos edifícios laterais foram remodelados. Siza fez uma leve distinção entre os materiais interiores que antes seriam de mosaico hidráulico. Na zona seca, no lado direito, o chão é em parquet e as paredes em estuque (figuras 225, 226 e 228). Na zona húmida, do lado direito, os materiais de revestimento utilizados foram para o piso o granito, para as paredes o estuque e azulejos e para os rodapés o mármore (figuras 229 e 230).

As carpintarias interiores e exteriores são de madeira pintada. As janelas são de vidro duplo e os pavimentos são de piso radiante, devido a condicionantes de conforto térmico.

O Spa Termal tem agora vários tratamentos de saúde e bem-estar que utilizam o poder terapêutico da água natural gaseificada de Pedras Salgadas, com novos conceitos, métodos e equipamentos, que renovaram o turismo termal (Fonseca, 2012).

Com a reabilitação deste edifício, Siza trouxe-lhe de novo o encanto que o caracterizava. O balneário agora modernizado de forma sóbria e minimalista possui um jogo entre a luz natural e as linhas contemporâneas no interior do edifício (Fonseca, 2012).



Figura 230. Interior do Balneário de Pedras Salgadas. Ala da zona húmida



Figura 231. Localização



Figura 232. Planta de implantação

2.2.2. Piscina em Pedras Salgadas

A piscina exterior pública de Pedras Salgadas situa-se num terreno limitado a nordeste pela estrada municipal 549 (Siza, 2013) (figura 231).

A implantação do edifício de receção, vestiários e das duas piscinas (uma para adultos e outra para crianças) foi determinada pela orientação e pela forma do sítio (figura 232). Um caminho do parque perpendicular à estrada, e que parte do ângulo de convergência entre a estrada e o parque, conduz ao vestiário (Siza, 2013) (figura 233).

2.2.2.1. Forma/Função

O edifício divide-se em três alas retangulares (figura 234) que confluem num átrio de acesso (figura 236). Os vestiários para mulheres e homens localizam-se em duas alas a sudeste que definem um pátio triangular. E, ainda, virado a oeste, um outro pátio retangular é ladeado pelos vestiários das mulheres e pela cafetaria – esta é a terceira ala que inclui bar, cozinha, despensa e instalações sanitárias para funcionários. Existe ainda um corpo perpendicular à ala da cafetaria que funciona como ampliação da mesma. A ala da cafetaria é prolongada para o exterior por uma pérgola (Siza, 2013).

À volta das piscinas dispõem-se as áreas para apanhar sol e chuveiros. Perto destas localiza-se a área destinada aos nadadores salvadores e serviço de primeiros socorros (Siza, 2013).

2.2.2.2. Tectónica

As paredes exteriores são de tijolo à prova de fogo rebocado e pintado. As paredes interiores são de tijolo rebocado revestido com tinta *epóxi*, com uma altura de 2,25 metros (figuras 238, 239 e 240). As carpintarias interiores e exteriores são de madeira. Nos vestiários foram feitas aberturas superiores exteriores para ventilação natural em paredes opostas. Os pavimentos interiores e dos terraços são em granito (Siza, 2013).



Figura 233. Piscina em Pedras Salgadas



Figura 234. Piscina em Pedras Salgadas

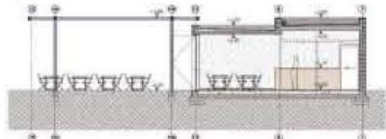


Figura 235. Corte transversal pela cafeteria

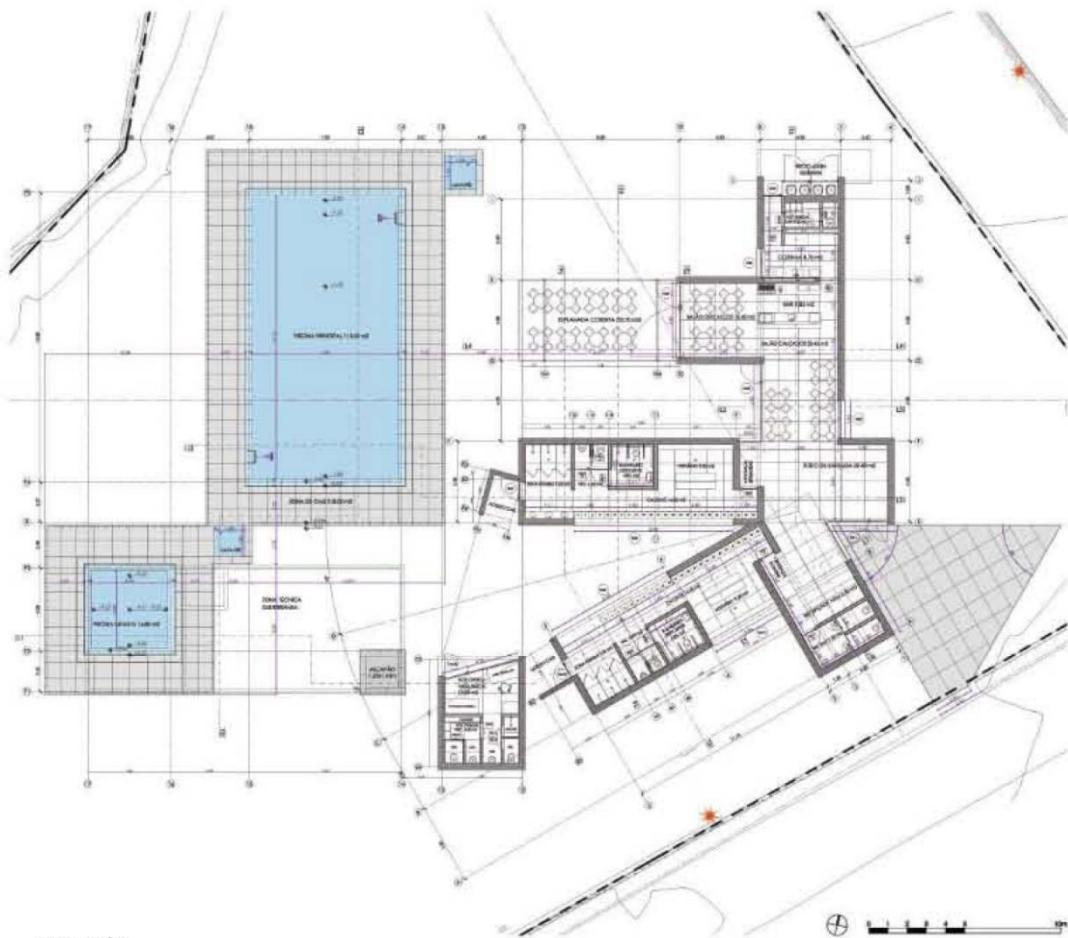


Figura 236. Planta

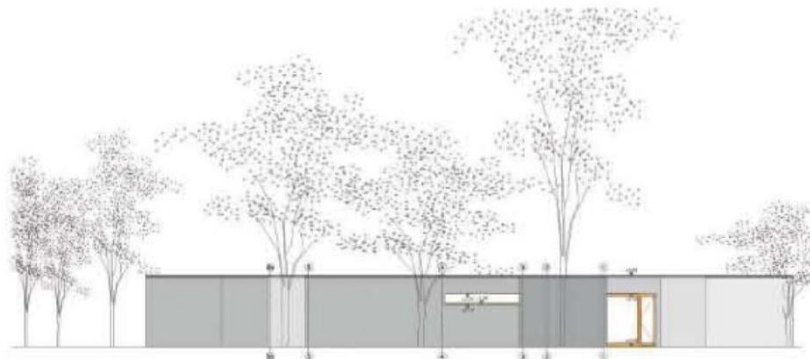


Figura 237. Alçado Sudeste



Figura 238. Interior do edifício



Figura 239. Interior do edifício



Figura 240. Interior do edifício



Figura 241. Piscina em Pedras Salgadas



Figura 242. Piscina em Pedras Salgadas



Figuras 243. Piscina em Pedras Salgadas

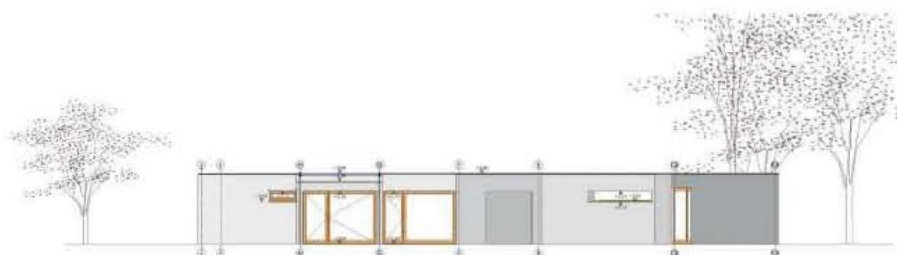


Figura 244. Alçado Oeste

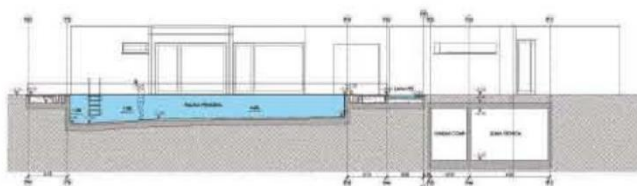


Figura 245. Alçado longitudinal pela piscina



Figura 246. Alçado Este

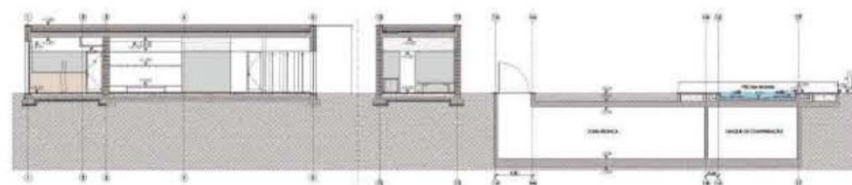


Figura 247. Corte transversal pela piscina, vestuários masculinos e recepção

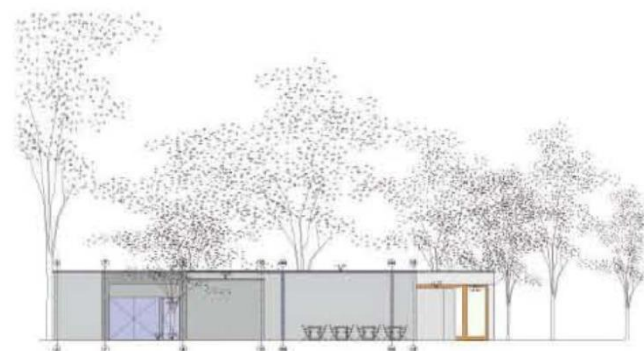


Figura 248. Alçado Norte



Figura 249. Lago



Figura 250. Lago

2.2.3. Lago

A alguns metros de distância da piscina fica o lago do Parque, que “já existia desde o início do século XX, mas que tinha sido cortado para dar lugar às antigas piscinas. Com o desenho actual, Siza devolveu-lhe a sua forma original” (Pereira, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho foram expostos os casos de estudo, devidamente enquadrados na história europeia, nacional e local. Depois de uma visita à personalidade e obra de Álvaro Siza Vieira e também às suas abordagens arquitetónicas, estamos agora em condições de responder às questões-problema que motivaram este estudo.

Começemos por analisar em que medida as intervenções arquitetónicas contemporâneas representam, em comparação com as anteriores, uma evolução na promoção das termas.

Como pudemos observar, ao longo da história vários foram os períodos em que as termas sofreram alterações programáticas relevantes com impactos significativos na procura pelas mesmas. Exemplos disso são as necessidades de adaptação das estâncias termais no final do século XIX em Portugal, que acabaram por culminar na criação de verdadeiros microcosmos termais e que geraram a febre termal (Providência, 2007) e o período dourado do termalismo no país; e, mais tarde, as alterações que permitiram alguma revitalização das termas, depois de um longo período de esquecimento ditado, em grande parte, pela forte concorrência da praia enquanto destino e ponto de encontro.

O paradigma atual é substancialmente diferente do que os projetistas encontravam no final do século XIX. Nessa época, a arquitectura desempenhou um papel decisivo no aumento da procura das termas, através da criação de cenários próprios que colonizavam o desejo de felicidade (Providência, 2007) e exigiam projetos feitos praticamente de raiz, com pouca reabilitação. Não deixa de ser relevante, contudo, dois aspectos: por um lado, as termas estavam na moda; por outro, e precisamente em consequência disso, os arquitetos tinham do seu lado os investidores, que viam no termalismo uma oportunidade única de retorno.

Na actualidade, o paradigma parece ter mudado: as termas já não estão na moda, os investidores já não procuram projetos megalómanos com a convicção de que terão retorno com as intervenções a realizar. Os projetos já não são elaborados de raiz: eles procuram respeitar o património dos edifícios, de uma história que expusemos ao longo do trabalho e que é tão rica como importante a nível nacional. E, acima de tudo, a praia parece ser muito mais do que uma moda passageira: é, hoje, o principal destino do turismo de massas, ao contrário das termas, que se destina a nichos de mercado.

Posto isto, a arquitetura é hoje mais do que um meio decisivo para a angariação de aquistas: ela é o fator-chave para a sua captação. É a arquitetura termal que desempenha, com a conciliação entre o antigo e o novo, entre o respeito pela modernidade e pelo património, aliado ao ambiente prazeroso que proporciona a quem a visita, o papel principal na captação de turistas. Choay afirma que “a sedução de uma cidade resulta da diversidade estilística das suas arquitecturas e dos seus espaços” (2010, p.16).

Esta aposta na arquitetura e na reabilitação de antigas estâncias termais deve-se precisamente à mudança de paradigma: hoje não há tantos meios para investir nas estâncias termais, dado que são programas para nichos; mas, ao mesmo tempo, há uma necessidade de investimento alicerçado em arquitecturas magníficas, capazes de atrair turistas e que proporcionem experiências luxuosas a quem as visita.

Isto é conseguido através da preservação desse património único, modernizando-o. As propostas actuais procuram aliar as novas técnicas da contemporaneidade com a reabilitação dos edifícios ou com a construção de novos, respeitando as pré-existências, estabelecendo a relação entre o antigo e o novo, e preservando as cores e os materiais do velho. Nestas propostas acontece aquilo a que chamamos adição, com o inevitável confronto entre o que existe e o que é feito de novo. Mas não foi sempre assim?

Choay explica que as pré-existências, aquilo que se dá por garantido, são adições feitas ao longo dos tempos (2010). A arquitetura moderna é aqui, portanto, uma adição, como o foram as outras arquitecturas que foram acrescentadas. Estes edifícios estão sempre dependentes de sucessivas adições, ajustamentos à contemporaneidade, ao seu próprio tempo. O que Siza faz nos casos de Vidago e Pedras Salgadas também é um acrescento ao seu próprio tempo.

Ali, a problemática da confrontação do velho com o novo é resolvida pela arquitectura contemporânea e pelo espírito moderno, com o culto do monumento dos edifícios de Pedras Salgadas e de Vidago, símbolos que não podem ser destruídos. A arquitectura contemporânea, com novas tecnologias e materiais, vai procurar confrontar realidades: as realidades do existente, a sua materialidade, a sua expressividade com novas realidades, novas expressões.

Isto leva-nos precisamente à segunda questão-problema do trabalho: de que forma a arquitetura de Siza se manifesta nas suas intervenções nas estâncias termais de Vidago e Pedras Salgadas?

Álvaro Siza é exemplar na capacidade de conciliação da modernidade com as pré-existências. À semelhança do que acontecera na sua intervenção no Chiado, também nas estâncias termais de Vidago e Pedras Salgadas ele consegue transformar e atualizar os edifícios reabilitados mantendo a sua identidade carregada de imagens e memórias do espaço termal, construídas no início do século XX. Siza tenta continuar com o processo de adição, transformando o antigo. Prolonga a imagem, adaptando-a, melhorando-a, conformando-a à contemporaneidade com novas exigências, com novos edifícios. Nestas estâncias termais foi recuperado o ambiente de bem-estar que as caracteriza, que é oferecido pelo contacto próximo com a natureza.

Esta filosofia de Siza está bem patente quando diz que é a história que indica o que vem a seguir, procedendo para isso a uma análise e investigação quase arqueológicas (2009). Os pontos fortes dessa história determinam as suas intervenções em Vidago e em Pedras Salgadas que estabeleceram uma ligação com o lugar e com os edifícios existentes.

A intervenção em Vidago caracteriza-se pela incorporação e reconhecimento de um elemento novo que faz a reformulação do espaço exterior. Em Pedras Salgadas existe uma situação de desaparecimento, em que o corpo novo tem a sua expressividade no espaço interior. Só se reconhece no interior, por fora parece um corpo existente.

Em Vidago são feitas mais obras de restauro. Apesar de ter feito a proposta e plano geral do restauro do Vidago Palace Hotel, Siza restaura apenas o piso de entrada e a envolvente edificada do Palace, tendo-se desresponsabilizado pelos pisos dos quartos, por ter sido contratada uma empresa de restauro. Enquanto em Pedras Salgadas foi tido especial cuidado no restauro e manutenção integral do vestíbulo e do átrio principal, apesar de toda a estrutura edificada ter sido recuperada. No restauro destes espaços Siza procurou manter a integridade ornamental, aplicou a cor original, restaurou os fingimentos de madeira ou pedra (prática frequente do princípio do século XX), mantendo uma memória.

Em Pedras Salgadas, o corpo novo acoplado constrói uma memória de jogo de telhados num *open space* que remete para o edifício do Club House de Vidago, ainda que Siza aposte na neutralidade e na limpeza formal. Já em Vidago o novo corpo procura fazer memória intemporal, na maneira como organiza o território, na sua relação com a

envolvente. Siza reconstrói a memória dos passeios da tarde transformando o espaço da piscina num objecto lúdico, através de uma rampa e de um percurso. Este percurso confere tempo ao espaço, em que o tempo ganha forma.

Eis-nos, de resto, a responder à última questão-problema do trabalho: que semelhanças e diferenças é possível identificar nas intervenções de Álvaro Siza em Vidago e Pedras Salgadas?

As intervenções têm um propósito comum, e tendo em conta a semelhança na localização, na história e nos contextos geográficos e topográficos, também é natural a relação de proximidade entre as duas intervenções. E nem estas coincidências seriam necessárias. O próprio Siza (2009) diz que as relações entre intervenções em sítios diferentes são mais do que naturais, uma vez que nada do que se faz é completamente novo e que as condicionantes podem levar a soluções semelhantes em vários projetos.

Os resultados finais são, contudo, inevitavelmente diferentes. Vejamos, então, os aspectos em que as duas intervenções se aproximam e distanciam uma da outra.

No estabelecimento termal em Pedras Salgadas, a proposta parte da neutralização da intervenção nova, que desaparece, mantendo a integridade do existente, apenas se revelando no interior. A plenitude da intervenção só é reconhecível no interior.

Em Vidago, é feito um edifício novo e reconhecida a sua autonomia, procurando não colidir com a representatividade do edifício mãe, do corpo principal, da sua característica *Belle Époque*. É a confrontação entre uma volumetria nova com a existência do velho.

Nos estabelecimentos de Vidago e de Pedras Salgadas há claras semelhanças espaciais e de natureza dos materiais, a que o contexto não será alheio. No balneário de Pedras Salgadas e no Club House de Vidago (os dois edifícios reabilitados pelo arquiteto) o objetivo central de Siza é recuperar a sua identidade, não colidindo com o existente. Faz com que as coisas novas pareçam existentes e dêem continuidade às antigas.

A mesma preocupação existe no Vidago Palace Hotel, em que Siza procura preservar o existente, as características patrimoniais da cultura da *Belle Époque*. Para isso procedeu a pesquisas e análises arqueológicas, de modo a intervir sem prejudicar este edifício emblemático. Devido à forte importância deste hotel na estância, Siza coloca o estabelecimento termal por trás dele e estabelece entre ambos uma ligação interna. Isto permite-lhe não tirar protagonismo ao hotel e criar mais conforto para os clientes que

queiram frequentar o estabelecimento termal sem ter de enfrentar as condições climáticas rigorosas do exterior. A relação muito próxima construída por Siza entre o estabelecimento termal e o hotel através da cor permite dar a ideia de que um é o prolongamento do outro.

O mesmo não acontece no edifício das piscinas em Pedras Salgadas, uma vez que este edifício é projetado de raiz. Completamente novo e sem pré-existências próximas, Siza vai buscar a sua forma a alinhamentos do parque, aos seus limites e às suas alamedas, tendo sempre em consideração as outras relações e pontos em que se apoia para fazer a sua arquitetura. Cria, assim, uma nova forma autónoma, maioritariamente a partir de traços geométricos, onde estabeleceu relações complexas com o lugar.

Em todos os edifícios nota-se a preocupação de Siza em trabalhar a luz. Ele usa as aberturas para jogar com a luz e criar relações visuais com o exterior. Um exemplo disso é a grande abertura no espaço do ginásio no estabelecimento termal de Vidago, onde janela é um espaço cénico em que o parque penetra o interior do edifício. A arquitetura de Siza nestes espaços promove uma sensação de bem-estar assim que se entra neles, na contínua relação entre o espaço interior e exterior. Consegue-o de forma notável tanto em Pedras Salgadas como em Vidago, com a transformação do local, do contexto, na construção da memória.

Para concluir, referência apenas para o impacto que este estudo teve em mim. O estudo pormenorizado de uma problemática tão atual como a da recuperação de edifícios históricos no seu compromisso com as exigências da contemporaneidade e a possibilidade de a explorar tendo como referência o arquiteto Álvaro Siza foi uma contribuição inestimável para a minha formação em arquitetura.

A satisfação de ter encontrado resposta para todas as questões-problema que guiavam este estudo permite-me concluir que esta etapa da minha formação académica foi extremamente valiosa e que trará certamente frutos no meu futuro pessoal e profissional, como percebi há não muitos dias, após subir as escadarias do Hotel Palace Vidago, cruzar as portas de entrada e sentir-me envolvida pelo jogo de luz e de cor daquela arquitetura única.

Foi uma experiência marcante. Marcante pela consciência do papel dos arquitetos naquela viagem no tempo, proporcionada pelo cenário e pelos próprios funcionários-atores, que parecem representar ali as cenas quotidianas dos dias remotos para os quais somos transportados.

Mas marcante, especialmente, porque o atravessar daquele átrio magnífico e sumptuoso, depois de toda a reflexão produzida sobre a arquitetura termal no âmbito deste trabalho académico, assumiu um carácter simbólico, como se aquela travessia fosse, ela própria, uma síntese do percurso transformador feito durante os anos passados nesta universidade. Porque é assim: neste momento, o da saída, também nós somos, já, outros – o resultado da adição do que éramos e do que passámos a ser, depois do que aqui vivemos e aprendemos. E, felizmente, obras sempre inacabadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, C. (19 de Maio de 2010). *Unicer abre termas de Pedras Salgadas*. Obtido em 21 de Novembro de 2014, de expresso: <http://expresso.sapo.pt/unicer-abre-termas-de-pedras-salgadas=f583819#ixzz3OoknWgJv>
- Campos, N. (2012). *GUIA DE ARQUITECTURA. ESPAÇOS E EDIFÍCIOS REABILITADOS*. Traço Alternativo - Arquitectos Associados, Lda.
- Castro, M. (2014). *O EXTRAORDINÁRIO VIDAGO PALACE*. Obtido em 15 de Janeiro de 2015, de on air: <http://www.lfp.pt/onair/content/people/vidagopalace.html>
- Choay, F. (2010). *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70.
- Cóias, V. (22 de Novembro de 2007). *Qualificação para a reabilitação: a diferença entre sucesso e fracasso*. Obtido em 31 de Outubro de 2014, de 2.º Congresso Nacional de Argamassas de Construção: http://www.apfac.pt/congresso2007/comunicacoes/22/001%20PP%20100_07%20Vitor%20Coias.pdf
- Carreiro, J. F. (2004). *Vidago: origens e instituições*. Vidago: Junta de Freguesia.
- Fonseca, A. (27 de Novembro de 2012). *Pedras Salgadas Spa & Nature Park: O melhor de dois mundos!* Obtido em 3 de Novembro de 2014, de expresso: <http://boacamaboamesa.expresso.sapo.pt/boa-cama/escolha-escape/pedras-salgadas-spa-nature-park-melhor-dois-mundos-8788561>
- Júlio. (19 de Março de 2011). *O que foi e o que é...* Obtido em 10 de Janeiro de 2015, de Meu Vidago: <http://vidagoimagens.blogspot.pt/2011/03/o-que-foi-e-o-que-e.html>
- Mangorrinha, J. (2012). *O que é uma cidade termal*. [S.I. : s.n.].
- Neves, F. M. (2002). *O turismo termal no Norte de Portugal : Vidago e Pedras Salgadas : o desenvolvimento de duas estâncias termais*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- O club house*. (n.d.). Obtido em 7 de Janeiro de 2015, de Vidago Palace: <http://www.vidagopalace.com/pt/restaurantes-bares/o-club-house/>
- O Modelo do Novo Paradigma Termal- o caso português*. (Maio de 2008). Obtido em 30 de Outubro de 2014, de <https://woc.uc.pt/fluc/getFile.do?tipo=2&id=9293>
- Pedras Salgadas Eco-Resort / Luís Rebelo de Andrade & Diogo Aguiar*. (2012). Obtido em 5 de Dezembro de 2014, de archdaily: <http://www.archdaily.com/307297/pedras-salgadas-eco-resort-luis-rebelo-de-andrade-diogo-aguiar/>

- Pereira, A. I. (17 de Julho de 2013). *UNICER INAUGURA INVESTIMENTO DE 20 MILHÕES EM PEDRAS SALGADAS*. Obtido em 5 de Janeiro de 2015, de porto24: <http://www.porto24.pt/cidade/unicer-inaugura-investimento-de-20-milhoes-em-pedras-salgadas/>
- Pereira, M. J. (1971). *Cem anos de história e progresso de um povo (Vidago)*. Lisboa: Oficinas de S. José.
- Pinto, H. G., & Mangorrinha, J. (2009). *O desenho das termas: história da arquitectura termal portuguesa*. Lisboa: Ministério da Economia e Inovação.
- Pinto, H. G., Serén, M. d., Mangorrinha, J., & Vinagre, V. (2003). *Álbum das termas*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Pinto, N. R. (2009). *Arquitectura Termal Portuguesa. Benefícios da sua recuperação*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Providência, J. (2007). *Arquitectura da estação termal no séc. XIX*, Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Rodrigues, R. P. C. (2011). *Estância termal. Espaço verde termal. Catalisador urbano das Caldas da Rainha*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Rodgers, A. R. (n.d.). 2.º *ENCONTRO NACIONAL SOBRE PATOLOGIA E REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS*. Obtido em 31 de Outubro de 2014, de <http://alexandria.tue.nl/openaccess/Metis211083.pdf>
- Silva, M. R. (2012). *Bibliotecas contemporâneas em Portugal*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.
- Siza, Á. (1998). *Imaginar a evidência*. Lisboa: Edições 70.
- Siza, Á. (2013). *Lecciones magistrales 2008-2013*. Madrid: El Croquis Editorial.
- Siza, Á. (2009). *Uma questão de medida (entrevista com Dominique Machabert e Laurent Beaudouin)*. Lisboa: Caleidoscópio.
- Termas de Pedras Salgadas*. (n.d.). Obtido em 3 de Novembro de 2014, de Termas de Portugal: <http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Termas-de-Pedras-Salgadas>

Termas de Vidago. (n.d.). Obtido em 29 de Dezembro de 2014, de Termas de Portugal:
<http://www.termasdeportugal.pt/estanciastermais/Termas-de-Vidago>

Tree Snake Houses / Luís Rebelo de Andrade + Tiago Rebelo de Andrade. (2012). Obtido em 11 de Dezembro de 2014, de archdaily:
<http://www.archdaily.com/432254/tree-snake-houses-luis-rebelo-de-andrade-tiago-rebelo-de-andrade/>

Vidago Palace Hotel recebe torneio internacional de golfe. (n.d.). Obtido em 26 de Dezembro de 2014, de Vidago Palace:
<http://www.vidagopalace.com/pt/golfe/senior-open-portugal/>